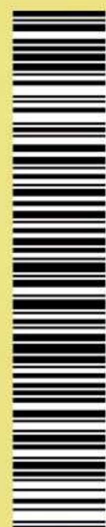
Revista LiteraLivre©

ISSN 2595-363X

Distribuição Gratuita

Vol. 03 - nº 14 - Mar./Abr. de 2019





Literatura com Liberdade

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Volume 3, número 14 - Mar./Abr. de 2019 - ISSN 2595-363X
Jacareí - SP - Brasil

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo.
Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Distribuição: Gratuita online em pdf

Revisão: *Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.*

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa: Pixabay

Site da revista:
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

Contato: revistaliteralivre@yahoo.com

Página do Facebook:
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

Autor Corporativo: Ana Rosenrot
Endereço: Rua Dos Cravos, 106 – Parque Santo Antônio – Jacareí/SP - CEP: 12.309.360



Edições (atual e anteriores):
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/numeros





ISSN 2595-363X

EDITORIAL

Queridos amigos e amigas, é com muita felicidade que trago a vocês a 14ª edição da Revista LiteraLivre.

Neste momento, mais do que nunca, percebemos a importância da cultura para o desenvolvimento humano e por isso, quero agradecer a cada autor que cedeu seu trabalho no intuito de levar a literatura cada vez mais longe e espero contar sempre com o apoio e a participação de todos.

Na segunda edição de 2019, trazemos os mais variados textos do mundo todo, um convite para a Antologia "Pesadelos Mórbidos" e duas homenagens especiais para as mulheres: o Artista do Mês, com a queridíssima Clarice Lispector e a Coluna CULTíssimo Especial, onde conheceremos a verdadeira criadora do cinema tal qual o conhecemos: *Alice Guy-Blaché*.

Muito obrigada aos amigos que vem nos acompanhando em todas as edições, lendo, divulgando, ou nos enviando seus melhores escritos!

Vamos mudar o mundo através das palavras!!!

Meu agradecimento especial ao Mr. Óculus, pelo envio do livro EstrAbismo, que eu e a equipe gostamos demais!! Sucesso!E que este seja o primeiro de muitos!!



Ana Rosenrot
Editora-chefe

Neste Número:

Enviem seus trabalhos para a próxima edição até 05/04!!

Leiam o Regulamento!

A participação é gratuita!!

Não se esqueçam de assinar a revista no site!

Sabedoria Urbana(Foto)

Ana Rosenrot – Jacareí/SP



Coluna CULTíssimo

Alice Guy-Blaché, a verdadeira mãe do cinema

Quando o assunto é o início da história do cinema, muito se fala das primeiras exibições cinematográficas feitas pelos irmãos *Auguste* e *Louis Lumière* e o primeiro filme de ficção feito por *George Méliés*, certo? Não exatamente!

O problema, é que grande parte dessa história não é verdade: não foi realmente Méliés quem produziu o primeiro filme ficcional da história. Então, quem foi? A francesa *Alice Guy-Blaché,* a verdadeira mãe do cinema.



Como acontece com a maioria das mulheres pioneiras, o patriarcado tem a tendência de diminuir ou se apossar dos feitos femininos, apresentado a história somente sob a ótica masculina.

Por isso, trago para vocês a vida e a obra dessa mulher visionária e lutadora: a criadora da Sétima Arte.

Alice Ida Antoinette Guy, nasceu na cidade de *Saint-Mandé*, *França*, em 1º de julho de 1873; filha de *Marie Clotilde Franceline Aubert* e de *Emile Guy*, donos de uma rede de livrarias e de uma editora no *Chile*. Alice nasceu durante uma viagem de sua família à França e viveu em *Carouge*, na *Suíça*, com os avós, até os 4 anos de idade, depois, foi para o Chile e mais tarde,

voltou para a Europa, indo estudar na França.

Mas a vida de menina rica de Alice duraria pouco: seu pai teve que decretar falência e pouco tempo depois, seu irmão mais velho morre, o que termina de destruir sua família, pois, seu pai, desgastado pela crise financeira e com a saúde abalada, logo veio a falecer, deixando os Guy na miséria.

Para poder sustentar à mãe e a si mesma, Alice formou-se em datilografia e estenografia, profissões em ascensão na época e em 1894, aos 21 anos, foi trabalhar como secretária de *Léon Gaumont*, *na Comptoir Général de la Photographie* e quando a empresa faliu, *Gaumont* adquiriu seu espólio, levando Alice para trabalhar com ele, ali nasceria a Gaumont Film Company.

Em 1895, ela e *Gaumont* participam da primeira demonstração pública do "*Cinematógrafo"*, promovida pelos irmãos *Lumière e ao assistir "La Sortie de l'usine Lumière à Lyon" (A Saída dos Operários da Fábrica Lumière)* – um simples registro do cotidiano dos funcionários da fábrica Lumière –, Alice viu nessa demonstração mais do que a ideia de usar filmes para fins científicos, ou promocionais, somente com o intuito de vender câmeras e equipamentos, mas também para fins narrativos, contando histórias. Então, ela aproveitou que *Gaumont* passou a comercializar o Cinematógrafo e pediu a ele permissão para fazer experimentos com a câmera, filmando cenas narrativas com atores.

Em 1896 (meses antes de *George Méliés iniciar seus experimentos),* Alice Guy, aos 23 anos*,* lança o primeiro filme de ficção roteirizado: "*La Fée Aux Choux"* (A Fada do Repolho), um curta-metragem baseado num conto infantil francês, sobre o nascimento dos bebês, que foi muito bem-aceito pelo público.



Impressionado com o resultado e vendo um grande potencial para a venda de câmeras, Gaumont criou um departamento de cinema narrativo, promovendo Alice a chefe de produção. Oficialmente, ela se tornava

a primeira Diretora, Produtora, Roteirista e Produtora Executiva da história do cinema.

Apesar de muitos homens ficarem incomodados por terem uma mulher ocupando um cargo de poder, coisa incomum naquela época e em algumas ocasiões tentarem até sabotar seu trabalho, Alice não se importou com isso e continuou a trabalhar com esforço e dedicação, dirigindo centenas de curtas-metragens. Ela introduziu os primeiros rudimentos da técnica de montagem, efeitos especiais usando dupla exposição e técnicas de máscaras, experimentou métodos para colorir o filme, pintando frame por frame à mão e deu os primeiros passos para a criação do cinema sonoro, utilizando um aparelho criado por Gaumont, chamado *Chronophone*, que sincronizava o som com a imagem. E assim, Alice gravou vários Phonoscènes (o precursor dos videoclipes), com cantores famosos da Belle Époque fazendo "Lip Sync"(isso mesmo), Filmparlants (filmes falantes),filmes de viagem, cenas do cotidiano, shows de dança e até combinação de temas, como nos filmes *Le Bolero (1905)* e *Tango (1905),* que ela gravou na Espanha.



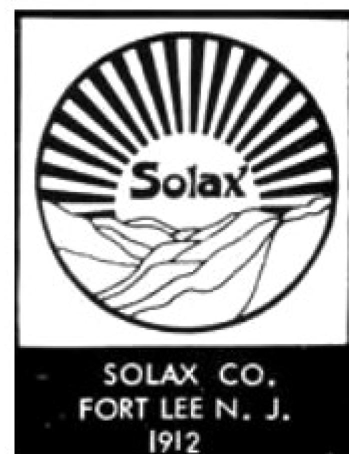
Com filmes de grande destaque, o ano de 1906 foi incrivelmente promissor para Alice e para o cinema mundial. Seus principais filmes daquele ano foram: *Les Résultats du Féminisme (Os resultados do Feminismo),* que retrata, de forma divertida, uma sociedade em que os papéis de gênero foram trocados e os homens são vistos em atividades antes atribuídas às mulheres: passando roupas, cuidando de bebês e até mesmo usando vestidos. As mulheres, em contraposição, usam calças, fumam, bebem, humilham seus maridos e assediam maridos alheios. Os pobres homens logo se revoltam com as injustiças e promovem uma revolução. Com momentos hilários e sem perder o senso crítico, este filme é

incrivelmente atual, pois, traz a concepção do "sentindo na pele", algo ainda muito discutido no século XXI. E o primeiro *Blockbuster* (filme com grande apelo comercial) da história: *O Nascimento, a vida e a morte de Cristo (La naissance, la vie et la mort du Christ);* uma superprodução com 25 sets de filmagem, duração de 33 minutos e mais de 300 figurantes, que contava a trajetória de Jesus Cristo; um épico marcante, imediatamente aclamado pela crítica.



Em 1907, ela se casa com *Hebert Blaché* e eles se mudam para os *Estados Unidos*. Três anos depois, em 1910, Alice (agora Guy-Blaché) e o marido, criam, em *Fort Lee*, *Nova Jérsey*, a Solax Company e ela se torna a primeira mulher a dirigir um estúdio de cinema, o maior estúdio antes da criação de *Hollywood*.

A Solax foi a responsável por grandes produções cinematográficas da época, tais como: *Dublin Dan (1912)*, *Rogues of Paris (1913)*, *Brennan of the Moor (1913)*, *The Pit and the Pendulum (1913)* e *Shadows of the Moulin Rouge (1914)*, e contava com grandes atores e atrizes famosos, incluindo *Olga Petrova, Ethel Barrymore, John Barrymore(avô da Drew)* e *Alla Nazimova.*





Alice Guy-Blaché era uma mulher a frente de seu tempo e seus filmes traziam temáticas ainda não





inteiramente superadas nos dias atuais, ela destacou em suas produções temas como, a homossexualidade, a maternidade, o papel das mulheres na sociedade e as questões raciais e de gênero, sempre tratando ironicamente os grandes conflitos do seu tempo. Em 1912, ela dirigiu *"A Fool and His Money" (Um Tolo e Seu Dinheiro)*, o primeiro filme só com atores afro-americanos, em tempos de segregação e *Blackface(atores brancos com o rosto pintado com carvão para parecerem negros);* o filme foi considerado revolucionário para a época, e hoje ele se encontra no *National Center for Film and Video Preservation,* do *American Film Institute.*



Durante os anos de sucesso da Solax, foram produzidos pelo menos um filme por semana, de todos os gêneros: comédias, filmes de guerra, romances e dramas familiares. Alice foi a única mulher nos Estados Unidos a receber mais de U$ 25 mil dólares por ano e seus filmes eram exibidos com exclusividade, pela *Metro Pictures Corporation* (futura MGM).

Mas o sucesso duraria pouco: com a criação de Hollywood em meados da década de 1910, todos os estúdios da costa leste dos Estados Unidos começam a fechar devido a criação de novos e sofisticados estúdios na costa oeste. Além disso, seu marido, que assumiu a presidência da Solax para que Alice pudesse focar na direção e cuidar dos filhos, era um péssimo empresário, que se envolvia em maus investimentos, fazia empréstimos absurdos e colecionava amantes, inclusive uma das estrelas da companhia, a atriz Catherine Calvert. Seu último sucesso foi *The Ocean Waif,* de 1916, com dois grandes nomes do cinema mudo *Carlyle Blackwell* e *Doris Kenyon*. Um filme polêmico, onde uma garota que sofre abusos de seu padrasto foge e vai viver um romance com um escritor novelista.



À beira da falência, ela tem que enfrentar uma série de problemas: seus filhos quase morrem de sarampo, ela contrai Gripe Espanhola, perde 4 colegas de trabalho para a doença e tem que enfrentar um divórcio litigioso. Alice dirigiu seu último filme em 1920, quase morrendo durante a produção por causa da Gripe Espanhola. Em 1922, devido ao divórcio, ela finalmente decreta falência, leiloa o estúdio e volta para a França, onde, sem encontrar reconhecimento por sua obra, passa a dar aulas de cinema; ela nunca mais viria a dirigir ou produzir outro filme.



Em 1956, Alice Guy-Blaché foi condecorada na França com a *Ordem Nacional da Legião de Honra*, a maior honraria do governo francês a figuras de destaque militar ou civil do país; até então, sua obra estava completamente esquecida. No ano de 1964, ela retorna aos Estados Unidos, para morar com a filha e em 1968, falece, aos 94 anos de idade, em *Mahwah, Nova Jersey*, num asilo para idosos.

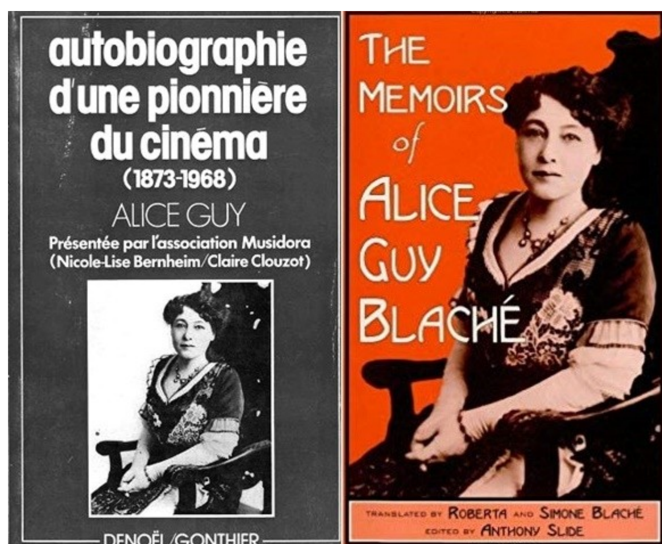


Após 24 anos de trabalho intenso, mais de 1000 filmes, entre eles 22 longas-metragens, Alice Guy-Blaché, a primeira pessoa a criar filmes com narrativa e coerência (começo, meio e fim), inventando o cinema conforme o conhecemos hoje, com atuações realistas (ela espalhava placas pelo estúdio com o lema: Be Natural – Seja Natural) e não caricatas e exageradas como se tornou comum entre seus contemporâneos do cinema mudo, foi simplesmente excluída dos registros históricos pelos homens que passaram a comandar a lucrativa indústria cinematográfica e até mesmo por seu primeiro apoiador, *Léon Gaumont*, que omitiu a participação de Alice no livro que escreveu sobre a história do seu estúdio. Somente em 1954, seu filho, *Louis Gaumont,* corrigiu o erro,

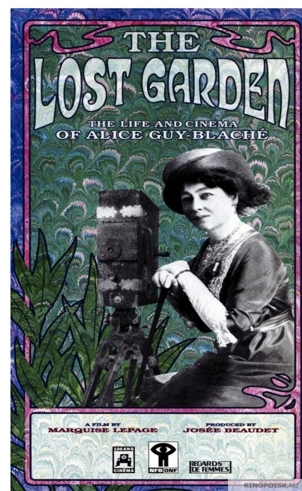




destacando a importância da cineasta. Graças a isso, o pesquisador Victor Bachy e os críticos Georges Sadoul e Jean Mitry, se dedicaram a pesquisar e a redescobrir sua obra. A família Blaché lança, em 1976, seu livro de memórias "Autobiographie d'une pionnière du cinéma"(Autobiografia de UmaPioneira do Cinema), relançado em 1986, nos Estados Unidos, por *Anthony Slide*, com o título: *"The Memoirs of Alice Guy-Blaché"(As Memórias de Alice Guy-Blaché).*



Em 1995 a diretora canadense *Marquise Lepage* realiza o documentário "*The Lost Garden: The Life and Cinema of Alice Guy-Blaché*(O Jardim Perdido: A Vida e o Cinema de Alice Guy-Blaché)"; 2 prêmios são criados em sua homenagem: o *"Alice Award" e o "Women in Film-Alice Guy-Blache Award".* A comissão de cinema de Fort Lee, onde ficava o estúdio Solax, entra com uma solicitação na *Directors Guild of America*, o sindicato dos diretores de Hollywood, pedindo que Alice seja reconhecida e se torne um membro póstumo; com o apoio de diretores como *Martin Scorsese* (famoso por seu trabalho no resgate da história do cinema), ela recebeu o reconhecimento em 2011.



Após essa inclusão, seu trabalho vem sendo redescoberto e restaurado, documentários, programas, blogs e colunas tentam recolocar seu nome na história, o documentário "Be Natural: The Untold Story of Alice Guy-Blaché" (Seja Natural: A História Não contada de Alice Guy-Blaché), filme dirigido por *Pamela B. Green,* em 2018, foi lançado com sucesso em Cannes e contou com a narração de





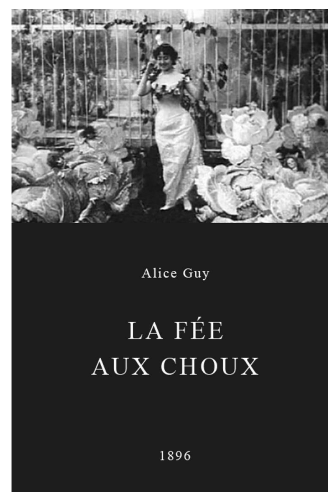
Jodie Foster e a participação de várias celebridades e figuras importantes da indústria do cinema.



Lembrando que, até hoje, a presença feminina atrás das câmeras no cinema ainda é insatisfatória (apesar de ter sido tão expressiva nos primórdios da indústria), especialmente em funções de liderança, como direção, produção e produção-executiva, onde a figura masculina predomina e o papel da mulher é secundário. Até hoje, somente uma mulher, "Kathryn Ann Bigelow", ganhou o Oscar de Melhor Diretor, em 2010, pelo filme "Guerra ao Terror".

E assim, pouco a pouco, não sem dificuldade, o nome de AliceGuy-Blaché e seu legado vão sendo resgatados e esperamos que, um dia, os livros de história sejam reescritos e não somente Alice Guy-Blaché, mas, todas as mulheres recebam o reconhecimento por seus feitos.

Separei alguns vídeos de Alice para que todos possam conhecer sua obra; assistam e divulguem para os amigos, juntos podemos fazer justiça e reescrever a história. Obrigada e até a próxima!!



A Fada do Repolho - *(La fée aux choux, França,1896)*. Primeiro filme ficcional da história, dirigido por Alice Guy-Blaché, e apresenta um breve conto fantástico envolvendo uma curiosa fada, que consegue gerar e distribuir bebês que brotam de repolhos.

Direção: Alice Guy-Blaché

Gênero: Fantasia

Link para assistir:

https://youtu.be/xKCFQT_wEBA



Os resultados do feminismo - *(Les résultats du féminisme, 1906)*

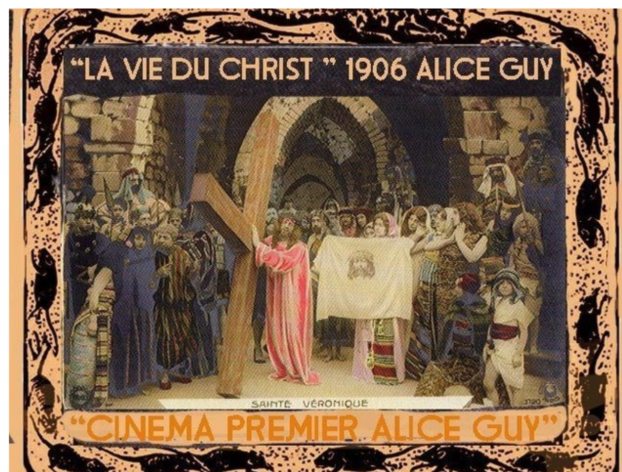
Os papéis são invertidos. Os homens se comportam como mulheres e mulheres se comportam como homens. As humilhações, a violência e o descaso das mulheres criam insatisfação nos "pobres homens oprimidos" e eles começam uma revolução. Extremamente moderno para a época e ainda muito atual.

Direção: Alice Guy-Blaché

Gênero: Comédia

Link para assistir:

https://vimeo.com/205390559



O Nascimento, a vida e a morte de Cristo (*La naissance, la vie et la mort du Christ, França - 1906*) -Um épico com mais de trezentos figurantes, que narra de forma incrivelmente artística o nascimento, a vida e a morte de Jesus Cristo.

Direção: Alice Guy-Blaché

Gênero: Épico Bíblico

Link para assistir:

https://vimeo.com/325460374

Para contato e/ou sugestões:

anarosenrot@yahoo.com.br

Conheçam meu livro "Cinema e Cult":

http://cultissimo.wixsite.com/anarosenrot/livros

A casa transformada

Nilza Amaral

Campinas-SP

Tudo começa com um sentimento de insatisfação. Nada me parece bem. O país está em decadência, transeuntes desnutridos passeiam suas misérias pelos bairros nobres da capital. A maior cidade do país perde seu encanto de cidade evoluída, cheia de charme seguidora dos momentos importantes do mundo. Enchentes e banhos de lama encobrem cidades e expulsam moradores desnorteados, à cata de um lugar seguro na terra. É hora de mudar de planeta. Faltam super-heróis. Super-Homem poderia nos levar para Kripta, ou algum anjo vingador para os céus. Sabemos que anjos e demônios já voltaram à terra, os estúdios de cinema nos alertam para isso, mas o ser humano é distraído, não leva nada a sério, é tudo entertainment.

Recebo mensagens diárias pelas redes sociais, as grandes inventoras da felicidade virtual, são conselhos, parábolas de otimismo, evidências de que navegamos para outros planetas cheios de felicidade borbulhante como bolhas de champanhe espumante nos coçando as narinas. As pesquisas científicas proliferam. Naves são enviadas ao sol, o espaço está carregado de satélites espaciais em busca de um novo mundo onde a felicidade se esconde.

Religiões afirmam que a cada novo nascer, os fatos anteriores de outras vidas são eliminados para não impedirem a felicidade nessa nova vida, nessa nova galáxia. E a minha curiosidade trabalha, quer respostas, quero saber a minha origem, quero descobrir a causa da minha indignação, quero ser feliz. Lembro-me ainda de quando estudava Filosofia e Mitos, que Platão, Confúcio, Buda e Goethe, falavam de valores eternos que na época passavam em branco pela minha nuvem de superficialidade. Mas quando se envelhece, apesar de não doer, volta-se para uma vida interior e então surge o grande enigma: se você não se encaixa onde está, ou não souber se centrar, chega o sofrimento do quem sou eu, para onde vou?

Então lembramos de histórias anteriores, civilizações que se formaram, religiões que se transformaram, seres que outras galáxias que nos visitaram, até livros escritos sobre plataformas de extras terrestres se espalham pelo planeta.

Eu estou no olho do furacão, sinto-me uma intrusa em meu mundo povoado de transeuntes que me olham com olhos grandes e redondos ou cabelos multicores, de passos enormes, e desconfio de que alguém quer o meu corpo

para alguma experiência qualquer. Já descarto flertes sedutores ou elogios falsificados certa que ao ceder me encontrarei despida de minha identidade.

Por isso resolvi mudar. Se ainda não posso me mudar do planeta, posso me embrenhar solitária no campo e como os sacerdotes indianos refletir sobre a minha existência.

A casa isolada no centro da clareira na pequena cidade rural chama a minha atenção. Luzes brilham ao seu redor. Lêmures correm pelos campos floridos.

Mais parece um iglu pela forma arredondada lembrando um rosto gordo. As duas escotilhas redondas e grande cobertas de um vidro furta-cor, sugerem olhos à espreita de um perigo iminente. A porta em forma de arco lembra uma mesquita muçulmana, e ao redor plantas multicores dão-lhe um ar espacial. Uma casa futurista construída dentro de um espaço secular. Ideal para quem como eu pretende se transformar em ermitão. O grande círculo acima da casa, lembrava a aurora boreal.

Ao lado apoiado num tronco com forma de elefante um senhor de longas barbas brancas olhos redondos como a lua, me lembrou as histórias de lemurais, e eu me senti um avatar. Sem proferir uma única palavra percebi a sua comunicação e ouvi dentro de meu cérebro a pergunta quem sou eu? Para que eu vim ao mundo? A presença daquele ser imóvel silencioso abriu-me a porta da casa-iglu e eu entrei. A sala redonda e aconchegante me mostrou uma realidade harmônica e eu me senti parte daquela casa.

Foi uma sensação instantânea, e assim que a porta se fechou, arco-íris apareceram no teto.

E foi mais instantaneamente que me senti abduzido. À casa capsula subiu e atravessou galáxias ante a minha visão, um sentimento de ternura, de acomodação me invadiu, e todas as cidades sagradas existentes na terra, desfilaram antes meus olhos admirados. Aos poucos a sensação de descoberta me surgiu, e percebi que havia sido escolhido pelo ser de barbas brancas. Então o arco-íris apareceu sobre montanhas e a casa capsula aterrissou. O sol batendo sobre as pedras transformou o universo numa nuvem dourada e eu percebi que no vale abaixo uma cidade resplandecia sob a luz. Lembrei-me de Gaia, de Uluru, Kryon, e todas as demais cidades sagradas que preparam a evolução humana.

Voltaria algum dia para a Terra?



A Cerca

Czar Milch

Ali estava, cortando o pequeno jardim de primavera, a cerca branca.

Mais presente que qualquer outro elemento do bucólico descampado. A macieira, a cadeira de veraneio, o homem assentado sobre ela, compenetrado em leitura, e a observadora de seu outro lado. O cercado de madeira, rusticamente pintado de branco, era que se destacava mais que tudo que compunha a cena. Tão era proeminente a tudo que os feixes do sol da manhã pareciam querer deitar sobre ele, e unicamente sobre ele, as suas luzes, tendo o resto iluminado apenas pela força da luz que emanavam. Mas era por aquela extensão de lenha, grossamente fincada no chão e pregada entre si, que os olhos do sol se comoviam.

Não se poderia dizer o por quê.

Havia pouco além de grama, no reto campo, poucas flores nascendo em esplendor, um pouco homem absorto, um pouco livro de poucas páginas em sua mão e uma pouca moça de vestido exuberante para o outro lado da muita cerca. Para um observador, haveria elementos melhores a deitar a atenção, mas para o sol matutino, com seu próprio capricho, a cerca era a mais digna de holofote.

A moça, de suaves madeixas, segura seu camafeu aflita ao vir o homem lendo o livro. Um suspiro se espreme de seu peito, talvez não por emoção, e sim pelo aperto do corselete. Não se poderia dizer. Novamente, a cerca era mais viva que tudo ali. Parada e sem esboçar reação. O viver das rosas que lançavam sua folhagem intrincadamente pelo cercado, o aperto emocionado do coração da dama e o farfalhar da macieira se ofuscavam diante do protagonismo do cercado.

Mais um suspiro. Dessa vez, seguido por lágrima do canto de um olho. Borrou a sombra da maquilagem e escorreu negra pela face da moça. A emoção contida ali, claramente, deveria ter alguma história, de antes ou de agora, ou esperando um devir.

O homem continuava alheio a tudo ao redor. Uma nova página do livro se levanta e ergue delicadamente, revirada entre seus dedos.

Talvez faça sentido, então, o sol sobre a cerca. Havia algum significado obscuro em mirar aquele inerte séquito de lenha.

Ali. A pequena e baixa cerca separava as duas figuras com o vulto de uma muralha. De um lado o homem desatento para aquele olhar em direção ao seu espaldar, de outro um sentimento quase gritando o carinho inseguro. O receio angustiado da moça lhe afogava o peito e lágrimas lhe lavavam até o pescoço. Havia algo ali, ou houve, ou haverá.

Ela levanta as anáguas do vestido, exibe as pernas quase trêmulas e apoia um dos pés sobre uma ripa do cercado.

De ali em diante, o cercado perdeu sua importância. Perdeu a grandeza que separava diante de um simples passo adiante.

Talvez, vencido o meio metro de altura do madeiro, haveria algo mais a adolescer ali para arrancar a estreiteza no peito da jovem moça e, então, a cerca dividiria apenas um fim e um começo.

Virando uma nova página do livro, o homem se depara com o esboço de um cercado branco, como o que existia ali próximo, e que finalmente o faz se desapegar da leitura e dirigir-lhe o olhar e, assim, perceber alguém vindo em seu encontro. Os olhos antes fascinados com a leitura agora rebrilham contemplando outro afeto enquanto escorre um sorriso para os lábios.

Atenta, a luz do sol começa a se mover, se ajustando para iluminar uma nova preciosidade. Algo além da cerca que logo se tornaria mais formidável ali…





A Chama

António Carlos Simão
Lisboa – Portugal

Então agora é que vens,
identificar o corpo pelos dentes
depois de queimado.
Reclamar os anéis de latão,
Que ficaram perdidos pelos dedos,
à espera de serem oferecidos.
Não foram suficientes para ti
todas aquelas combustões
que acordavam vizinhos a meio da noite.
Ainda não perdeste o vício
de brincar aos testamentos,
às palavras entregues
para sempre à luz da lei.
Foste sempre adepta do fogo posto com extintor à mão
e tinhas o dom de ler o passado
nas cinzas que sopravas às escondidas,
pelas redes sociais.
Em busca de amantes
com tiques nervosos no polegar direito
e cangalheiros amadores.
Acaso vos acabem os temas de conversa,
e o silêncio se torne demasiado incómodo,
não te esqueças de lhe contar
como é que ganhaste esse cheiro a chocolate branco,
derretido à luz das velas
entre o teu corpo e o meu.

https://antoniocarlossimao.blogspot.com/

A Guerra da Líria

Joaquim Bispo

Odivelas, Portugal

Arrebatamentos de potência e invencibilidade dominavam a mente de Jorge Fontoura naquela manhã. O negócio com os investidores imobiliários chineses tinha sido concluído. Agora, havia que pôr a gorda e saborosa comissão a trabalhar. O seu gestor de conta, que já em outras ocasiões o tinha incitado a apostar em aplicações financeiras agressivas, recebeu-o de imediato:

— Tenho justamente o que lhe vai agradar, senhor Fontoura — atacou o gestor. — Já ouviu falar em SEP? São produtos de exposição suprema, na sigla em inglês. Não lhe vou mentir; como o nome sugere, são aplicações de risco máximo, em que o investidor pode perder tudo de um dia para o outro, mas, se correr bem, como quase sempre sucede, o senhor Fontoura pode ver triplicado ou quintuplicado o seu investimento em um ano, ou até em poucos dias. Quem não arrisca não petisca, lá diz o ditado.

— Ótimo; mas de que se trata: ações, futuros, o quê?

— Uma espécie de ações. Ou antes, unidades de conquista e predação, como eu gosto de lhes chamar. Cada ação é como um soldado que invade o território inimigo, mata quantos encontra e regressa com os despojos. Ou então mantém-se a ocupar o território, a assegurar um fluxo contínuo de riqueza para os acionistas. Para o seu bolso, senhor Fontoura.

— Não estou a entender nada. Já percebi que são aplicações agressivas, mas apresentá-las como soldados a invadir território inimigo será uma metáfora exagerada, não?

— De modo algum! É mesmo disso que se trata. O que lhe proponho, senhor Fontoura, são ações da Guerra da Líria. Sim, aquela que começou há quinze dias — reforçava o gestor bancário, perante o rosto incrédulo de Fontoura. — É o produto que está a bombar. Aproveite agora, enquanto estão baratas, porque quando o conflito ganhar dimensão, quando, como se espera, os rebeldes

adquirirem mísseis terra-ar e derem luta às forças governamentais, de igual para igual, aí, senhor Fontoura, pode ser tarde. Aí, podem já estar ao preço das ações da Guerra da Síria, que ainda é um bom produto, sempre a jorrar dividendos, mas a que já não se pode chegar. Agora, só os grandes bancos e os conglomerados financeiros dos países ricos as podem comprar. Aliás, nem sequer aparecem à venda.

Fontoura parecia em choque. Pressionado pela pausa do gestor, acabou por murmurar:

— Guerra?

— Sim, claro; tudo o que dá dinheiro é bom para investir…

— Refere-se a empresas de armamento, não?

— Também; mas a gestão por objetivos obrigou a que se separassem as áreas de aplicação — Guerra do Iraque, Guerra da Síria, Guerra da Ucrânia —, cada uma com o seu fluxo de capitais e o seu retorno, por um lado, e a junção de várias empresas no mesmo esforço de produção. Um mesmo objetivo engloba, certamente, empresas de armamento, mas também empresas de reconstrução, empresas de segurança, até empresas de comunicação social, todas unidas no mesmo esforço de manter a guerra em atividade. O pior que pode acontecer é, sem se esperar, os contendores fazerem as pazes. Essa é a única situação em que os investidores podem perder grande parte ou todo o capital, porque as ações vêm por aí abaixo.

— Mas, isso é horrível! — reagia, finalmente, Fontoura, acompanhando as palavras com uma expressão de repugnância. — Então e as cidades destruídas, as mortes de crianças, as populações em fuga a atirarem-se ao Mediterrâneo de qualquer maneira, em barquinhos sem condições, a preferirem o risco de uma morte por afogamento à vida demencial em zona de guerra?

— Bem, realmente há algumas associações de intervenção social que chamam Stinky Ethics Products aos SEP, como quem diz Produtos de Ética Pestilenta, mas a pessoa quando entra no mundo financeiro é melhor nem saber em que é aplicado o seu dinheiro. É como os frangos — gostamos do sabor, mas não queremos saber como são criados.

— Diga-me uma coisa: isso é legal? É que estou a ver que, se alguma coisa correr mal, posso ser preso e julgado, acusado de me tornar cúmplice de destruições e matanças, de crimes contra a Humanidade, não?

— Ó senhor Fontoura, eu nem estou a acreditar no que estou a ouvir — impacientava-se o gestor. — O senhor desculpe, mas já viu algum vencedor ser julgado? Nós estamos do lado dos vencedores, senhor Fontoura! Agora, e por muito tempo. Mais depressa condenam algum negociador de paz do que simples acionistas que apenas querem aplicar honradamente algumas poupanças que conseguiram com o seu trabalho. Não é o senhor que vai lá dar tiros, nem empurrar refugiados para os barcos da morte…

— Está bem, está bem! — contemporizava Fontoura, derrotado. — Líria… A Líria até parecia um país sossegado. Cheguei a passar por lá, em férias. Tinham as suas manias, como os outros, mas nada fazia prever isto. De repente, aquele obus na escola… E o governo a dizer que tinham sido os rebeldes, e eles a acusar o governo...

— Não fui eu que disse, mas com certeza que às vezes é preciso dar um empurrãozinho... Repare, os outros conflitos estiveram um bocado parados e assim ninguém ganha dinheiro. Felizmente, parece que as coisas estão a "melhorar" na Líbia. No Iraque, então…; as ações estão outra vez a subir em flecha. Aliás, se o senhor Fontoura não quiser investir na Guerra da Líria, compre Iraque. Estou convencido de que ainda vão subir muito mais.

— Não, não; pode ser Líria. Gostava do país, gostava do povo. É pena irem partir aquilo tudo. Paciência!

http://vislumbresdamusa.blogspot.pt/



A mancha sombria

Carlos Barth

Macaé/RJ

Levou mais de um mês para a mancha escura entre as pedras do calçamento sumir. Essa demora foi devida, em grande parte, ao clima seco do inverno fluminense no ano de 2018. Espreitei ansioso a previsão do tempo por aqueles dias na esperança de que os céus mandassem uma chuva que lavasse aquele borrão preto no chão – é estranho como o sangue fica enegrecido quando seco – e levasse consigo a imagem do rapaz coberto por uma lona.

Foi num sábado de céu azul, quando voltava para casa, que deparei com o policial no meio da rua desviando o trânsito do corpo sem vida estirado próximo ao meio-fio. Mais ou menos do ponto onde suponho que era sua cabeça escorria um filete de sangue que descia ladeira abaixo ajudado pela força da gravidade, tingindo as pedras, britas e terra de vermelho escuro. De seu corpo coberto só era possível avistar os pés. Calçava sandálias e usava uma tornozeleira com as cores da Jamaica.

Talvez em uma cidade grande como o Rio ou São Paulo um morto a mais ou a menos não seria nem notado, podendo mesmo passar despercebido. Mas aqui no interior, felizmente, isso ainda não virou rotina e as pessoas mantém um resquício de humanidade. Talvez por isso a notícia tenha corrido rápido e chamado a atenção da vizinhança. Curiosos, entre eles muitas crianças, vinham para ver o corpo. Fui para minha casa, que é próxima, sentindo um certo mal estar. Cerca de três horas haviam se passado e da janela de minha sala comecei a perceber urubus voando em círculos no céu acima do local onde havia ocorrido o crime. O corpo ainda estava lá e as aves de rapina planavam no alto esperançosos de que os humanos talvez lhes deixassem aquele banquete.

Os dias passaram e correu a notícia de que o assassinato ocorrera devido a uma dívida não paga com o tráfico. Para os homens de bem - cidadãos de classe média pagadores de impostos e tementes a Deus - o crime em si, embora

lamentável, estava justificado. Bandido bom é bandido morto, dizem eles. Felizmente não me enquadro no perfil dessa gente "de bem". Humanista que sou, acredito que toda vida humana é sagrada. Durante os dias seguintes, sempre que passava por aquele local, meu olhar inevitavelmente era atraído pela pústula de sangue no chão. A lembrança de que um ser humano havia sido executado alí me perturbava. Aquela negra nódoa lá estava para me lembrar que violência e morte são assuntos mais próximos do que gostaríamos. São realidades inconvenientes a nos lembrar nossa humana condição.

Passavam-se as semanas e ela lá permanecia, teimosa, embora um pouco menos nítida agora. Já se tornara imperceptível para a maioria dos passantes, mas para mim era o suficiente para lembrar que aquele borrão era a testemunha de um homicídio. Felizmente na segunda quinzena de Julho os ventos alísios trouxeram a tão aguardada frente fria e a chuva caiu, forte, dissolvendo a mancha, purificando a terra, aplacando a sede das plantas, levando consigo a lembrança do rapaz assassinado.



A Marcha do Progresso

Bruno Antonio Picoli

Chapecó/SC

O cheiro de sangue podre pesava e duas figuras indistintas cobertas manchavam o asfalto de carmesim. Sobre as figuras, poderosas asas desenvolviam uma coreografia lenta e simétrica. A aproximação intensificava o olor e revelava grandes touros derrotados conduzidos com exaustão por grandes aves carniceiras. Atrás do conjunto, outro igual, e outro, e outro, um cortejo. Fechando a marcha abutres capturavam pelos ombros homens em ternos com suas mochilas de couro e uniam-se a comitiva enrubescida. Sabia-se o destino mas havia beleza na procissão que permanecia sobre o asfalto no odor do sangue que misturava-se ao calor intenso do sol.

https://www.pensador.com/melhores_poemas_de_carlos_drummond_de_andrade/





A Noite Serve

Victor Hugo Mariano

Milagres/CE

A noite serve:

A noite muito bem serve
Pra encerrar o barulho
Pra que a mente que ferve
Deixando pra traz empulho
Silenciando o orgulho
Venha e tudo observe

Mas ela também reverte
A menor das escapadas
A verdade que converge
Um maldito ás de espadas
A vontade que nos rege
A facada já entregue

Mas parece faltar algo
Nesse mar de quase tudo
E se minha língua salgo
Num mar de um quase mudo

Mesmo se me vou e galgo
Parece trajeto corcundo

Dói este amor sem amarras
Estes rocks sem guitarras
A energia sem uma moção
A ideologia sem noção
Qualquer coisa nos laços
A persistência na ilusão
As faltas nestes passos
A talvez existente solidão

Talvez seja difícil aceitar
A que ponto tudo chegou
O alicerce começou a gritar
No dia que o meu eu ignorou
Mas já que todos estão aqui
Reajo já e vejo como ficou

Chega de criar o embaraço
Que enrolam nossos corpos
Chega desses repetido balaço
Que penetra nossos ossos
Negligencia é erro crasso
Perder tempo é mal negócio

Quero me envolver em sol
Insolúvel calor de abraço
Pra que quando vier formol
Nosso laço seja puro aço
A música sobre amor escasso
Que em algum bemol lhe faço



A Prenda do Menino Jesus

Jeracina Gonçalves

Barcelos, Braga, Portugal

Elegantemente dispostos, laços e luzes e outros ornamentos festivos, próprios da época de Paz e Amor, que decorre e se festeja, entrelaçados em harmonia perfeita, criam um ambiente alegre, pacífico, distinto e acolhedor, que aquece o coração e torna o ambiente da sala, nesta noite fria do dia 24 de dezembro, particularmente agradável e aconchegante, completado pela Árvore de Natal divinamente decorada com ornamentos dourados e luzinhas piscantes, multicoloridas, a brilhar a um canto junto da lareira, onde crepita um enorme toro de madeira de castanho. Sobre a grande mesa de carvalho, ao centro da sala, estende-se uma lindíssima toalha de linho, bordada com motivos característicos desta quadra festiva e, sobre ela, ao centro, um bonito arranjo, que Teresa fez com muito carinho, enfeita esta mesa de Consoada, à volta qual irão sentar-se, dentro em pouco, os seus entes mais queridos. Os pratos são de fina porcelana Vista Alegre e estão cuidadosamente dispostos sobre a toalha e, ao lado destes, cintilam belos copos de cristal, especiais para estas ocasiões festivas; os talheres são de prata, e os guardanapos, bordados, iguais à toalha, completam a mesa festiva.

Teresa esmerou-se na ornamentação da casa e na preparação da mesa de Consoada, e fez desta sala um santuário de luz, cor e Amor. Pôs no seu arranjo todo o carinho que sempre se põe nas coisas que fazemos para as pessoas amadas: as duas filhas, os netos e os genros virão Consoar consigo nesta noite especial, comemorativa do nascimento de Jesus; noite dedicada a família. Excedera-se na preparação da mesa e da casa para os receber. Quer que tudo esteja perfeito; mas o seu coração sangra. E o seu pensamento afasta-se dali por momentos e parte à procura desse filho, que partiu há tanto tempo e nunca mais deu qualquer notícia que acalmasse o seu coração rasgado pela dor. Imagina-o em alguma parte desse mundo afora e vê-o no rosto de qualquer arrumador de carros que dela se aproxime.

Não sabe onde está. Não sabe se é vivo ou se é morto. Procura-o naquelas vielas de Lisboa, tantas vezes focadas pela televisão, na ânsia de reconhecê-lo no rosto de algum dos desgraçados que por lá aparecem.

"Que é feito de ti, meu filho? Onde estás? Terás pelo menos um prato de sopa quente para comeres nesta Noite de Natal?"- Verbaliza surdamente.

Sentado, sozinho, num banco de um jardim de Lisboa, um jovem magro, quase esquelético, rosto macilento e doentio, com a roupa em farrapos, diz para consigo: "que fiz da minha vida? Eu tinha tudo e vivo nesta miséria, abandonado, sujo, sem ninguém que enxugue as minhas lágrimas, receba a minha cabeça cansada em seu ombro, ou cuide do meu corpo doente. Em minha casa havia fartura, alegria e paz, e tudo abandonei. Tudo deixei para trás, arrastado por este vício maldito que me consome. Destrói-me o corpo e rouba-me todo o ânimo para reagir. E aqui estou, desesperado, sozinho, faminto e enregelado, nesta noite de Natal.

Como deve estar bonita e acolhedora a minha casa!

Daqui a algumas horas todos estarão em volta da mesa recheada com os deliciosos pratos tradicionais desta época, que a minha mãe sempre prepara com tanto gosto e saber, enquanto na lareira o fogo crepita. E haverá alegria, muita alegria em volta daquela mesa! Depois, à meia-noite, partirão para a Igreja para assistirem à Missa do Galo. E eu… na solidão deste parque. Sem um agasalho. Sem uma palavra amiga…

Como eu gostava do Natal! Como eu gostava do calor, do aconchego, da alegria com que era vivido o Natal em minha casa!

Se eu tivesse forças para voltar!... Se eu tivesse coragem de voltar!...

Tenho de arranjar ânimo; tenho de arranjar coragem para fazer frente a este vício maldito que tomou conta de mim e me domina. Domina o meu corpo e a minha alma e destruiu a minha vida. "Sou novo! Sou forte! Vou vencer-te, heroína maldita!" – Disse em voz sonora.

"Vou pedir ajuda. Vou regressar. Os meus pais ajudar-me-ão. Apesar do muito que os fiz sofrer, ajudar-me-ão. Quero tratar-me. Quero ser um jovem como os outros, enfrentar a vida, produzir. Eu vou conseguir. Eu vou conseguir!"

Este jovem é Carlos, o filho mais novo de Teresa. Tem apenas vinte e sete anos. Era um bom rapaz. Fora bom estudante, bom filho, muito meigo e afectuoso. Mas começou a deixar-se envolver por más companhias, a experimentar coisas… e nem Teresa, nem o marido se aperceberam do que estava a acontecer. Notaram o seu baixo rendimento escolar, mas atribuíram-no a uma crise passageira, proveniente da idade.

Só muito mais tarde compreenderam o que estava a acontecer, e já era demasiado tarde. Tudo fez para que fizesse um tratamento de recuperação: pediram, ameaçaram, ordenaram que fosse internado para se tratar. Porém de nada valeu. Não queria tratar-se. Houve uma grande discussão e saiu de casa. Tinha então dezoito anos.

Desde essa altura que Teresa não sabe do filho e vive em constante desassossego, em permanente ansiedade, desesperada, com o filho no coração e na cabeça, atenta a todos os programas de televisão, a todas as noticias que

falem de toxicodependentes, esperando, a cada momento, reconhecer o filho num desses desgraçados que neles aparecem.

Mas hoje é dia de festa. E quer que seja uma festa bonita para os seus netinhos e para todos os seus entes queridos. Tem de mostrar-se alegre. Ninguém pode aperceber-se da tristeza que lhe corrói a alma, da dor que faz sangrar o seu coração de mãe, onde existe, ainda que vaga, a esperança de que ele, o seu filho, apareça, e possa apertá-lo em seus braços.

Em cada quadra natalícia que passa, espera esse milagre.

Sabe o quanto Carlos gostava do Natal. Em cada Natal renasce a esperança de vê-lo chegar.

- Vó, Vó, *tago* uma *penda* bonita *pa* ti. A mamã *compou*.

É Cláudia, a netinha mais nova que acaba de entrar. Ainda não tem três anos.

- Oh! Minha querida, já chegaste? Dá cá um beijo muito grande à vovó.

Então trazes uma prenda para mim? Que bom! Que bom! Vou receber uma prenda da minha Princesa adorada! - E pegando-lhe ao colo, abraça-a e recebe o seu beijo e o seu abraço carinhosos.

A casa começa a encher-se de risos e gritos.

Os netos, três rapazes e duas meninas, já estão todos, e não param quietos, nem calados. Mas Teresa gosta de vê-los assim. Gosta dessa alegria, dessa traquinice saudável, que lhe lembra o tempo em que ela, neta, chegava com os irmãos e com os pais à quinta dos avós, em Trás-os-Montes, onde se juntavam com os tios e primos para passarem a Noite de Consoada e o Dia de Natal.

A noite vai decorrendo entre os risos e as diabruras das crianças e a conversa mais ou menos animada dos adultos, que não falam do ausente, mas está presente no pensamento de todos.

Chega a meia-noite e saem para a Missa do Galo. Vão todos. Até Cláudia!

Não houve maneira de fazê-la adormecer; também quer ir "ver o Jesus".

No fim da missa regressam a casa. As crianças mais velhas falam sem cessar. Estão excitadíssimas. Não querem ainda ir para a cama. Não têm sono e não há quem as convença a deitarem-se.

-Meninos!... Então? Vamos todos, todos, rapidamente para a caminha, se querem ter prendas! O Pai Natal, com a luz acesa, não vem trazê-las. Enquanto vir luz, não aparece – disse Teresa.

Palavras sábias! Todos se apressaram a ir para a cama para apagarem as luzes. É importante que o Pai Natal chegue e fique à vontade para deixar as prendas junto à Árvore de Natal.

A casa ficou finalmente em silêncio e às escuras; mas a Teresa não dorme. Não consegue adormecer. Está inquieta. O tempo passa e o filho ausente não lhe sai do pensamento: "Onde estará? Terá comido alguma coisa? Terá uma cama para dormir?

Ó meu Jesus, trazei-me o meu filho de volta!”- Clama.

É já de madrugada e Teresa continua acordada. Não pregara olho.

Está ansiosa, agitada...

“Terrim... Terrim...”

-A campainha! A esta hora?! Quem será?!

Olha o relógio: cinco da madrugada. Levanta-se com o coração em sobressalto, aos pulos. Parece querer saltar-lhe do peito:

“Quem poderá ser? A esta hora?!”.

- Quem é? – Pergunta.

- Mãe! Mãe! Sou eu!

- Carlos!!! Meu filho! És tu?!

Corre para a porta e, abrindo-a nervosamente, estende os braços para o filho, que cai neles extenuado e com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces macilentas.

Abraçam-se demoradamente, com força, como se quisessem fundir-se um no outro, deixando que as lágrimas se misturem e lhes alivie a dor que cada um traz trancada em seu coração, e ceda lugar a alegria do momento.

- Meu filho!... Meu filho!...

Ó meu Menino Jesus… Ouviste o meu pedido!

E, olhando em direção ao céu, diz: “Obrigada, meu Menino Jesus, pela prenda maravilhosa, que me trouxeste neste Natal!”



A voz

Ivo Aparecido Franco
São Bernardo do Campo/SP

Ouço uma voz, me viro: não há ninguém
É só a intrusa voz do além
Me procurando, a despeito da ausência
Das vibráteis cordas vocais

E também das ondas sonoras

Deseja a qualquer custo me consultar
Tal emanação inaudita
Quando tinha língua e também vida
Passou por aqui ignorada, despercebida

Pode ser que esse lamento dissonante
Feito errático retirante
Esteja apenas distorcendo o frágil espaço-tempo
Da inexpugnável impossibilidade

Hoje, feito indesejável mosca
Essa inoportuna invasora
Com seus sussurros anormais
Tenta invadir meus centros cerebrais

Compreender a mensagem velada
Dessa pobre alma penada
Resgataria meu ser do nada, da finitude
E da desencarnação

O sussurro é ininteligível, incomunicável
Talvez pela estranha incompatibilidade
Entre a minha e a sua dimensão

Quem sabe esse cochicho anômalo
Perdido feito animal sem dono
Não vem de tão longe assim quanto se
Crê

Pode ser só infelicidade
Advinda das reprimidas animalidades
Do subterrâneo inacessível do meu ser!

Abraço de vovó

Rejane Aquino

Feira de Santana/BA

Para Elvira e Izaltina de Aquino

Como desvencilhar seus olhos do poema?
Sua presença grita no cheiro
do seu abraço e me conduz
à direções de segurança, saudade
e abrigo.

Poesia é nosso elo.



Esconder sua presença do meu abraço
é me enterrar como germe,
aboletar-me em um corpo
de desespero.

Seus olhos são os seus gritos
por onde há canto
e o mais profundo abrigo.

Seu olhar não é efêmero,

é corpo fechado,
tatuagem no peito.
O verbo, feito de sopro
(e carne)
se esvai em cada gesto.

Avós, no entanto, são nuvens
de algodão-doce,
tecendo no tempo
bençãos, silêncios
e saudades.

Me viro, reverso e me rasgo.
Não há como desvencilhar os seus olhos do poema.

https://demim2.blogspot.com/



Acertando o ioiô nas pessoas blasé

Matheus Felipo

Mogi das Cruzes/SP

construí o lego absurdamente,
sem nenhum sentido. porque
se o lego faz sentido me incomoda
à beça. invejo os mongoloides
que babam compulsivos diante da tv.
tenho medo que acabe tudo bem,
assistindo Scooby-Doo.
ninguém sabe que vejo beleza
nas gangues. todo dia,
bebo inúmeras budweiser
e penso em abater um sputnik.
ensinei a Burnquist que andar
de skate é trombar numa van

e não executar 'flips'.
o circo de soleil me parece óbvio
demais. falta um massacre,
um braço decepado, nas suas atrações.
meu sonho é que todas as mães
sejam prostitutas, uma vez por mês.
eu fuzilei o Superman
para que deixasse os quadrinhos
e não me arrependo. ao invés
de vencer na vida, passei os anos
contemplando meus bonecos
e acertando o ioiô nas pessoas blasé.
para mim, a cadeira elétrica
é um charme que toda casa
deveria ter.





Amor por encomenda

Belmiro Dias António Mouzinho
Zambézia, Quelimane, Moçambique

Embrulha-me feito presente com toda sua delicadeza,
cuide de mim com as prudências dos teus horizontes,
alcança-me os desejos pelas entranhas e me cura as vaidades a flor da pele,
seja meu eterno milagre.
Encomendada saudade por meio de teus predicados,
pra que possa saciar meus ouvidos,
arrepiar o meu corpo por inteiro, diante do teu sorriso reluzente,
nessa mistura de mulher humilde, inocente e nobre, fundida no
perfume atrevido do teu corpo pelos caminhos da ternura.
As vezes o ciúme toma directrizes da paixão, do zelo, do medo de
perder o que a muito se almejou, a encomenda descida dos céus, a devoção a uma única mulher,
sendo parte de um homem, estimulando o amor feito luz, saciando a minha sede de amor.
És gota de felicidade que tanto esperei acontecer, pois, o milagre do
amor não se faz acontecer sem propósito, é como uma onda gigante
que se tem de tentar surfar, sem si quer antes aprender a nadar!

https://www.facebook.com/belmirodias.mouzinho







Apenas um aprendiz

Rosa Maria Soares Bugarin
Brasília/DF

Múltipla e una...
Essa dor,
que vem de mansinho,
silenciosa e difusa,
Encorpa o coração,
assume a mente,
limita movimentos,
inibe o paladar,
deforma o olfato,
desconstrói o equilíbrio
e nos ensina a navegar,
sem rumo,
sem remo,
sem controle,
sem perspectiva,
em águas longas,
em longo túnel
sem fim,
sem azul,
sem luz...
O pulmão economiza o ar,
e aprende o valor de cada hausto.
A dor acomoda-se...
Quer permanecer...
Mas, tem que ir
E vai...
Deixa o aprendizado

da paciente (ou não) espera...
De repente, aspira o adeus.
Deixa o espanto da ausência,
da companhia presente e pressante...
De repente, decide que é tempo.
Tempo de adormecer
e vai,
e deixa,
com o micro alívio,
a lassidão
e a mega lição
do aprender e quem sabe,
até dizer,
como apenas aprendizes do viver que somos,
iluminadamente,
como disse Castro Alves:

Dor- tu és um prazer!
Brasa- és uma gema!
Cravo- és um cetro!
Chama- um diadema!
O' morte- és o viver!
(Os Jesuítas)



Artista do Mês

Desenho: Márcio Apoca

Campo Mourão/PR

Clarice Lispector

(escritora brasileira/ucraniana)
(texto: Ana Rosenrot)

Chaya Pinkhasovna Lispector (Clarice Lispector), nasceu em 10 de dezembro de 1920, em Tchetchelnik, na Ucrânia. Sua família mudou-se em 1922, para o Brasil, e ela viveu primeiramente em Maceió e depois no Recife até 1937, quando veio para o Rio de Janeiro, onde se formou em Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalhou como tradutora, escritora, jornalista, contista e ensaísta. Estreou na literatura em 1943, com o romance *"Perto do Coração Selvagem"*, que foi aclamado pela crítica e lhe rendeu o *Prêmio Graça Aranha.*

Casou-se em 1943 com o diplomata Maury Gurgel Valente e em 1944, viajou para Nápoles e serviu como voluntária num hospital norte-americano, especializado em casos graves, durante os últimos meses da Segunda Guerra Mundial, onde ela também escrevia cartas e lia para os soldados feridos.

Graças ao trabalho de seu marido, Clarice viveu em vários países e após se divorciar, em 1959, ela volta a morar no Rio de Janeiro.

Sempre apaixonada pelas letras, trabalhou na *Agência Nacional* e nos jornais *A Noite* e *Diário da Noite*. Foi colunista do *Correio da Manhã* e realizou diversas entrevistas para a revista *Manchete*; foi também, cronista do *Jornal do Brasil*. Estes textos, produzidos entre 1967 e 1973, estão reunidos no livro "A Descoberta do Mundo".

Sua escrita vibrante e sempre atual a transformaria numa das maiores e mais amadas escritoras brasileiras. Vítima de câncer, Clarice Lispector faleceu no Rio de Janeiro no dia 9 de dezembro de 1977.

Suas obras mais importantes são:

– A Legião Estrangeira (1964)
– Felicidade de Clandestina (1971)
– Laços de Família (1972)
– A Paixão Segundo G.H. (1964)
– A Hora da Estrela (1977).





https://www.facebook.com/apocastudios



Árvore seca

Conceição Maciel
Capanema- PA

As folhas caem aos poucos
Uma a uma, caem devagar
Como gotas de chuva
Que molham ao luar.
Elas tocam o velho tronco
E voam pelo ar
Repousam suaves
No chão que ali há.
Um ar bucólico as acompanham
Ao quintal da antiga casa
Sob o olhar na janela
Que observa melancólico
Do seu refúgio, quem dera
Elas enfeitassem o chão da sua quimera.
E os dias se passam apressados
Da janela segue observando
Os olhos já marejados
Prevendo o que aguarda
A velha árvore orvalhada.
E as folhas se indo aos poucos
Caindo lenta e suavemente
Ao som do vento mudo
No quintal agora sem sombra.
Que saudade ficou em meu mundo
Da árvore que já não existe
Um vazio opaco ficou
Na janela da casa triste.
E a visão ficou vazia
Já não existe o cenário visto
Pelos olhos daquela janela
Admirados e agora tristes.
Tombou carente a velha árvore
Na orfandade do quintal da gente
Deixou saudade e um espaço vazio
Mas deixou de presente uma semente
No cenário melancólico, frio e carente.



Bar Paraíso

Charles Burck
Rio de Janeiro/RJ

Tinha um bar no inferno, onde serviam absinto e enxofre, e o teu nome escrito no copo, faiscava

Então quando me chamas, por que o fazes?

Dói-me saber que escolhi ser livre no meio da tempestade

A liberdade não tem gravidade, gira solta assim, trança teias sem precisar das moscas,

Ri das minhas escolhas, ri de mim

É o feto ri do gênio, das loucuras do mar, do fio de seda, do homem que pintou a cara de palhaço

Eu perdi o senso de direção, os pingos de chuva me orientam pelo chão, temos fortes laços sim, ligaduras entre flores e raízes

Sou um bêbado afogado nas enxurradas, nos litros de sol, com um cordão no pescoço atado a ti,

As bandas do céu tocam *Everybody's Coming To My House*





Já bebi muito a tua falta, essa essência sofrida é uma armadilha de amor
Mas quem vai limpar o chão depois que tu passas?
As abstinências que chutam os baldes, os sopros de desafogos, as pétalas arrancada ao peito aos bocados
Todo dia rego os canteiros com esse novo sentido de alucinação
Estamos cheios um do outro, cheios no bom ou no mau sentido?
Prefiro hoje tocar à noite, a minha canção preferida, do que sentir a vida, à dor de arder a noite toda sem solução
O cheiro de anis é fatal, apenas o humor é uma ameaça à inteligência, eu sempre fui burro de fato, um animal comendo no teu quintal
Sinto o cheiro da dor no final da rua, entre as ervas daninhas
Sinto cheiro de ti,
Sinto muito.



Black

Ronaldo Dória Jr
Rio de Janeiro/RJ

"Tão bonita. O que estraga é esse cabelo ruim". A pequena era jovem demais para compreender o que ouvira. Enrolando os cachos crespos - o que fazia sempre que estava distraída ou meditativa -, ela se questionava o que seu cabelo havia feito de errado.







Borboletas

Maria Elza Fernandes Melo Reis

Capanema/PA

Hoje encontrei borboletas na minha janela
Eram muitas e coloridas
Enfeitaram minha manhã com toques de poesia
Na singeleza trouxeram alegria
Desenharam sonhos iguais os que sonhei na infância
Hoje encontrei amores adormecidos
Estavam dormindo nos ninhos de passarinho
Ouvindo nas folhagens uma canção de ninar
Hoje vi a vida passar lentamente
Pela janela do meu ônibus
No momento que estava contente
Vendo um sorriso chegar
Hoje ofereci abraços sinceros
Para os corações carentes e presentes
Abracei a alegria quando tocou em mim
Senti corações batendo
Amores resplandecendo
Acho que foram as borboletas
Que deixaram em mim nessa manhã
Porções exageradas de felicidade.



Buraco

Aparecida Gianello dos Santos

Martinópolis/SP

A cor preta, predominante em seu dorso, contrastava apenas com um branco nuvem, que ia das extremidades à barriguinha e se alastrava por debaixo do pescoço até contornar o focinho. Por fim, um naco do mesmo branco na pontinha do rabo. Esta é Lessie, meu presente especial, minha esperta companheira de todas as horas.

Sempre vi os religiosos com profundo respeito e admiração, como se fossem, sem exceções, seres especiais neste mundo. Um dia, um deles me questionou se eu já tinha algum bichinho de estimação e se eu não poderia cuidar do seu, uma vez que levava uma vida corrida, com uma agenda lotada de compromissos, enfim. Oportunamente, vi nisso um meio acertado de aproximação. Tudo o que eu mais queria naquele tempo era figurar em seu seleto rol de amizades. Não pensei duas vezes...

Não pensei na trabalheira, não pensei nas despesas, não pensei ainda no quanto me prenderia àquela criaturinha. Logo eu, que já vinha carregando as consequências de uma recém-cometida-besteira-dupla, adotadas havia um ano. Caí no golpe, ou melhor, no conto do vigário. Logo, a besteira passou a ser tripla. Por aquele nobre feito (para não dizer puta besteira), não ganhei mais que um simples obrigado de sua parte, o que era natural. Já a tão presumida amizade, essa, eu nunca tive. Um pouquinho de consideração, quem sabe.

Só agora percebo o quanto fui egoísta e, ao mesmo tempo, abençoada nessa besteirada toda. Eu, que quis tanto ter por perto um ser especial, acabei por conviver com um anjo (de quatro patinhas, rabo e focinho). Atrevo-me até a dizer, sincera e festivamente: obrigada, meu Deus, por ter me confiado tamanho presente. Se ainda penso em uma aproximação ou mesmo amizade com um daqueles seres? Não mais... Pelo que já aprendi a reconhecer quem são de fato especiais.

Hoje, após treze anos juntas, Lessie, que amava cavoucar, acaba de me surpreender com o maior de todos os buracos. Desta vez, não no gramado.



Cactos de estimação

Antônio Jefferson Teixeira Sousa

Itapipoca/CE

As veias do sertanejo são como os cactos, do lado de fora é terra abatida, do lado de dentro é água latejando em força.

Os sertanejos do Antigamente carregam em sua pele a dureza da areia quente, carregam em suas veias sangue limpo de poeira da morte.

Como os cactos, eles aprenderam a sobreviver com o pouco; aprenderam a debulhar os dias com as mãos; nunca morrem.

Doce tempo aquele começado pelas cisternas no quintal. Agora um balde pode criar a semente da terra que antes era só quente; hoje é quente e aguada.

Sou fruto de cacto, sou fruto de cisterna, sou fruto do Antigamente, sou fruto da mãe Terra.





Caminhos da Vida

Jane Barros de Melo
Maceió/AL

Diante de um vento forte
Eu vejo as folhas caindo
Muitas vezes, sem direção

Procuro buscar um abrigo
Batendo em todas as portas
Mas escuto, um grande não

Não me cabe julgar se é certo
Prefiro seguir o caminho
E esperar, por compaixão

As pessoas falam da vida
Do amor da solidão
Falam que tudo é normal
Esquecem do perdão

As pessoas falam da vida
Alguém preste atenção
Procurem encontrar a paz
Seja grato meu irmão.

https://www.facebook.com/janebarros /



Cantiga de abril

Ernane Catroli
Rio de Janeiro/RJ

(...) Foi como se eu a visse pela casa varrendo e limpando, ou na cozinha mexendo as panelas (...)

in: "Roupa no Coradouro"

(José J. Veiga)

Lua cheia, falhada. Claridade de outro mundo e o sibilo de um pássaro de agouro. Que há que se perseverar nos detalhes. Nos recados. Que os olhos. Olhos de ver. De sentir. E ainda nem era hora. E onde agora um descampado, um deserto pra chorar. Chorar. E chorar. Esta cidadezinha de nada e o tamanho do meu grito.

Daquela vez, antes de dobrar a esquina me virei. Ela acenava da entrada do beco sob a luz amarela de um poste da avenida. Madrugada. Último horário do ônibus.

*Vou esperar as cartas! Que os filhos.... Os filhos são mesmo do mundo e deste lado do peito***.** A sua voz que seguiu comigo.

Da última vez anoitecia quando deixávamos o consultório do médico. Enquanto esperávamos um táxi, ela baixou a cabeça, brincou com um botão frouxo da minha camisa; secou uma lágrima. De mãos dadas ficamos em silêncio. O amor mais forte. E o medo. O meu medo mil vezes aumentado. A minha revolta. Algo muito grave nos aconteceu.

Depois. Depois aguardei o seu sinal à sombra da casa onde me deu à luz. E nem demorou e, a aragem tépida nas plantas do jardim, volteios de folhas secas aos meus pés, um silêncio prolongado que insistiu e o portão à minha direita que rangeu e se manteve entreaberto para o que viceja em mistério e sob códigos. Os nossos códigos.

Acho que lhe dei um piscar de olho. Acho. Mas tenho certeza que lhe fiz um aceno.







Castelo de areia

Rodrigo Duhau
Brasília/DF

As mãos trabalhavam habilmente. Materiais de construção: areia e água do mar. Torres, muralhas. Pouco a pouco, o castelo ganhava forma e, claro, até uma certa imponência.
Não demorou muito, e a fortaleza ficara pronta. Enfim, a história, com seu cenário construído, poderia começar. As crianças que estavam na praia, acompanhando e participando da edificação do castelo de areia, já desejavam a narrativa da professora. E ela se pôs a falar:
"Era uma vez, uma princesa, que aguardava ansiosamente o príncipe. Ele, com seus cabelos aloirados e peito estufado, viria em um cavalo branco com crina esvoaçante. Os dois se casariam e viveriam felizes para sempre. No entanto, havia um porém. Um porém chamado dragão, que não nutria os melhores sentimentos pela princesa.
Quando chegou ao castelo, o príncipe se deparou com aquela fera, cuspindo fogo pelas ventas e esbravejando aos quatro cantos:
– Por que demorou tanto?! – rugiu a princesa.
O príncipe pensou, pensou e pensou numa resposta e acabou salvando o dragão daquela megera, que deixava o bicho acorrentado e sem comida".
– E a princesa? – indagou Joãozinho, o menino mais curioso do grupo de crianças.
– Por maltratar os animais, o príncipe a prendeu no calabouço e jogou a chave no fosso do castelo – respondeu a professora.
O príncipe, o cavalo e o dragão, agora livre e alimentado, viveram felizes para sempre.

www.facebook.com/rodrigoduhau

Chão de metrópole

Victor Santos

Já eram quase sete da noite e as ruas do Recife mostravam-se como o estreito corredor urbano de pessoas que são. Todo tipo de gente andando por todos os lados. Trabalhadores cansados do dia exaustivo de trabalho, corriam em direção aos pontos de ônibus do Grande Recife ou aos seus carros. Os BRTs lotados, as lâmpadas da cidade iluminando a movimentada Avenida Conde da Boa Vista. Os alunos de uma das mais famosas faculdades particulares da região metropolitana chegavam para mais uma noite de aula. Tudo normal. Até que, entre os sons de buzinas, ouve-se uma voz desesperada: - Me dê uma ajuda, por favor! - implorava a mulher vestida com peças sujas de roupas velhas, sentada no chão, com uma menina magrinha nos braços.

Minha filha foi dormir com fome. Me ajuda. Me dá um trocado pra eu dar de comer quando ela acordar. - gritava em desespero.

Caro leitor, estava eu andando pelas calçadas da avenida quando vi a cena. De forma injustificável as pessoas apressadas corriam sem dar atenção. Ignoravam a situação como se dissessem "não é comigo!". Minha vontade era de entrar em qualquer restaurante ou barzinho nas proximidades e levar uma marmita para aquela mãe e sua filha. Porém meus bolsos estavam vazios, não jazia em minhas vestes cinco centavos. Meu coração foi ao chão. Naquele momento eu senti o mínimo que um ser humano deveria sentir pelo outro: empatia. Enquanto muitos insistem em pensar que "não é comigo!", eu falo em voz alta e escrevo, para deixar eternizado na literatura: "É COMIGO SIM!". É comigo e também é com você.

"Mas se "tá" na rua é porque a mãe usa drogas, é porque não estudou, não arrumou um emprego". Os crentes fiéis da meritocracia repetem estas palavras e propagam este pensamento dia após dia, colocando a fome da garotinha em segundo plano. Como se as pessoas escolhessem ir morar nas ruas por puro prazer. Como se passar dias sem comer fosse uma opção.

Entendo que, diante do cotidiano de um país que massacra a parte mais pobre da população, é comum (mas não deveria) se acostumar com essas situações. Quantas vezes nos param na rua pedindo um trocado? Quantas viagens de ônibus fazemos todos os dias e nos deparamos com pedintes? E a pobreza no sertão nordestino? Certa vez, uma senhorinha me parou na rua pedindo para lhe comprar algo para comer. Nossos olhos se habituaram a ver filmes parecidos com esses todos os dias. O que não percebemos é que nós não somos meros espectadores dos dramas sociais, nós somos importantes personagens. Todo mundo conhece aquele texto da Marina Colasanti, "né"?

Aquele que diz “a gente se acostuma, mas não devia.” A gente não devia se acostumar a passar no centro do Recife e encontrar pessoas implorando por um prato de comida. A gente não devia se acostumar a ver crianças indo dormir com fome.

Sei que neste gênero literário faz-se predominar a exposição de histórias do cotidiano e, talvez, ele não seja próprio para evidenciar um discurso de militância. Mas esta foi a melhor forma que encontrei de conversar com os amantes desses escritos sobre um dos muitos problemas sociais. A mulher com a filha no chão de uma metrópole em caos com seus estômagos vazios, no mesmo instante em que dezenas de pessoas comiam no shopping ou restaurantes próximos ao local, nos conta mais que uma história de duas pessoas famintas, conta a história de um país onde a desigualdade social é explícita e extrema, onde os residentes elevam seus respectivos narizes ao céu, ignorando ou tratando como normal e sem importância cenas absurdas como a relatada acima.

Confesso que a menina em questão, parecia-se com minha irmã e, sim, talvez isso tenha mexido demais comigo. Voltando pra casa, vi-me num mar de desilusão, olhando para os rios que cortam a cidade, pela janela do “busão”. Talvez você, leitor, esteja mentalizando o seguinte pensamento: “ah, ele só ficou com pena porque a garotinha lembrava sua irmã”. Afirmo que sim! Ela lembrou minha irmã, a sua mãe lembrou minha mãe, a fome me lembrou das inúmeras mães e crianças que passam fome no Brasil e no mundo a fora. Aqueles pedestres que passavam indiferentes me lembraram da maldade humana. E todas as pessoas contidas neste texto, me lembram de mim: a dor das pessoas é minha dor, a fome das pessoas é minha fome, pois, afinal, somos todos um só.

@escritorderua





Chica

Diego da Silva Teles dos Santos
Ilhéus/BA

O sol, em sua melhor forma, se exibia no céu, enquanto o menino Pedro Henrique, sentado na sombra de uma mangueira, observava o galinheiro. Era de se admirar como aquele cenário o deixava entretido. Reparava com afinco o vai e vem das transeuntes, ora no milho, ora na água, ora sem saber aonde ir. Impressionava-se com a facilidade que as galinhas tinham para evacuar os seus dejetos. Sentiu inveja delas. Não precisavam tomar aqueles remedinhos que a mamãe sempre dizia ser bom para liberar a flora intestinal, muito menos ter a sensação de que estavam sendo sempre monitoradas, na expectativa da ida ao banheiro ao menos uma vez no dia. E quando isto acontecesse, não seria como o menino sentado no vaso, que sentia do lado de fora, as respirações ofegantes dos pais e de quem estivesse em casa, na torcida pelo êxito da sua evacuação. Até Marley, o cachorro, parecia juntar-se à turma. Sentado ali, de frente ao galinheiro, o pequeno Pedrinho, apreciando a liberdade das galinhas, desejou ser uma delas.

As férias no interior eram recheadas de novidades, sabores, aromas e até maus cheiros que não faziam parte da rotina na cidade. Pedrinho sabia que voltaria para casa cheio de histórias em seu repertório. Andara de jegue, ordenhara vaca, chupara manga e araçá, colhidas diretamente do pé. Sem falar no visgo da jaca, que o divertia colando seus lábios. Não entendia porque a mãe

sempre insistia para ele optar pela jaca mole, embora preferisse a jaca dura. De todas as novidades, nenhuma o fascinara tanto quanto a vida no galinheiro.

No início permanecia à distância, apenas observava, hesitando o contato direto com as galinhas. Com o passar do tempo foi se sentindo mais seguro para entrar naquele *habitat*. Até que um dia, lá dentro, ouviu algo que lhe parecia familiar. A galinha cacarejou outra vez, e outra vez. O menino fechou os olhos espremendo-se, fazendo uma trajetória na sua memória auditiva. Como aquela sonoridade lhe parecia familiar. A galinha cacarejou novamente e ele lembrou. Dona Francisca. Algo naquele cacarejo o remetia a voz da sua vizinha. Os moradores mais antigos do bairro diziam que a mulher possuía uma voz estranha de nascença. Outros diziam que a voz dela teria ficado assim, depois que o marido contara que tinha acertado os números da loteria. A vizinhança toda ouviu os gritos de felicidade dela, que se estenderam, modificando bruscamente a entonação de sua voz, depois que o marido a informara ter perdido o bilhete premiado. Ainda havia a versão da espinha de peixe, sustentando a tese que a voz teria modificado após Francisca ter se entalado.

Eram tantas especulações que Pedrinho não sabia em qual acreditar, muito embora tivesse uma leve inclinação pela versão da espinha do peixe, imaginando a confusão formada, uma vez que, supostamente, o episódio tenha ocorrido em um jantar de gala. O fato é que a voz da vizinha era estranha mesmo. Lembrando-se da mulher, Pedrinho batizou a galinha de Chica, em homenagem a dona Francisca. Os dias que procederam ao batismo da estimada ave, serviram para firmar uma amizade genuína entre o menino e a galinha.

Certa manhã, o menino deu de cara com o tio Bené, que vinha da direção do galinheiro. Ambos pararam. Pedrinho, estatelado, com as bolas dos olhos parecendo querer saltar das órbitas oculares, viu o que o homem trazia consigo. O tio munia-se de uma faca suja de um caldo enegrecido em uma das mãos, e na outra, uma galinha, ou ao menos os restos mortais dela. Segurava a galinha pelas asas, o pescoço, na maioria das vezes hiperativo, agora molenga, pendulava sobre o corpo sem vida. O homem olhou de um lado a outro, buscando algum apoio para a situação instaurada.

- Chi... Chica?! – perguntou o menino quase que sem voz.

Era ela sim. Jamais Pedrinho deixaria de reconhecer a amiga que ouviu as mais atrozes das suas intimidades. Como quando sentiu vontade de passar cola na cadeira da professora que o chamara a atenção só porque contava ao colega as aventuras do final de semana na praia, no meio da aula de matemática. Somando-se o fato de Chica ser a mais gorda do galinheiro, não tinha como haver confusão. Era ela sim!

- Mas por que ela? O que ela te fez? – indagou o garoto, com lágrimas nos olhos.

O tio pigarreou, e aproveitou-se da sua pouca audição para ganhar tempo, embora já estivesse feito a leitura labial a respeito do questionamento do sobrinho:

- O que você disse, meu fi?!

- Por que você matou a Chica? – respondeu Pedrinho buscando um sentido para tal circunstância.

- A galinha?! É a galinha...– limpando a garganta – ô meu fi, eu sinto muito! Eu também tô sentido. Era a galinha mais véa do nosso galinheiro. Não sei quem teria corage de fazer mal a pobrezinha.

As palavras do tio causaram transformação instantânea no semblante do menino, fazendo a fúria perder lugar para a confusão.

- O causo é – o tio prosseguiu dando um tom de suspense na voz – que tava eu, caminhando perto do galinheiro, quando avistei a defunta estirada no chão e do ladinho dela tava essa faca aqui, ó. Corri meia légua pra tentar pegar o assassino, mas não vi nem rastro do dito cujo.

"Que história mais sem pé nem cabeça!" Pensou o menino. Não se lembrava de já ter ouvido, ou ao menos conhecesse alguém que ouvira a história de um homicida de galinhas. Mas o fato é que Pedrinho parou para pensar e lembrou que Chica andava um tanto estranha nos dois últimos dias. Não parecia dar a mesma atenção às prosas do amigo como em outrora. Estava comendo menos do que o comum, adotara uma suspeita preferência pelos cantos do galinheiro, sempre a margem das companheiras de estadia. No que se refere a isso, o menino suspeitava que a amiga fosse mais uma vítima do tão falado na escola: o bullying, visto a notoriedade do sobrepeso da galinha, sem contar aquelas penas de um dourado que certamente causaria inveja a qualquer uma de suas camaradas. Talvez as outras se sentissem incomodadas, entrando em um consenso para deixar a pobre gorduchinha à parte. Nesse contexto, a história que o tio acabara de contar esclarecia toda a estranheza no comportamento de Chica. Era essa coisa de pressentimento que a mamãe sempre falava. Claro! A pobre Chica estava pressentido que algo de ruim lhe aconteceria.

– Pobre Chica! - choramingou Pedrinho, enxugando uma lágrima.

– Oh, meu menino, se aperreie não, ela cumpriu a sentença, né mesmo?! Foi uma galinha de grande valia! Penso que vai tá assegurada seja lá pr'onde ela tenha ido, fi! Agora preciso levar ela. Sua tia tem de prerpará o armoço.

Tio Bené apressou-se na tentativa de sair das vistas do sobrinho, na esperança de por um fim na situação, mas o menino pôs-se a sua frente. No fundo, no fundo, ele sabia que não conseguiria escapar da pergunta que viria em seguida. Sentindo o suor escorrer pelas costeletas possuía uma intuitiva certeza de que não saberia como se safar. Agora lascou-se. Estava tudo perdido. O menino iria descobrir que ele era o assassino, que a esposa, tia Margarida, era

sua cúmplice e o pior, pretendiam servir a galinha no almoço. – Pra onde vai levá-la? – Pedro Henrique questionou agora um pouco mais conformado.

Tio Bené não sabia se respirava aliviado pelo sobrinho não ter notado os indícios que incriminavam o casal, ou se sentia aflição por não saber responder a pergunta que acabara de lhe flechar. "Se mataram, mataram alguém. Se mataram alguém é porque teve morte. Se teve morte e morreram, tem que enterrar, ué." Pensou o tio, achando uma resposta

– Há de se providenciar o enterro da galinha, fi.

Quando terminou de falar, esgotou-se. Jamais em todas as quase seis décadas de vida tinham exigido dele tamanho raciocino lógico, em tão pouco tempo. Apesar do esforço, pôde contemplar um sorriso de contentamento no pequeno Pedrinho, como se a galinha fosse digna de tamanha honraria. Certamente, aquela seria a primeira galinha a ser enterrada. Dando-se conta disso, por um momento houve um ar de lisonjeio da parte do tio Bené, afinal de contas era nas terras dele que aquele feito inédito aconteceria.

–Agora vá se ajeitiá que eu vou arranjar uma caixa que sirva de caixão pra galinha Chica. Daqui a pouco tu me encontra lá perto do pé de acerola, atrás do curral – o tio deu as coordenadas.

Após tanger o menino para dentro de casa, saboreou um pouco do alivio momentâneo. Momentâneo mesmo, pois não sabia que rumo tomaria esse acontecido. Ou melhor, até que ele sabia. "Vou ter que enterrar a diaba da galinha" cochichou consigo mesmo. Não tinha escolha, já tinha chegado até ali, teria que por um ponto final.

Meia hora depois estavam os dois no local marcado. O menino todo de preto, como no único enterro que já assistira. Foi o da donzela, enamorada do mocinho de um filme de faroeste que o papai assistiu. A cena que antecedeu o enterro foi uma épica perseguição de cavalos que culminou com a morte da donzela. Aquela cena foi reproduzida pelo menino durante algumas semanas, até que em uma tarde, perdera o controle do seu mangalarga, a vassoura de casa, derrubando um dos lustres favoritos da mamãe.

Tio Bené, suando feito um cuscuz, descansava sobre o cabo da pá usada para abrir a cova. A galinha estava lacrada na caixa-caixão. Com pesar, o menino se aproximou e pegou a caixa, depositando-a na cova rasa. Balbuciou meia dúzia de palavras e foi-se embora do cemitério improvisado. O tio, grato pela rapidez da cerimônia, apressou-se em tapar o buraco, afinal de contas não podia correr o risco de alguém ver aquela cena. Se isso acontecesse, pensou em como explicaria o enterro de uma galinha. Cansou de pensar e parou.

Na hora do almoço estavam todos na mesa. Papai, mamãe, tio Bené, Pedrinho e alguns primos. Quando tia Margarida depositou sobre a mesa, a panela com o ensopado de galinha, tio Bené sentiu um frio na espinhela. O

menino examinou o conteúdo da panela, depois olhou todos em volta, como se estivesse à procura de alguém. Bené e Margarida se entreolharam. Estremeceram-se. Silêncio. Pedrinho levantou o braço e apontou para panela. Bené e Margarida sentiram-se perdidos. "O menino vai voltar pra cidade com a tar da depressão se descobrir que servimos a amiga dele no armoço" pensou Margarida.

- Mamãe, mamãe, eu quero aquele pedaço! – disparou Pedrinho.

- É todo teu, meu anjo. – tia Margarida antecipou-se. Respondeu tomando a frente para servir o sobrinho.

Com a tensão dissipada da casa, todos comiam e conversavam tranquilamente.

- O que foi que tu enterrou na caixa, homi? – cochichou Margarida.

- Tive que matar outra galinha, muié. – tio Bené caiu na risada, cochichando em resposta.

O menino fitou-os com ar de desconfiança, mas logo voltou a saborear o gordo pedaço da coxa da galinha Chica que escolhera a dedo.







Com Sentido Vivo

Alexandra Torres
Lisboa, Portugal

De vez em quando, espero mais. Depois, sinto-me estúpido. Para quê aspirar a mais? E penso noutra coisa. Mas a mesma ideia volta, vezes sem conta. Não me larga. é mais forte do que eu. E teima em aparecer-me no pensamento para não me deixar sem nada, sem sonhar.

Afinal, que outra coisa tenho se não os meus sonhos? Tudo o resto, o material, não me pertence. É meu durante um tempo, mas depois desaparece. Só o sonho, este meu sonho, persiste no tempo. Desde que me lembro.

E torno a sentir-me estúpido por me dar ouvidos. Ou ouvidos ao sonho, que acredita sempre que mereço mais do que viver por viver sem sentido no mundo material. Então, penso que o melhor é por mãos à obra e trabalhar neste sonho para que se concretize. Talvez depois me largue. Ou talvez depois surja outro. E outro. E assim, com sentido, vivo.







Conjugar teimosias

Ilza Carla Reis
Euclides da Cunha/BA

Pra se viver, de verdade,
Há que se ter teimosias
Não uma, nem duas
Serão precisas várias
Uma para cada dia

Pra se viver, de verdade,
É preciso teimar contra o tempo
Que insiste em ser ligeiro
Quando insisto em ser faceiro

Pra se viver, de verdade
Há que se teimar
contra a mania das horas
em decalcar os meus passos
que nem de longe dão conta
De tudo que sinto e faço

Sinônimo do verbo viver?
Verbo teimar
Não é o que diz o dicionário
Mas entende quem sabe conjugar
Eu teimo
Você teima
Nós teimamos...

https://www.instagram.com/ilzacarlareis/
https://www.facebook.com/Ilzacarlareis



Consciência

Carlos Jorge Azevedo
Santa Marinha do Zêzere- Baião- Portugal

Lá fora sopra agreste a ventania
E os teus tão agoirentos pensamentos
Sacodem-se repletos de tormentos
Assim como os pinhais pela invernia.

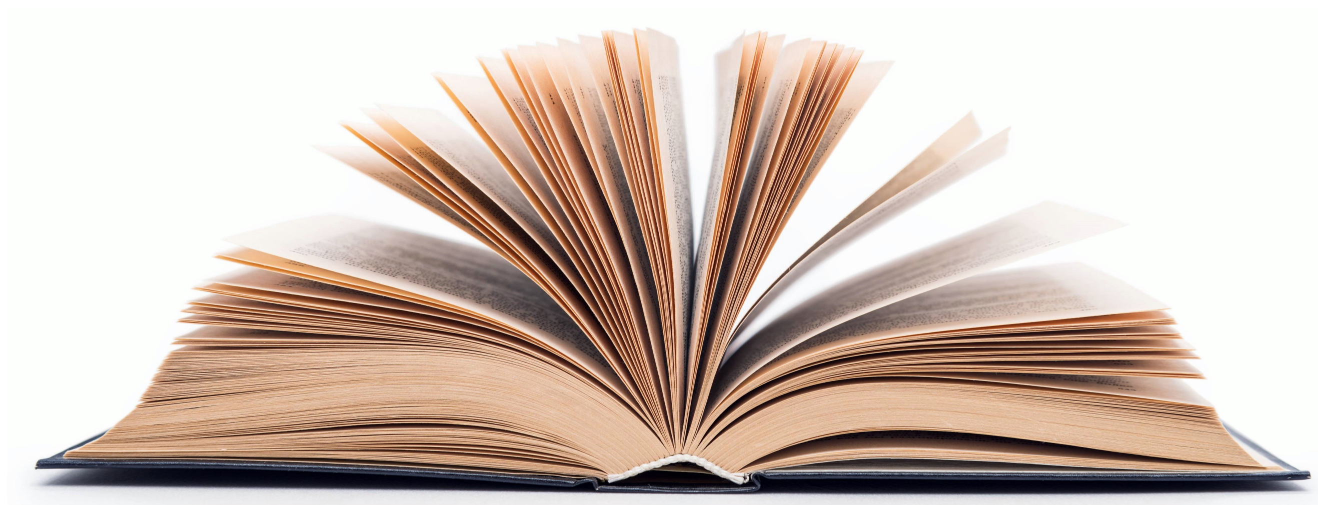
Lá fora não se vê humano alguns
Cai a chuva em tão triste melodia
Ruge a rude intempérie de agonia
Com o frio chora a alma qualquer um.

Quem pode vai sentar-se na lareira
Que às vezes esta vida é desigual
Sem telhado sem poiso sem maneira.

Desperta de repente a consciência
Acolhe-se qualquer como um igual
Os muros dão lugar à sã decência.

www.facebook.com/yolanda.azevedo.3





Dia Internacional do livro - 23 de abril

Vera Raposo
Teresópolis/RJ

Olá! Quero me apresentar:
Ultimamente esquecido, às vezes preterido sem ninguém me notar.
Com o avanço da tecnologia, fiquei rejeitado, ignorado, alguns sem me procurar.
Muitos gostam de mim, me admiram e vão me apreciar.
Tratam-me com carinho e querem me preservar.
Alguns tem ojeriza a mim, pra mim nem querem olhar.
O importante é que aonde eu chego sou bem recebido e gostam de me valorizar.
As crianças gostam de mim, tenho muitas histórias pra contar.
Um mundo lúdico posso fantasiar.
Os adultos também me apreciam, são exigentes e sabem cobrar.
Ensinamentos, técnicas, experiências tudo que eu posso ensinar.
Pronto para consultas e no que puder ajudar.
E os romances? Ah... sei cada um incrível, posso até te contar.
Fico triste quando certas casas não consigo frequentar.
Em outras sou deixado de lado num canto a amontoar.
Em compensação, em outras fico em destaque, querem perguntar, debater e até comentar.
Gostaria que vocês falassem mais sobre mim e de mim gostar.
Quero conviver com todos, com todos me relacionar.
Bem, já falei demais, vou agora me apresentar:
Muito prazer, sou o Livro! Podem me presentear.



Duas Trovas de Amor

Edweine Loureiro

Saitama – Japão

Amar é jogar os dados:
deixe à sorte a decisão.
Pois excessos de cuidados
tiram toda a diversão.



A quem ama e, todavia,
deseja viver sem dores:
“Que dolorosa ironia!
Não vês espinhos nas flores?”.

https://www.facebook.com/edweine.loureiro

E quando não escrevo?

Lenilson Silva
Pedras de Fogo/PB

Estou fazendo poesia
isso mesmo
faço poesia visual
instrumental,
ambiental...
Tantos lugares lindos
saiba que eu não sumi,
estou vivendo
estou ali colorindo...
Não se preocupe
em breve irei transcrever aqui
os lugares que percorri
tenha paciência...
Vamos parar 1 minuto também?

https://www.youtube.com/user/len22100



Ela não é uma criatura é uma criação

Maria Vitoria
São Paulo/SP

Essa mulher não é uma criatura,
É uma criação.
Os beijos dela estão trancados a ferrolho
Em meu miocárdio resistente
Como uma breve descrição da nossa arte.

Não se trata de um poema,
Diz respeito à mulher que ela é.

Uma mulher que eu aprecio,
Choro
Rio
Penso
Existo.

Não posso simplesmente abandonar
Todas as noites dedicadas ao embalo do sono dela.
Não posso simplesmente jogá-la fora
Como se a mesma fosse uma capa de vinil usado.

Afinal,
O que seria do meu mantra sem o eixo lúdico dela?

Fervo moléculas ionizadas em panelas de laboratórios clandestinos
Só para ver se a reação dos agentes
São conciliadores na redução de minha saudade.

Sim. Ela é a cura para qualquer doença terminal.
E eu poderia passar dias me mastigando
Só para não esquecer o gosto que as digitais dela
Deixaram em minha pele.

Loucura por loucura,
Quem nunca se travestiu por amor?

Todos os dias eu a pinto
Com meus pincéis invisíveis sem pontas,
E sempre chego a uma bela obra de arte no final do dia.
Ela é melhor do que qualquer miragem
Nas penumbras de um deserto hostil.

Flagelo-me constantemente por remissão de pecados
Cometidos a uma mulher precária de glorificações eternas.

Dobro meus joelhos para me aproximar ainda mais dela
Quando travo meus eternos monótonos com deus.
Juro, às vezes eu posso sentir as veias que ligam meu coração ao resto,
Pulsarem ao mesmo tempo que as mesmas proliferam em bom tom; saudades.

Há dias que nem pregos minhas têmporas
Com medo de perder algum ínfimo detalhe dela.
Se caso isso acontecesse,
Eu jamais me perdoaria.
Por vezes me sinto acovardada,
Exposta de falhas e pesadelos com uma ausência nunca antes sentida.

Nunca foi de mim expor tanto.
Alguns até dizem que tenho alma de poeta.
Acho engraçado até...
Pois a única coisa que eu consigo ser
São cacos afiados em solas expostas pelas prisões do tempo.

Um dia desses hei de fugir de mim
E quando minha liberdade cantar
Sobre as grades frias de minhas janelas,
Eu juro que vou correndo com toda a minha ressaca de amor senil
Aos braços dela.

Por hoje,
Tanto,
E para sempre.

www.aestranhamente.com





Entre bambus e goiabeiras

Paulo Rogério Vidal Cid

Rio de Janeiro/RJ

Nas ruas e quintais de nossa infância
corríamos soltos de pés no chão.
O chão era de terra e as cercas tinham flores,
alegria e pouso de borboletas.
Para a companheira de travessuras
Colhia goiabas maduras, sapotis e cajás.

Na sombra de um bambuzal, entre riso e espanto,
aconteceu a descoberta do amor.
E os beijos trocados ainda adoçam estas lembranças.

Andávamos sem temor pelas ruas do nosso bairro,
pois a vida nos sorria e o tempo era nosso amigo.

Mas o tempo é brincalhão, nos faz crescer e muda tudo.
Tirou-nos os quintais, cercas vivas e borboletas.
Nossos caminhos divergiram em buscas nem sei de quê.
Esquecemos nossas juras e promessas de voltar.

E de um momento de ternura e espanto
restou só o encanto que o tempo
não soube apagar.

Esse Tu

Tiago Xavier
Natal/RN

Esse tu que nunca irei atingir,
Pois brilha além de mim.
Esse tu que está além,
Além do meu eu.

Um eu que nunca será igual ao teu.

Esse tu que o meu eu gostaria de ser teu:
Teu silêncio, teu dever, teu valor, tua manifestação;
Que se manifesta em mim para além do meu eu.

E assim fico eu, sem o tu, sem o teu eu.

Mas, foi o tu que me fez sentir,
Que o meu eu necessita de um teu eu;
Para que eu não perca o meu próprio eu.





Eu e você

Cláudia Clemente de Melo
Belo Horizonte/MG

Há muito tempo, quando você estava comigo e eu me lembro disso até hoje, você cantava uma canção e me falava, lembre de mim, e eu me lembro de nós duas estarmos juntas toda hora, antes de você um dia ir morar em outro país, tão distante que nem mesmo os nossos mais remotos pensamentos poderiam imaginar tamanha distância, mas antes de você ir me disse algo que me marcou muito, e foi assim:

- Meu amor onde estiver, seja com quem estiver, ao ouvir a nossa canção lembre-se de mim, de tudo que passamos, dos momentos que sonhamos, pois para sempre eu lembrarei de você.

E os dias se passaram, e com a sua ausência, eu sinto a presença da solidão que insiste em visitar a cada segundo do dia o meu coração, e com essa imensa distância que nos separa eu vou vivendo assim, esperando por você, e quem sabe também você esperando por mim. Essa vontade de te ter de novo presente em minha vida me faz não querer mais pensar na tristeza da sua ausência, mas sim na vontade de te amar até o fim, pois como você sempre dizia:

- Aconteça o que for nunca vou te esquecer um segundo, posso até disfarçar, mas você sempre vai estar no meu mundo.

Nos conhecemos de uma maneira pouco provável, de uma forma meio que inesperada, mas não menos interessante. Numa tarde nos deparamos na rua e de repente uma olhou para a outra e assim nos apresentamos, te dei o meu contato e você o seu, e de lá para cá nunca mais te esqueci, e lá se vão quase 20 anos.

No início tudo foi muito fugaz, de repente parecia que já nos conhecíamos há anos, e quem sabe até de uma outra vida, e se isso for possível, tenho certeza que já nos pertencemos desde outras existências, pois a nossa sintonia desde o início foi perfeita, parecia até que os nossos olhos sabiam quando iriam se encontrar, se desejar e incrivelmente até quando imaginávamos as nossas vidas no futuro, pois imaginávamos que nosso sonho fosse perfeito.

Mesmo com as nossas diferenças (e que não eram poucas), o nosso sonho, aliás, a nossa vontade, era envelhecermos juntas, e formarmos uma família repleta de amor, dedicação, carinho e respeito. Esse sonho, com o passar do tempo, indicava que iria se concretizar, pois nos amávamos. A primeira vez que ouvi você dizendo que me amava eu quase pulei de tanta felicidade, pois tive a certeza ao olhar no fundo dos teus olhos que aquele "Eu te amo" estava sendo dito para mim não por sua boca, mas pelas fibras mais íntimas do teu ser, o teu eu gritava para o meu o quanto você me amava, me queria, me desejava. E nesse instante eu me questionei se eu estava sonhando ou se tudo aquilo, se aquela explosão de sentimentos era real, pois o meu peito também transbordava de amor por você.

E assim os dias foram passando. Nós vivíamos quase que 24 horas por dia em contato uma com a outra, fosse por mensagens, por ligações telefônicas ou encontros inesperados, pois dificilmente passávamos muito tempo sem nos encontrarmos. Nossa vontade de que cada instante em que estávamos juntos se transformasse em eternos momentos fazia com que todos eles fossem prazerosos e intensos, desejando que nosso amor se perpetuasse.

Em um de nossos momentos, você me disse:

- Precisamos conversar.

Eu no mesmo instante me preocupei, pois você nunca havia falado com tamanha seriedade, mas de pronto fiquei atenta ao que você desejava falar, e mais que depressa falou:

- Eu precisarei me ausentar por um tempo, pois acabei de receber o comunicado do meu mestrado na Alemanha, provavelmente me ausentarei por pouco mais de dois anos.

No mesmo instante eu congelei de tanto desespero, sabia que você poderia ir para nunca mais voltar, sabia também do amor e dedicação que você tinha por sua carreira. Sempre me falava do sonho de seguir na carreira acadêmica e que isso era a sua vida. E quem era eu para tentar te fazer pensar de outra forma? Jamais tentaria te impedir de ir atrás do seu sonho, mesmo morrendo por dentro, mesmo meu peito gritando e implorando para você não ir, mesmo sabendo que poderia te perder, mas guardei toda minha angústia dentro de mim e te dei força para seguir adiante com o seu objetivo.

E assim você se foi. Foi para tão longe e meu coração sempre estava junto a ti, para te fazer lembrar que, onde quer que fosse meu amor sempre estaria contigo, de forma que, te alegrasse nos momentos de tristeza e te consolasse nos momentos de solidão, sendo o teu porto seguro e amparo necessário.

Entretanto, os anos se passaram e meu peito gritava de dor e saudade. Longos foram os dias em que eu entrava no quarto e não desejava mais sair, pois meus olhos e meu coração choravam chamando por você e por sentir a tua falta. Com o passar do tempo não mantivemos mais o contato, não por falta de vontade minha, mas por você alegar falta de tempo.

Com isso, os dias foram se tornando meses e os meses se tornando anos, anos incontáveis, inconsoláveis, indissolúveis e de eterno sofrimento. E assim, outra pessoa surgiu em minha vida, me trazendo muito respeito e carinho. Contudo, nada era igual ao que passamos, afinal de contas, ninguém é igual a ninguém.

Em um determinado dia fui pega de surpresa com um lindo pedido de casamento que relutei em não aceitar, mas que, com a suposta certeza da sua permanência na Alemanha eu terminei aceitando. Em minha mente eu fazia diversas comparações, como por exemplo, do seu beijo e do dela, do seu toque e do dela, e por aí vai. Mas tudo ainda me fazia lembrar você, mesmo estando prestes a casar com ela.

E chegou o dia do casamento. Muitos foram os convidados. Muitos foram os envolvidos. Muita foi a vontade de estar casando com você, mas em minha mente você nem lembrava mais de mim, já deveria estar com alguém, alguma alemã poderia ter te tirado de mim. Entre todos os meus segredos eu guardei o maior deles, o meu amor infinito por você, e poderia te falar sem nenhuma dúvida que "Você é o meu segredo mais oculto".

Tudo decorria muito bem, meu lar era repleto de paz, e meus filhos de 4 patas foram chegando para trazer mais alegria para a minha casa, e assim, cadelas, gatos, passarinhos e tartarugas foram chegando e cada um deles tinha seu respectivo nome. Eu buscava organizar a minha vida, o meu trabalho e o meu convívio em família, mas o principal me faltava, me faltava você.

Assim, eu fui sendo reconhecida profissionalmente a cada dia, mais e mais clientes me procuravam, minha esposa também se destacava. E num determinado dia resolvemos adotar uma criança, desejávamos um filho e fomos em busca disso. E tempos depois tínhamos a nossa filha tão desejada, mas mesmo assim ainda continuava sentindo que faltava algo dentro de mim, que preenchesse o vazio que você deixou em meu peito e em minha vida.

Tudo indicava que os nossos destinos não mais se cruzariam, não mais se pertenciam, não mais se buscavam. Entretanto, qual a razão de apesar de ter tudo eu ainda me sentir tão vazia por dentro? Qual o motivo de sempre faltar

algo? Seria apenas sintomas de um amor mal resolvido? Seria frustração ou apenas a falta de uma explicação sobre o nosso final que você nunca me deu? Eram tantas as perguntas que muitas das vezes eu preferia que elas não existissem.

Eu sempre buscava ocupar todo o meu tempo para que não sobrasse nenhum dele para pensar em você, e fui levando a vida dessa forma, em alguns dias eu sentia mais a sua falta e em outros nem tanto assim, mas em momento algum eu conseguia tirar você da minha cabeça.

E o tempo passou, e após longos, demorados e silenciosos anos você voltou. E numa tarde de primavera eu te reencontrei. Você ficou me olhando sem parar, mas não me reconheceu. Assim, eu tomei coragem e fui até você, me aproximei e cantei a nossa canção, sorrindo você logo me abraçou, como se estivesse matando a saudade mais profunda que pudesse um ser humano sentir, e em seguida choramos juntas na certeza de que não nos separaríamos mais.

@escritoraclaudiaclementedemelo (instagram)







Eu te fiz poesia

Carmo Bráz de Oliveira
Foz do Iguaçu/PR

Eu te fiz poesia
Com o mais tênue sentimento
Delineando com carinho
Seu sorriso
Seus olho
Seus cabelos ao vento

Eu te fiz poesia
Pra te aconchegar em meu peito
Quando vier a saudade
E eu andar pela cidade, Sem rumo, sem jeito

Eu te fiz poesia
Pra tocar seus lábios
Sua pele, sentir a fragrância de seu perfume
Num longo abraço

Eu te fiz poesia
Para ver-te
Todo dia em minha mente
Quando a distância doer
E eu tentar te esquecer
Inutilmente

Eu te fiz poesia
Pois somente assim
Pela palavra, qual magia
Terna utopia
Estarás
Para sempre
Em mim.

https://www.recantodasletras.com.br/autores/carmobraz





Experiência

Júlia Azzi
Porto Alegre/RS

materiais:
um copo com água
um bloco com palavras
uma mesa, se possível branca
os olhos e as mãos

1) pegue seu copo e derrame na mesa
não inteiro, mas suficiente
pra uma pequena
nuvem d'água

2) resista ao ímpeto de limpá-la:
seria menos pra poupar a mesa
que pra se confortar
com a própria limpeza

3) eleja uma folha do bloco ao lado
melhor que seja ao acaso

mas uma repleta de palavras
se for lista de compras
versos apodrecidos
ou bilhete apaixonado
não faz diferença
nesse estágio
na verdade não faz diferença alguma

4) pegue o papel, mas não esfregue n'água
nem coloque antes do próximo passo: encare-o
sem forçar analogias
sem pensar em nada

5) aproxime com cuidado
a parte escrita da nuvem líquida
pra não se afobar
pense nas superfícies
como se beijassem
mas não com fome de namorado
pelo próximo passo,
mas com a surpresa
lenta e rápida
de um primeiro beijo

6) deixe a água desvestir o papel
apenas observe
é essa a experiência
apenas observe
a noite caindo sob as palavras
a visão de um mar chupando um barco
ou até a imagem daquele primeiro beijo





que pouco a pouco
encobre o corpo
aproveite e aprenda a beijar o corpo

7) (se havia palavras também no reverso
encare o portal aberto entre os dois lados
o modo como verbo lambe substantivo
como o I se enfia na abertura do U
sinta a mistura de palavras como um poema
mas não faça poemas com essas palavras
deixe-as em paz)

8) segure o papel aquoso
note como mudou o peso das palavras
e o deixe secar
e se deixe secar
e seque a mesa

9) quando a água evaporar
tudo vai estar mais rude
e enxuto
aproveite.

https://uns-estilhacos.blogspot.com/



Fiz das trovas coração

Luisa Costa Cisterna
Calgary/Alberta, Canadá

Quando engasgada com palavras de amor, recorro às letras para me trazer alívio – meu bem-querer, faço, por você, das trovas coração.

Falar simplesmente não traz consolo; preciso embaralhar as palavras, sacudi-las e espalhá-las no tabuleiro de papel branco e, como em um quebra-cabeças, formar a imagem da paixão. Aquele que ama, não vive sem versos e prosa.

Na madrugada insone, olho para o teto por onde passeiam as sombras dos galhos, que entram furtivamente pela janela do meu quarto. O amor me acordou, sempre me pregando essa peça na calada da noite. Uma palavra e mais outra rimam a saudade que aperta meu peito. Não há descanso, não há sossego. Viro para o lado na cama macia e observo o bailar da cortina leve. Descarto um verso e tento outro. Para o amor, só a mais melodiosa canção.

Se o barulho é de sapo ou de coruja, já não sei. O que sei é que as batidas do meu coração reverberam entre as quatro paredes na batucada da paixão. Se ao menos eu tivesse o domínio das tantas letras para anunciar meu amor, seria livre da dor que me consome. A distância é uma lança e o tempo, meu cruel algoz.

Tento novamente um acordo com as sílabas, mas elas, teimosas, correm para lados opostos. A brisa, cansada do marasmo, transforma-se em vento forte. Espalha as folhas secas, que alçam voo e invadem meu refúgio. Quem dera o vendaval trouxe para mim aquele que longe está. O trovador dentro de mim pastoreia as palavras para o aprisco dos versos sem conseguir, no entanto, o rimar do seu amor.

A frustração é grande. Nenhuma cooperação das palavras para me tirar da angústia. Meu bem-amado tão distante espera de mim esses versos, nossa

linguagem da devoção. Passo e repasso os vocábulos tão difíceis de versificar, mas não desisto; insisto. O que eu achava perdido vai ajustando o foco e o lirismo que julgava extinto vem chegando elusivo.

Um e outro, o verso se forma. Era esse finalmente o alívio que procurava? Meus olhos estão pesados e o coração, conturbado. Preciso dessas rimas para o fim do meu martírio. Prendo uma e depois outra na minha rede como quem caça borboletas. Essa sim; essa não. Flutuo como a pluma pela trova do meu coração.

Sem você eu não existo

Faço tudo e insisto

No peito só afeição

Em forma de devoção

Com um longo suspiro, para o outro lado me viro. As pálpebras pesadas descem pelos meus olhos cansados e o coração acalma seu descompasso. Essa era a mensagem para meu amor, tão longe em outro hemisfério. Deixo-me embalar pelo coaxar e pelo chirriar. O vento, cansado de se exibir, volta a dançar como brisa suave que só levemente lambe a cortina. Minha mente, satisfeita, captura a trova e a envia ao coração.

Amor, essa é minha mensagem para você!



Flexões Mentais

JAX
Brasília/DF

A semelhança entre o banheiro e o telefone é que estão sempre ocupados quando se precisa deles.

Antônimos: marido e mulher. Sinônimos: marido e mulher (exemplos extraídos da "Gramática ao Sabor das Circunstâncias").

Herói anônimo foi o que disse o primeiro palavrão.

É fácil ignorar os adversários desde que eles não atirem primeiro.

Esnobe era aquele sambista que, nas rodas de samba, usava isqueiro a gás em vez de caixa de fósforos.

Ler é o método que os tímidos inventaram para saber as coisas.

Gosto tão pouco de enterro que, se pudesse, não iria ao meu!

Segundo o matemático amoral, triângulo, retângulo ou quadrado, certo ou errado, justo ou injusto, tudo é questão de ângulo.

O drama da diplomacia internacional é que somente se negociam "mapas do caminho" e quase nunca se chega ao mapa da paz. A paz fica pelo caminho...

Detentos são como os intestinos: presos ou soltos, podem causar problemas!

Burocrata típico é o que somente lê o que escreve depois de ouvir o chefe elogiar.

Não se sabe qual o cão ideal, mas o melhor certamente é o Hot Dog.

in Ibitinema e Outras Histórias, 2016, editora Lamparina Luminosa, S. Bernardo do Campo, SP

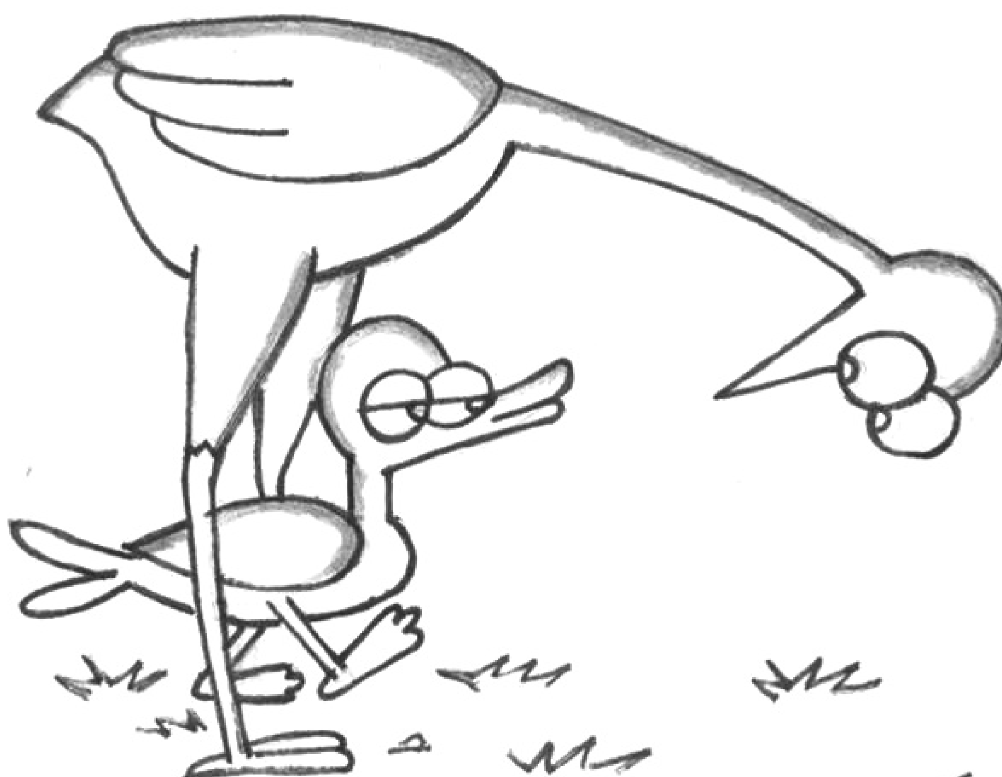


Haikai Engraçadinho

HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

Cujo passo
é cômico poema,
pato, marreco e ema



HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

Sendo de grife
pode até chapel
com chifre



Jorginho da Hora - Simões Filho/BA



Hera, a Mãe Protetora e Vingativa

Cleidirene Rosa Machado
Catalão/GO

Um estranho e antigo amor surgiu no Olimpo sagrado.
Hera e Zeus, os filhos do mesmo sangue de Crono e Reia.
Mas, por Zeus, à Hera, fez para ela um casamento profanado
Senhora defensora e protetora do matrimônio em estreia.
Mãe de ferozes filhos legítimos do marido aconchegado
Uma deusa, tão ciumenta, quanto vingativa ela era.

O grande Zeus, sempre infiel e pai de adulterinos.
Hera astuta, era o tormento das amantes e bastardos filhos.
Hércules, Io e Épafo, peregrinos.
Tentou impedir que Ártemis e Apolo viessem a vida, pecadilhos.

Hera a Zeus, um dia procurou Tirezias, o tebano.
Era ele o único humano em toda a terra,
Aquele que um dia viveu no corpo de um homem.
Aquele que um dia viveu também no corpo de uma mulher
Hera e Zeus queriam a resposta que vinha martelando.
-Quem de nós dois tem mais prazer no amor?

-Sou eu o homem?-Sou eu a mulher?
Tiresias respondeu sem demora:
-O prazer da mulher, está na proporção de dez para um homem, em favor da mulher.
Hera se vestiu de ódio em demasia.
Olhou com fúria para a resposta daquele humano,
Arrancou as vistas de Tiresias o Tebano.

Pela beleza exuberante do pavão
Pelos olhos espertos do gavião.
Lembra do ganso que para Hera tem sua razão.
Sacrifica a ovelha para receber dela a proteção.
Um punhal afiado, soberbo em devoção.

Se Zeus é para nós o céu sereno,
Hera é a personificação da atmosfera sombria.
É dela, o anúncio ameaçador das tempestades
A arrematação dos sentimentos mais profundos e contrariedades.
Os raios e trovões que desabam no mundo e inebriam.



Indigestual

Bruno Candéas

Recife/PE

MEDO: temidas são as verdades que perturbam.

ESCURIDÃO: a luz se revolta para dentro.

VIGÍLIA: o sono é velado por um anjo devasso.

NÔMADE: em cada povoado, a semente de sua perversão.

VATICANO: batinas estendidas na torre da luxúria.

PACTO: agora em duas vezes no hipercard.

ESPELHO: a face viciosa que outros contemplam.

ALTAR: o grande trabalho está posto.

do livro Indigestual, 2006

https://www.facebook.com/profile.php?id=100009145923397

@poetacandeas



Instantes Antes dos Cisnes...

Paulo Luís Ferreira
São Bernardo do Campo/SP

O espaço ficara paralisado, e o tempo recuara. O Ali e o Outrora tinham se transformado num Aqui e num Agora que deslizavam, dançavam envoltos em música. Antes, bem antes dos ventos Frementes e do Sol Vermelho e quente... Lá fora a chuva fina caia sobre o lago e chegava até sua janela.

Ele gostava de pensar nas águas que vêm do céu como um líquido morno, assim como seu pensamento no estado Daquele Agora. Ele olhava absorto pelo vidro embaçado onde avistava na extremidade do jardim, à esquerda, um frondoso flamboiã. Era lá que gostava de pensar o mundo e os sonhos, mas agora chovia. Não podia lá estar. Só sabia que deveria estar em algum lugar, mas que não estou em lugar nenhum. Havia uma vasta e estranha tarde de sonho em seu olhar. E se perguntou por que as árvores morrem de pé. E pensou nela. De fato existia de corpo presente o corpo dela? Por instantes, a via bailar, doce e faceira em seus braços. Anelares desejos breves e futuros; e pensava: por que o tempo não para, para que agente não passe depressa?

A chuva aparecia e desaparecia, como um véu escuro se abrindo e fechando. E entendeu naquele instante o porquê de os grandes navegadores deverem sua reputação às tormentas e aos temporais. Então se inclinou um pouco mais, até poder sentir na testa o vidro frio da janela, as correntes finas de ar e os pequenos chuviscos leve e ralos penetrarem pelas frestas da janela, e via sua respiração formar uma névoa. Assim como seu pensamento nela. Abriu as palmas da mão observando-lhes com melancolia. Ele acreditava que se podia ver a alma na própria respiração e explicava pra si, enquanto soprava as palmas das mãos, oferecendo a alma aos Deuses. Sua respiração desaparecia, enquanto olhava, até que só restou um pequenino suspiro, um arfar, e depois nada. Só pensava que a vida só tem duas verdades absolutas, as quais não foram proferidas pelo homem, mas pela lógica das coisas: que você veio e que você vai. O dia se foi e...

A noite começava a chegar. A rua enegrece. A luz lustrosa do poste invade a rua, lúgubre como obelisco a iluminar pensamentos. Dentro de si estava se plantando uma lua; ele pensava em poetizar. Deu as costas para a janela. Devagar caminha rumo à escrivaninha que o esperava ansiosa**.** Procura seu banco de sentar.

Às vezes ou quase sempre é um tormento fazer as palavras combinarem com os pensamentos, as emoções que se chocam, dentro do Si, e dos Consigos,

como blocos de gelo navegando em águas turvas. Farpas imantadas, boiando em lago estranho. Como é difícil viver esse drama que é não saber como começar a escrever algo que possa nos trazer resultar numa boa alegria para nossa alma. E pensa: será que isso já deve ter acontecido com outros Poetas, ou pelo menos, assim como ele, que deseja começar descrever um sentimento, mas que não sabe por onde começar? E assim as memórias mais vívidas caíram na corrente das reminiscências. Então, mais que ágil, rabisca a página, riscando, jogando isca ao lago, pescando acasos da vida para pegar o sentido das coisas que estão dentro das palavras. Mas a palavra é um tormento quando queremos combiná-la com os sonhos. Ressabiou-se. Recolheu seus pensamentos de sobre a escrivaninha e foi para a varanda. Dormiu. Acordou. Àquela hora, caído tão cedo das alturas do sono, por mera tirania do hábito; coisa das Auroras Laboriosas. Mas agora, sentado no alpendre, tinha desistido. Desistido completamente, não atinava em nada reiniciar novas escritas; entregara seu destino à mão áspera do acaso. Entrou, acendeu o fogão. Sentou-se perto da janela, de onde podia ver o fogo. A chama. E ouviu o relógio do fogão apitar. Bebeu o café. Fumou. E fumando se preencheu de fumaça. Engasgou, engoliu o gosto amargo da nicotina e o vazio continuou. Permaneceu assim encostado na janela, pensando fora dela. A chuva da manhã. Lá longe o horizonte se acinzenta. A terra. As árvores e as montanhas estão verdes, e a neblina está em toda parte, como aquela que sobe do lago e alcança as montanhas como uma fumaça. Lá fora, os ventos de julho ainda estão úmidos e frios. A friagem que chega depois da chuva jorra numa torrente pela rua. Mais adiante a névoa rasteira e fechada, e depois a tormenta, num instante bem perto da janela já fica mais calma. Quando vislumbrou os Cisnes no lago a navegar e pensou: "Isso vai me atrasar um pouco, mas, puxa vida, penso só naqueles Cisnes, lá fora no lago, a tomar chuva!

Ele ainda pensava numa poesia para ela.



Invisível ao Globo Ocular

Felipe Verçosa
Teotônio Vilela/AL

I

Aaaaaaaa
c o r d o:
calado
M-o-v-i-m-e-n-t-o-m-e:
sútil
HIGIENIZOU-ME:
onomatopeico
v
i
s
t
o
-ME:
desapraz
Alimento-me sucinto
Sa io:
invisível
Vol to:
(in)visível por soslaio

II

Despindo-me
Deleito-me
Despedaço-me
Ver-me
Só o reflexo mimético do espelho trincado.

Jornada do poeta

Augusto Stevanin
Porto Alegre/RS

Já fatigado da infimês
em torno da orelha crua
carne crua
transa crua
rua crua

Vai lá o poeta pobre
fodido e contente
à Magna Grécia
Afrodite procurar

Se fatigou o pobre da vida vã
de suas cócleas refreadas
inervação de palavras
"Excusez-moi, Mademoiselle"
falou e logrou-a
dos velozes Pardais de posse divina
fez aliados de si

Atou um ao pé de seu ouvido esquerdo
Reivindicou tantos outros
na tua rua, na viela,
na utopia, na prisão,

Tecnicolor e imortal Afrodite
em meio aos automóveis
na contra-mão

então desprovida de carruagem áurea
outrora embalada pelos pássaros esbeltos
rodeada de marrecos e esquecida
a deusa vaga

O poeta ainda em tempo adverte:
o miúdo que supõe, se equivoca,
milk shake de néctar
das cloacas Pardásseas sair

Escudo no itabirano Carlos
de apenas duas mãos e o sentimento do mundo

Ânsia pelo verso heptassílabo,
mas fatigado,
mas de cócleas férreas,
labirínticas,
bélicas

https://www.instagram.com/?hl=pt-br





Lágrimas de uma Luta Interna

Davi Alexandre Schoenardie

Celso Ramos/SC

Moço, sai desse vazio...

Talvez há algo novo lá fora,

Talvez você seja um meteorologista revolucionário,

Talvez esteja chovendo sorrisos nublados,

São lágrimas de uma luta interna...

Moço, sai desse vazio...

Talvez suas conversas não terminem em um adeus,

Talvez seu sangue seja para sempre jovem,

Talvez esteja fugindo de si próprio,

São lágrimas de uma luta interna...

Moço, sai desse vazio…

Talvez seu olhar interno embaça o coração alheio,

Talvez tu seja esse desastre lagrimoso,

Talvez essa dor vá embora, moço,

São lágrimas de uma luta interna...

Moço, sai desse vazio…

Talvez o abraço das lágrimas transpasse amor,

Talvez seu encanto amanse a aura alheia,

Talvez a pluralidade de suas curvas singularize,

São lágrimas de uma luta interna...

Moço, sai desse vazio…

Talvez o amor seja o vapor de seus lábios,

Talvez as solitudes sejam um universo abstrato,

Talvez o (re)começar seja aquela parte floral da vida,

São lágrimas de uma luta interna...

Moço, sai desse vazio…

Talvez enternecer sua flora é uma gentileza interna,

Talvez suas fotografias sejam poesias,

Talvez o efêmero seja colorido,

São lágrimas de uma luta interna...

Moço, sai desse vazio...
Talvez essa luta interna tenha fim,
Talvez o silêncio ecoe,
Talvez o sentir materialize a dor,
São lágrimas de uma luta interna...

Moço, sai desse vazio...
Talvez sua essência silencia,
Talvez a ternura torna-se cinzenta,
Talvez o mundo torna-se tóxico,
São lágrimas de uma luta interna...

Moço, sai desse vazio...
Talvez o mundo tóxico exale paixão,
Talvez suas lágrimas não mais escorram pela janela,
Talvez sejamos eternos guardiões da dor,
São lágrimas frágeis,
São lágrimas não pertencentes,
São lágrimas escorrentes,
São lágrimas destruindo parte de meu ser,
Lágrimas de uma luta interna...

https://www.facebook.com/davi.alexandre.schoenardie

Liberdade

Clarice de Assis Rosa
Ituiutaba/MG

Justamente hoje, que era dia de jogar tênis no clube com meus amigos, Mara inventa de dar um jantar para família, em casa. Eu detestava reuniões familiares e necessitava de, pelo menos quatro vezes por semana, estar com a galera, tomar umas cervejas, jogar bola.

Mara e Célio nunca foram um casal perfeito, se é que existe algum, porém, de uns tempos para cá, a relação deles começou a piorar, a desgastar-se. Toleravam-se porque estavam acostumados um com o outro e o comodismo é pior que o amor, esse sim faz com que as pessoas, mesmo infelizes, continuem juntas.

Mara era infeliz, pois esperava atenção e reconhecimento por parte do marido. Cuidava bem da casa, dos filhos e sempre mantinha as roupas de Célio impecáveis. Fora criada dessa forma, acreditando que ao homem foi dada a tarefa de trabalhar e colocar dinheiro em casa, à mulher a função de cuidar do lar, do marido, dos filhos, mantendo tudo organizado, E apesar de aprender que não deveria cobrar nada, já estava se cansando daquela vida, sentia-se muito só, e se queixava da ingratidão do marido. Gostaria que ele a ajudasse nas tarefas domésticas, quando pudesse, que desse mais atenção às crianças, e a levasse para sair de vez em quando. Seu sentimento por ele estava abalado, mas sabia que ainda o amava. Guardara as boas lembranças do começo do casamento, das conquistas, dos longos diálogos. Lamentava-se tentando descobrir o porquê e quando as coisas tinham mudado daquela forma.

Reconhecia que as coisas não mudaram inesperadamente, no entanto, somente agora Mara disponha de tempo e sensatez para enxergar a realidade como de fato era. Desde quando namoravam ele saía com os amigos, jogava tênis, futebol, bebia, tinha suas saídas sem dar satisfações, embora não tão frequentes. O fato é que ela acreditara que ele só agia assim por ser solteiro e que depois tudo mudaria.

No início do casamento, Célio tentou ser como quando começaram a namorar; saía sim, mas estava sempre disposto, conversava com ela antes:

-Não vou demorar, não tem nada de incomum sair com amigos, não posso levá-la, pois lá só terá homens.

E discursava durante muito tempo, tentando fazê-la entender o que considerava mais que normal, sobretudo, necessário.

Mara fingia entender, mas com o passar dos anos, as cobranças foram aumentando e, cada vez mais, o marido demorava-se na rua, desejando ficar o menor tempo possível em casa: "Mara mudou muito, como se não bastassem as exigências, passou a andar muito desleixada" – Dizia Célio aos amigos.

Já não cuidava mais dos cabelos, das unhas e vinha engordando consideravelmente,

E eu teria que deixar de ir ao clube hoje porque ela chamou até meus pais para virem jantar. Inventava coisas absurdas para tentar me prender em casa. Mas não irá adiantar, eu ficarei em casa hoje, mas amanhã eu sairei, depois de amanhã também:

- Por que tenho que ficar o tempo todo aqui se não tenho sossego? É todo dia a mesma ladainha; que você não me dá atenção, que deve estar saindo com outra, que não gosta dos próprios filhos e por aí vai.

Eu não aguentava mais isso. Chegava cansado do trabalho e não tinha sequer o direito de ter paz.

Durante o jantar, aquele constrangimento geral. Mara tentando mostrar à família que tudo estava bem, em perfeita harmonia, mas o silêncio de Célio a contradizia o tempo todo.

Quando todos foram embora, começaram mais uma das costumeiras brigas. Mara argumentava:

- Nossa família não precisava saber que tudo está péssimo entre nós, você poderia ter disfarçado melhor...

E por outro lado, Célio dizia:

- Estou farto dessa vida de aparências, preciso sair mais, ter vida social, não gosto de ficar preso em casa.

E assim foi a longa discussão, que não obteve resultado algum.

Célio estava disposto a abandonar a mulher, não suportava mais aquela vida, queria a sua liberdade de volta. Arquitetava sobre como dizer isso à mulher. Tinha pena por causa dos filhos, mas do jeito que estava não poderia continuar.

Em meio a tanto desgosto e desespero, Célio teve uma ideia e foi falar com um amigo, pedir ajuda. Reconhecia que não era um favor muito comum, tampouco fácil de fazer, mas para que servem os amigos, afinal.

- Cara, mas o que você me pede é um absurdo, como é que eu posso simplesmente chegar na sua casa e beijar a sua mulher?

- Mas não precisa beijar de verdade, é só simular uma cena de bastante intimidade até que eu os flagre.

Depois de muita insistência, Célio obteve êxito. O amigo dispôs-se a ajudá-lo e assim foi que, no dia seguinte, saindo de casa para trabalhar, voltou pouco tempo depois, pois "esqueceu" um documento muito importante em cima da mesa. Ao abrir a porta subitamente, deparou-se com a "cena"; sua esposa aos beijos com seu melhor amigo.

Não pensou duas vezes, com o "susto" que tomou pela traição de ambas as partes, desferiu vários socos contra o "amante" da sua esposa, virou para esta e gritou:

- Sua vadia.

Bateu a porta da sala, não deixando que Mara sequer se defendesse. Foi embora e nunca mais voltou.

Estava livre, com dignidade e cheio de razão.

https://www.facebook.com/clarice.assis.9

Literatura - o testamento de um povo

Gilmar Duarte Rocha

Brasília/DF

Quando a gente vê livrarias fechando aos montes Brasil a fora, não obstante o crescimento (tímido ainda) das edições digitais, não seria o caso de questionar a respeito do papel e a importância da literatura e a representatividade que ela exerce sobre a valorização de um povo ou até mesmo de uma civilização inteira. É o tipo de questão que, quando a gente pensa que o tempo e os sábios trataram de responder, de súbito, mesmo agora em plena era da robotização, quando o homem parece já estar galgando o pico da sublimação, ela vem à tona e nos arrebata com força e nos joga contra a parede, sem dó nem piedade, pois todas as nossas expectativas era de que o brasileiro – em especial – já tivesse assimilado a ideia de que é preciso ler, ler textos com substância, debater ideias compiladas sob a forma de letras, adquirir mais e mais conhecimentos e quem sabe (para quem tiver a fortuna) obter um quinhão de sabedoria.

Bem, antes de nos aprofundarmos na análise do problema (declínio da literatura no país), vale revisitar um pouco o passado e ver que o homem ganhou o rótulo de animal racional justamente a partir da invenção da escrita cuneiforme (escrita em objeto de plano liso por uma ferramenta em forma de cunha), aproximadamente há mais de 4.000 anos, quando os sumérios desenvolveram uma escrita silábica para representar a língua falada, fenômeno que se expandiu rapidamente entre outros povos do Oriente Médio, indo desaguar no famoso alfabeto ocidental, que os gregos souberam tão bem tratá-lo.

E o que isso representou? Primeiramente que não se sabia nada – no sentido documental – que a humanidade havia produzido na face da terra desde os primórdios, desde Adão e Eva no conceito criacionista bíblico, ou desde a aparição do primeiro macaco pensante, sob o prisma da teoria evolucionista de Darwin. Absolutamente nada. Segundo, a partir do surgimento da escrita, olhando em retrospecto, tudo que nós sabemos atualmente, de modo empírico, vem dos povos que habitaram o Oriente Próximo seguido dos sumérios, em destaque para os babilônicos, egípcios, medas, persas e hebreus, tendo este último povo legado à humanidade conhecimentos de profunda monta de sabedoria, de historicidade, de parábolas, de folclore, através do conjunto de escritos chamado Bíblia, por sinal escritos amalgamados e refinados por outro





povo que daria extrema valoração à escrita e que surgiria logo em sequência: os gregos.

Os helênicos que cuidaria da escrita não apenas como registro de fatos históricos, de assentamento de preceitos religiosos ou de códigos legais, usou-a com extrema maestria para a averbação de questionamentos, de análise, de epifania, de descobertas, enfim daquilo que chamamos de filosofia, e que teve o seu encetamento através do estudioso Tales de Mileto, que suscitou provocações como "todas as coisas são feitas de água", assertiva aparentemente simples como essa que o filósofo Bertrand Russel apontou como "E assim começam a filosofia e a ciência" *(História do pensamento ocidental – Wisdom of the West, 1959, London, MacDonald).*

Os gregos, aliás, usaram e abusaram da palavra e das letras, começando por Homero – que acadêmicos ainda julgam como um múltiplo, ou seja, houveram vários Homeros, não um único – e por Sócrates, Platão, Aristóteles e uma infinidade de pensadores, cujo pensamento e trabalho ainda constituem todo o alicerce da sabedoria (olha o "wisdom" de Russell) ocidental e que esse conjunto de pensamentos multiscientes não teria repercussão alguma nos dias de hoje não fosse o uso bem cuidado da letra. Até Sócrates, talvez o maior expoente dentre os filósofos atenienses, mas que não escrevia, não teria a sua sapiência reverberada não fosse a presteza e a dedicação do seu discípulo e bom escritor Platão.

Babilônia passou; a Grécia iluminada passou; outras civilizações se passaram e vieram os romanos com o seu poderio econômico e bélico. Dominaram quase tudo na parte civilizada do ocidente, impondo a sua vontade e a sua cultura. Não obstante a cultura romana ter deixado o espólio literário de figuras de peso como Sêneca, Epíteto, Marco Aurélio; o brilho das orações de Cícero; a fabulação de Petrônio, enfim levando-se em consideração que o império latino prevaleceu e predominou a ferro e fogo, a oferenda cultural dos filhos de Rômulo e Remo não chegou a 1/10 da epistemologia difundida pelos helênicos, que valorizaram os conceitos democráticos em quase todo o período de apogeu, até mesmo durante o regime dos macedônios Felipe II e Alexandre.

Veio o ocaso de Roma; a invasão de parte da Europa por bárbaros de todos os rincões, e adveio as trevas, período como ficou rotulado o que chamamos de Idade Média, onde é fato comprovado a ausência pura e simples de civilização, e, não por coincidência, uma lacuna considerável na área literária e artística, lacuna visível e profunda, por mais de sete séculos, até a oclusão da passagem de Constantinopla (importante rota comercial ocidente-oriente) pelos turcos otomanos, e o consequente advento das grandes navegações. Recorrendo a Bertrand Russell, na obra ibidem, "Socialmente a estrutura feudal medieval ficou instável, com uma poderosa classe de mercadores, que se uniu aos soberanos

contra os barões indisciplinados". Esse forte abalo na estrutura medieval, alicerçada em baronatos, trouxe de volta as letras ao povo, através da divulgação do Latim Vulgar, com surgimento de obras de expoentes das letras da época como Dante, Petrarca, Bocácio, Rabelais, e como consequência, uma explosão de cultura sem precedentes mediante o período do Renascimento, que desaguou no florescimento das artes e da ciência com Copérnico, Descartes, Newton e outros. Todavia, tudo ainda era muito controlado pela Igreja e pelo Estado, até chegar o Iluminismo e desbancar de vez na Revolução Francesa, que, muito mais que uma insurreição, tornou-se um marco divisor de eras: o mundo passou de "Moderno", em 1789, para "Contemporâneo", e nada mais foi o mesmo, pois o grande fundamento alicerçado pelos gregos lá atrás veio à tona em toda a sua magnitude, e permanece vigorando até hoje, que é a nossa boa e velha Democracia.

Em suma, revivendo um pouco a viagem das letras pelo tempo, volto ao "problema" a que me refiro no início do segundo parágrafo desse texto e que prometo "aprofundar", e que talvez o termo correto seria "alertar", é que o século XXI projeta alterações profundas em toda a estratificação da sociedade moderna. Uma delas seria qual o papel das letras e dos literatos dentro de uma doutrina "neo-contemporânea" que se pauta apenas no trinômio especulação financeira-armamentismo-inteligência artificial. Será que nessa nebulosa perspectiva que se avizinha no âmbito de todo o planeta haveria espaço para a paz, para a boa-vontade, para o congraçamento humano, para a reflexão religiosa, para o deleite da arte, para a sublimação de se fazer literatura de verdade?

Acho que nós, literatos em especial, que temos a sensibilidade à flor da pele, devemos mais do que nunca ficar antenados e cientes do que acontece ao nosso redor, e ter a certeza absoluta de qual será o nosso utilíssimo papel dentro desse universo estranho que se avoluma diante de nós.

Quando falo que literatura é o testamento de um povo, da existência dele, do legado que essa civilização deixará para os nossos descendentes e para o futuro da nossa espécie, reforço a assertiva com mais uma questão: alguém conhece civilização alguma que surgiu, floresceu, morreu e deixou uma herança positiva para a posteridade sem se embasar de cultura, arte e de conhecimento escrito?





Mar de Lama

Ananda Lima
Barreiras/BA

O mar que costumamos contemplar por sua beleza, força e energia, foi paradoxalmente conceituado em Brumadinho, diante da tragédia que lhe atingiu nesta sexta-feira, como o mar de lama.

Estamos perplexos, chocados e estarrecidos com a avalanche de rejeitos e lama que atingiu a região, ceifando vidas, sonhos, planos, caminhos.

Seria obra do acaso? Seria uma manifestação da natureza? Seria Deus nos dando sinais?

Não!

É a ação do homem. Ação da conivência, da arrogância, da imperícia, da articulação inescrupulosa, da ambição, da corrupção que assola o nosso país em todas as esferas federativas, órgãos e meios sociais.

É o "jeitinho" que se criou como cultura brasileira, que só nos diminui diante de outras nações e diante de nós mesmos.

Imaginemos o desespero da população das imediações deste cenário de horror? Imaginemos a dor das famílias que já sabem que seu familiar morreu neste desastre? Imaginemos a dor da incerteza das famílias que têm pessoas desaparecidas?

Se colocar no lugar do outro nem sempre é fácil, mas é necessário termos empatia e assim ser possível fazer uma reflexão e autorreflexão. Mas, mais que refletir, precisamos agir.

Há três anos acontecia algo bem parecido em Mariana. O que foi feito desde então a nível nacional para que se evitasse que episodio como aquele voltasse a acontecer? Se foi feito, foi ineficaz, visto que a tragédia volta a acontecer no mesmo estado, envolvendo a mesma empresa.

É preciso destacar que a empresa Vale foi privatizada em 1997. Só nos últimos três anos tem protagonizado acidentes de grandes danos humanos e ambientais.

É preciso considerar também que nos últimos anos, algumas empresas se fundiram à Vale, podendo ter trazido uma maior flexibilização em procedimentos e equipamentos, para se garantir o quanto mais melhor.

A fragilidade na segurança colocando em risco as vidas humanas, a fauna e flora de toda a região, podendo ter problemas ambientais mais severos do que podemos imaginar até aqui, destruindo famílias.

A dor é incomensurável. Os danos ambientais também.

https://www.facebook.com/ananda.lima.775

https://www.facebook.com/anandaescritora/



Marias...

Patty Ciorfi Freitas
São Paulo/SP

Mal o dia amanhecera o cheiro do bolo já se espalhava por toda a casa.
O café tinindo de quente também exalava seu aroma característico, assim como o leite fervido espumava sua brancura inigualável.
O vai-e-vem começava logo cedo, o homem da casa tomava um pingado, mastigava às carreiras uma fatia do pão com manteiga recém-assado no forno à lenha, instalado do lado de fora da casa, bem ao lado da cozinha onde era servido costumeiramente o café, e saía apressado. As crianças também serviam-se do que tinha à mesa, que a essa hora já contava tambem com um enorme bolo, dos milhos que desde o dia anterior já haviam sido debulhados com essa intenção. Também saíam, rumo ao ponto marcado, onde o ônibus regional levariam-nas à escola agrícola.
Maria via-se novamente sozinha, à exemplo das primeiras horas da manhã. Seguia o dia entre os afazeres domésticos, a pequena horta que cultivava no pedaço de terra aos fundos do terreiro e aos poucos animais da criação que tinham, dos quais tambem tiravam a subsistência da família em dias de aperto, uma vez que Joaquim não tinha emprego fixo, trazendo ora sim, ora não, o salário que proveria as necessidades da casa.
Por vezes, passava o tempo que milagrosamente sobrava, costurando uma coisa aqui outra ali. Nessas horas aproveitava e reformava uma calça, remendava um vestido e até fazia uma peça ou outra a pedido de uma ou outra vizinha em troca de uma porção de moedas. Coisa pouca, mas na hora da necessidade serviam-lhe de bom proveito. Contava com uma antiga máquina que herdara de sua finada mãe.
Naquele dia, depois da lida terminada, Maria deitou-se depois de todo mundo, como já era costumeiro, com a certeza que também se levantaria antes de todos, no dia que já por passar da meia-noite se adentrava.
E a vida recomeçaria, assim sem luxo, sem pressa e sem grandes esperanças,
Assim como um dia qualquer...









Mater Dolorosa

Tauã Lima Verdan Rangel

Mimoso do Sul/ES

Provocante maternidade
O sonho de humanidade
Geme a parturiente
Em dores exaurientes

Pelo rosto suado,
Exala o sofrimento indomado
Grita, em tons inaudíveis, em agonia
Uma tristeza, uma pesada sinfonia

O sangue mancha os trapos esfarrapados
Nasce a criança em um fardo surrado
Qual futuro a espera?
Uma incógnita se revela

Lamenta a materna pobre

O destino, a triste sorte
O futuro assombroso
E o pérfido riso jocoso

Inocente criança nascida,
Com um sorriso puro, quando crescida,
Não é capaz de imaginar ou mesmo esboçar
Quantas trilhas sinuosas estão a te aguardar

Não concebe o jovem audaz
Como o futuro é voraz
Como a violência é arredia
E como o aço brandia

Melancólico destino que se descortina
Cambaleante, o jovem segue sua sina
Tropeça aqui, cai lá
Atingido por uma bala a lhe fulminar

Um grito seco, uma oração emudecida
Estende a mão, de sujeira enegrecida
Em busca de perdão, de alento
Resta a solidão, uma dor, um tormento

Eis o filho nascido
Sem futuro a ser concebido
Cai sem vida na via ardorosa
É o destino, mater dolorosa!

Em gritos mais uma vez
O suor escorre por sua tez
Não são as dores da parturiente
Mas a perda do filho inocente

Menino valente

Meg Mendes

São Paulo/SP

Eu achei que morreria naquele dia, e talvez eu morresse mesmo. Estava fraco e com muita dor, havia sido maltratado e jogado fora como lixo. O mato do terreno me escondia, eu chorava de dor e as pessoas pareciam não se importar. E esta agonia durou um dia e meio, até que eles apareceram.

— Olha amor, tem um gatinho aqui. — Ela falou pro outro. — Acho que está machucado.

Fui enrolado num pano gostoso. Acho que era a blusa dela, eu estava com medo. Não sabia se aqueles dois me maltratariam também. Apenas fiquei quieto, não tinha muito o que fazer.

Acho que peguei no sono e quando acordei, estava num lugar estranho. Haviam outros animais feridos. Alguns estavam só de mal humor mesmo, não entendi bem o porquê.

Os humanos que me acharam, ainda estavam lá. Ela me olhava com um pouco de tristeza e me segurava com delicadeza. Será que eu estava tão mal assim? E ele andava de um lado a outro.

— Vocês já podem entrar. — Ouvi alguém falar de repente. Não pude ver quem era.

Logo estávamos andando. Entramos numa sala que tinha um cheiro que ardia meu focinho. Tudo era muito estranho. A pessoa da voz me pegou, me tirou do pano fofinho e me colocou numa mesa fria. Então a dor voltou. Senti ele me apalpar e chorei.

— Está com uma costela quebrada. Vou precisar de raio x. Terá que ficar no soro, pois está muito fraco e com desidratação. — Não entendi o que o homem dizia.

— Ele vai ficar bem? — Ela perguntou.

— Não posso garantir, o estado dele é grave. Ele é muito pequeno.

Mexeram tanto em mim que não conseguia mais chorar. Eu me sentia fraco. E no final eles foram embora. Me deixaram sozinho lá.

Eu achava que nunca mais os veria, até que no dia seguinte lá estavam. Eu não conseguia levantar para falar com eles. Mas isso não pareceu ofendê-los. Ela veio e sentou bem perto de mim, colocou a mão na minha cabeça e fez carinho.

— Como ele está? — Ela perguntou.

— Muito debilitado. Precisará passar por uma cirurgia caso contrário a costela quebrada pode perfurar o pulmão. É um milagre que não tenha acontecido. Se vocês não o tivessem encontrado não resistiria mais um dia.

Eu estava muito fraco. Não conseguia entender porque tinha tantas pessoas perto de mim naquela tarde. Rasparam meus pelos nas patas e começaram a me furar. Aquela sensação doía, mas logo passava. Será que mais uma vez eu seria maltratado? Por que as pessoas fazem maldade conosco? Logo comecei a sentir muito sono. Não sei dizer por quanto tempo eu dormi, mas me sentia muito mais fraco do que antes. Eu tinha curativos em todo o corpo, porém no fundo senti que começava a melhorar. Fiquei me perguntando onde estava a moça carinhosa.

Quais eram as chances de eles continuarem voltando? Eles não me conheciam, apenas me acharam jogado e machucado. Não significava que precisavam ir me ver, mas eles iam, dia após dia.

Demorei um tempo para me fortalecer e conseguir ficar de pé, porém no dia que isso aconteceu, aquela moça ficou vazando pelos olhos. Ela sorria pra mim é dizia que eu era um garoto valente. Isso podia dizer que eu estava melhorando.

E era isso mesmo. Eu ficava feliz quando eles apareciam. E me esforçava para mostrar que estava bem. Depois disso não passou muitos dias até que eu os ouvisse conversando.

— Ele está liberado para ir para casa.

Senti desespero, afinal eu não tinha uma casa para ir. Teria que voltar para o local onde estava antes. O que seria de mim?

— Ouviu isso? — Ela me perguntou sorrindo.

Miei em resposta. *"Não tenho casa. "*

— Ainda precisará de cuidados. — O homem que cuidou de mim continuou. — Vou passar algumas receitas.

Foram saindo da sala e eu segurei a blusa dela. Não queria ficar sozinho.

— Eu, calma! Eu já volto.

Ela se soltou de mim e eu fiquei lá. Tinha medo dela não voltar. Sei lá, eu já estava curado. Talvez ela fosse embora para sempre.

Então ela voltou, como disse que faria.

— Olha o que eu trouxe pra você. Uma coleira com o seu nome.

"Como assim? "

Eu não tinha nome. Ela tinha me chamado de gatinho e de valente, mas eu não sabia ao certo qual dos dois era meu nome mesmo.

— Vou te chamar de Valentim, meu menino valente.

Ela colocou a coleira no meu pescoço. Aquilo era estranho.

— Vamos Valentim, a mamãe vai te levar pra casa.

Não pensei duas vezes e pulei no colo dela. Esfregue meu focinho nela. Saímos daquele lugar é fomos para casa.

http://www.megmendes.com/



Meu poeta

Caroline Cristina Pinto Souza

Botucatu/SP

Mira-me com um olhar desconcertante
Espiada, sou em versos descrita
Une os fragmentos de um literário diamante

Poeta Apolo, meu trovador parasita.
Olimpo na mitologia d' um cenário
Ecoa romanescas narrativas,
Transbordando um universo imaginário
Atira um beijo e me entrego... Exclamativa!







Meu coração

Flora Salvador Tito
Luanda, Angola

Meu coração já era seu
No momento em que eu era ateu
E só agora descubri-te meu eu
Meu olhar crusou-se no teu
Vou prender-te a mim
Minha pedra de jasmim
Não saia jamais de mim
Quero-te assim só para mim
Amaste-me no silêncio
E eu descobri o que sentes com silêncio
Hoje vieste sem medo
E meu coração abri-te meu edo
Agora fasemos juras
Sem jurarmos, sem kwanzas nem reas
Só quero te amar
E faser-te meu mar
Não vou pedir que sejes eterno
Mas dá-me sempre 1 abraço fraterno
Para eu poder levar no eterno
E sem querer te eternizarei, para terno.





Minha homenagem às mulheres maduras!

Almir Floriano

São Paulo/SP

O Amor Vence o Tempo e o Progresso

Eu queria voltar no tempo
Reviver o saudosismo daqueles áureos anos
Em que o amor era inocente e puro
Em que as famílias eram para sempre...
Que quando eu via uma mulher
Ficava a imaginar como ela seria
Por debaixo daquelas roupas que a escondiam
Estavam sempre lindas e glamourosas
E, por mais pobres que fossem,
Eram verdadeiras damas ricamente vestidas
Escondendo o que chamavam suas vergonhas,





E mostrando apenas o encanto e os mistérios
Que nos levavam à loucura de não poder ver
Nem tampouco tocar...
Eram educadas para serem esposas prendadas
Cuidadoras da família e do lar...
Hoje são formadas independentes
Sem compromissos e sem submissão
Elas conseguiram grandes conquistas
Eu aplaudo e admiro
Mas também ficaram liberais demais
Expondo tudo aquilo que antes
Era tido como casto e de valor
A revolução feminina trouxe grandes progressos
Isso não há que se discutir
Mas também trouxe uma liberdade libertina
Que escondia toda mulher menina
E, em muitos casos as tiraram o anonimato
Por causa da revelação do corpo
Nos modismos obscenos
Que não mais cultuam a elegância e a inteligência
Mas dão ênfase às curvas do seu corpo.
Felizmente ainda restam aquelas
Que sobretudo continuam lindas e elegantes
Sem apelos sexuais e sem vulgaridades...
Muitas delas estão cansadas
Dessa falsa sensação de liberdade
E voltam a reparar em homens cavalheiros
Que mandam flores e andam de mãos dadas
Como nos bons e velhos tempos
Valorizam o amor e a sociedade família
Á essas minha profunda admiração

Pois faço parte deste seleto grupo
Que mandam flores, compõem canções
E levo suas imagens com carinho
E, para elas escrevo meus versos
Porque sou amante a moda antiga
E não me faltam inspirações
Mesmo que a tecnologia do novo mundo
Tenha a tendência de afastar as pessoas
E cercear muitas relações antigas de afeto
Eu continuo preferindo o toque e os cheiros
Das flores de verdade, e das pessoas também!

*Elas tinham vaidades sem ser obscenas, e eram lindas naturalmente!

Minha homenagem às mulheres maduras!

www.clubedeautores.com.br/book/244226--O_JARDINEIRO



Minha luta

Luana Pena

Lavras – MG

Eu posso lutar sem armas,
Sem espancar, sem bater, sem odiar.
Eu posso lutar sem vencer
Eu posso lutar sem ganhar de fato.
Vencer pra mim é a liberdade de poder lutar.
E é por ela que eu luto, pela liberdade.

Sou livre, assim como és tu
Que insiste em me amordaçar.

https://entrelinhas11.blogspot.com/



Mordida de Silêncio

Jullie Veiga
São Luís/MA

A incansável boca do silêncio
Mordeu-me feroz...

Mordida de silêncio
É coisa [calada] que entontece
Nem sempre doída
Que chega sem avisar
E vai sequestrando as falas

Mordida de silêncio é coisa quieta
Mora nas observâncias
Cede espaços para o nada
E nada posso fazer

Mordida de silêncio
É coisa quase imparável
Quão demasiada
Atando-me nós

Mordida de silêncio
É coisa também cinza
- e, às vezes, nada cortês -
Cruzando as pinturas do meu dia
Através [até] das passagens secretas

Mordida de silêncio

É coisa que sempre existe
Enche de bloqueios e inquietação
Mas forja paciência

Mordida de silêncio
É coisa que sábia
A mim me guarda mudez

Mordida de silêncio
É coisa que pode machucar quem escreve
Deixando as palavras párias
E apinhadas
Pois que represam-se e não escapam

Mordida de silêncio
É coisa que nos pode tocar aturdida
Com mãos trêmulas
Das já letras desvanecidas

Ninguém sabe quando vem
Mas percebe quando está

www.facebook.com/elaseasletras

www.facebook.com/eutepoetizei





Mulher

Alinne Eny Costa
Brasília/DF

Por muito tempo
Seus direitos foram tirados.
Sendo submissa
Não tinha voz
Nem vez.
Aguentando todo o horror.
Mantendo-se de pé
Com toda a sua força.
O tempo passou
Das amarras se soltou
Mostrando o teu valor
Ganhou espaço
Cresceu, e evoluiu.
Avançou posições
Toma decisões.
É dona de si.
Ela soma cada vez mais.
Mostrou a que veio.

Tua voz o mundo ouviu
Uma voz que não mais se abafa.
Mostrou que seu lugar
Não é aqui, nem lá
É em qualquer lugar
Que ela quiser.
Provou o quanto é guerreira.
Esbanjou inteligência
Provou que é uma verdadeira heroína
Ela administra
Ela conquista
Ela trabalha
Ela estuda
Ela é mãe dedicada
De pulso firme
Ela faz bem
Tudo o que se propõe a fazer.
Ela é MULHER.

Na Fazenda do Capim

Rosa Pereira Cardoso
São Bernardo do Campo/SP

Na Fazenda do Capim era assim: fogos pra todos os lados na casa da vovó. Fogueira no terraço, canjica, milho assado e cozido, pamonha, pé de moleque, licor pião cozido, amendoim cozido e torrado, bolo de milho e de fubá. Essas são algumas das iguarias que se degusta na beira da fogueira.

Tem as danças: quadrilha, forró, dança de roda e outras. De mãos dadas em volta da fogueira na hora dos versinhos e ai os garotos tinham a oportunidade de declarar suas paixões.

Menina da blusa verde
Do cabelo cacheado
Daria tudo na vida
Para ser seu namorado

Vou correr por este campo
Sempre belo e tão florido
Serei bem feliz na vida
Quando for o seu marido

Corro mundo corro estrada
Corro e corro sem parar
Descansarei nesta vida
Quando eu te desposar

Sanfona, pandeiro, triângulo, um prato e uma colher, acompanham as músicas e os gritos de alegria.

Como a fazenda era muito grande as festas eram lá. Papai, mamãe, tios, irmãos, primos e primas até os vizinhos.

Durante a madrugada muitos jovens iam pra cidadezinha mais próxima e ficavam andando em volta do Coreto e no alto-falante os mocinhos ofereciam músicas para as donas do seu coração assim: Rosinha aceite esta música de alguém que te ama muito.

Como já disse a casa era muito grande tinha uma porta que estava sempre fechada. Eu sonhava sempre era uma passagem secreta onde havia um porão contendo um baú com pedras preciosas, joias, roupas de princesa e sempre nos

meus sonhos eu me perdia naquele grande espaço e sem achar a saída, ai eu acordava.

Até que um dia abriram a porta e eu pude ver a passagem, era um corredor que saia na cozinha passava na frente de três dormitórios e um jardim.

Mais era tão maravilhoso o sonho que eu continuava a sonhar mesmo quando já adulta vivia desenhando aquela fazenda encantada.

Então sempre no meu último dia de aula as crianças felizes faziam planos para as férias o que cada uma ia fazer; uma dizia vou a Disney, outro viajar com o papai eu respondia vou a Fazenda do Capim lá tem rio, vamos pescar, nadar, correr nos campos descalços, e a noite sentamos todos no terreiro a luz do luar. Meus tios e papai pegam seus instrumentos tocam e cantam até lá pra madrugada; a mamãe assa bolo, Sr. Severo conta suas histórias cada uma de arrepiar; a vovó conta piada é assim até a madrugada chegar, já estou cochilando e vou dormir.

Cedo já levanto e sempre tem novidades. Certo dia meu tio Crescenço me tirou da cama, vendou meus olhos com um pano e lá fora tirou a venda. Que espetáculo! Uma casinha em uma árvore! Imagine! É o sonho de toda criança. Dormimos muitas noites ali, conseguimos até ouvir a conversa dos bichos.

A vaquinha combinava com a outra pular a cerca e ir namorar escondido com o Babú, era o garrote mais bonito do pasto, mal eu cochilava e os pássaros, as galinhas, o pavão já começavam a cantar. A garça de bico empinado se achando a tal; passando pelo urubu ele resmungou: toda metida!!! Mas quando morre um boi perto da fonte ela vem toda boazinha pedir que eu coma logo e diz. Só você meu amigo para nos ajudar! Que seria de mim sem você?

Meu tio Cenço era o vaqueiro da fazenda, logo cedo já trazia o leite para o farto café da manhã, haviam as cavalgadas, o ato de amansar os cavalos era uma festa, agente subia nas cercas para ver amarrarem os cavalos até conseguirem montá-las, andava um pouco e gritavam já está amansado! E a festa continuava. Com churrasco. Só o tio Cenço não tocava nenhum instrumento, tia Lia e tia Tonha tocava a sanfona e violão, papai Máximo tocava todos os instrumentos o preferido era a viola, pois só ele sabia tocar, linda cravejada e ele tocava a minha música, pois era a caçula e a paparicada por todos.

Assim era a música que ele fez pra mim.

Eu tinha uma boneca sim
Ela veio de Paris pra mim
Ela tinha um rico chapéu
Branquinho parece um véu
Escorrega no chão não cai
Ela mamãe papai

Um dia ela escorregou
Quebrou o narizinho dela
Mandei chamar o Doutor
Pra curar o narizinho sem dor

E na casinha da árvore às vezes quando íamos dormir lá a vovó pegava os cobertores, pipoca e ia dormir com a gente e aproveitava pra contar alguma história parava a algazarra para ouvi-la, me lembro de algumas. Ai vai...

Todas as noites o leãozinho pedia pra mamãe contar-lhe uma história pra ele dormir. A coitada da leoa contava e cantava e o leãozinho não dormia então a dona leoa lembrou que o tantanzinho tinha medo da cuca, ela fez uma musiquinha: Dorme bebê que a cuca vai chegar.

Papai tá cansado
Amanhã vai trabalhar.

E assim todas as noites quando a mamãe leoa queria dormir cantava a cuca e o pestinha fechava os olhos, mesmo não estando dormindo com medo da cuca deixava a mamãe em paz.

Outra era assim:

A onça tentava pegar a raposa e nada, um dia a onça teve uma ideia:

Reuniu os amigos e avisou que ia espalhar para todos sua morte, que eles convidassem a raposa para o velório quando ela chegar perto para me ver eu a coma.

A raposa desconfiada chegou devagar, pensou e pensou e perguntou. – Amigo será que ela está morta mesmo?

- Sim. Responderam. Mais ela peidou?

- AHA por quê?

- Porque a onça quando morre peida, se ela não peidou ainda é porque não morreu ainda.

A onça ouvindo isso soltou um peido.

A raposa saiu em disparada a correr antes que a onça a pegasse.

A vida era assim na Fazenda do Capim do vovô Felix Pereira Cardoso.



Nesta manhã

Yasmin Bidim

Ainda dormia quando
segurei a mão do gato e
dormi mais um pouco
pois chovia

Ainda era cinza
quando enchi a caneca
com café já queimado
e senti incômodo

pois nesta manhã dormi
e perdi sua encenação primeira de cada dia

o despertador procrastinado
o balé das portas e gavetas
seu deslocamento espaçoso
na periferia dos meu sentidos

já havia sido e eu não vira
o dia começara sem jeito
com um atraso catastrófico

A redenção, no entanto,
veio no almoço
Feijão, coentro, mandioca
e meia dúzia de poemas



Noite

Noite

Nesta noite chuvosa, queria estar ao seu lado

Esquecendo todos os momentos mais nublados de nossas vidas,

lembrando somente dos dias ensolarados,

cheios de cheiros e abraços apertados.

E, nos seus afagos, dar voz aos nossos orgasmos.

Eline Eduarda Samuel Barros – Bacabal/MA

Nova voz, nova vida

Sonia Regina Rocha Rodrigues

Santos/SP

Lucas chegou ao trabalho ressabiado porque neste dia terminava seu período de experiência. Passara no concurso dos Correios, e, pela primeira vez, apesar de ser quem era, conseguia trabalhar.

Seu chefe parecia contente com ele, e os colegas o tratavam bem, embora o chamassem de fanho, o que parecia ser inevitável, com a voz que ele tinha! O melhor de seu emprego é que não precisava falar com ninguém, simplesmente saía a entregar as cartas, com a sacolinha nas costas, e, nas portarias dos prédios, mostrava os recibos e esperava que os porteiros os assinassem e sorria em resposta. Raramente precisava falar, o que era um alívio!

Lucas sabia que, em empresas públicas, onde se ingressava por concurso, após o primeiro trimestre, havia estabilidade. O que significava sustento garantido pelo resto da vida. Ele recebia nos Correios algumas mordomias: um bom vale alimentação, uma excelente cesta básica, convênio médico e odontológico.

A primeira parte da manhã passou rápida. Os colegas admitidos pelo mesmo concurso estavam já festejando a estabilidade, certos de que permaneceriam ali.

Então, no intervalo do lanche matinal, o chefe o chamou e entregou-lhe uma intimação: ele estava sendo chamado ao ambulatório médico.

- Você está dispensado por hoje, para ir falar com o médico.

Lucas sentiu-se gelar por dentro. O chefe estava sorrindo, mas isto não queria dizer nada, ele poderia estar completamente indiferente à demissão de Lucas.

- Vá logo, rapaz, o que está esperando? Vá, vá...

Lucas não gostara do médico, desde a primeira vez que o encontrara, em seu exame admissional. O sujeito o fizera abrir a boca e comentara:

- Ah, é por isso então que você fala assim... nunca fez cirurgia pra corrigir isso?

Lucas negara, balançando a cabeça.

- Já nasceu assim, não é? Porque não foi operado quando era bebê?

- Eu nasci em casa, doutor. Sou lá do vale do Jequitinhonha, não tem médico, não...depois, eu fui vivendo assim e me acostumei.

O médico fizera uma careta.

- Isso que você tem é um lábio leporino incompleto, nunca ouviu falar de lábio leporino? Nunca viu outras pessoas com marca de cirurgia nos lábios?

Lucas não respondera, pois não compreendera o comentário sobre os lábios diferentes. E o médico continuara:

- Não seria bom comer sem engasgar? Falar como toda gente? Poder ir aos bailes e ir falar com as moças sem medo de que elas riam de você?

Aí Lucas ficou mesmo muito zangado, pois era isto mesmo que acontecia com ele, e o médico não tinha nada a ver com a vida dele, porém, continuara quieto.

- Agora você vai ter convênio médico, rapaz.

Lucas não entendia o que o convenio médico da empresa tinha a ver com a garganta dele, deu de ombros, pegou seu ASO apto e retirou-se. Tivera medo de ser reprovado!

Agora, três meses depois, este novo chamado...

A secretária do ambulatório já o esperava:

- Oi, Lucas, o doutor está esperando você, pode entrar.

E o médico lhe comunicou, à queima roupa, no jeito apressado dos médicos:

- Rapaz, marquei uma consulta pra você dia 15 do mês que vem. Eu consegui uma consulta para você em Bauru, em um hospital de cirurgia plástica especializado em casos como o seu. Não é ótimo?

- Olha, doutor, eu estou bem do jeito que eu sou, não quero operar, não, comecei agora, vou perder meu emprego.

O doutor riu.

- Pois foi por isso que eu só o chamei agora, pois agora você tem estabilidade e pode usar o convênio para operar! O seu chefe já está sabendo, aliás, e já sabe que vai ficar sem você por umas semanas.

- Semanas? Em Bauru? Eu nem sei onde fica isso...

Lucas sentiu-se desconfortável. Aos dezenove anos, era um caipirão, pois passara quase toda sua vida entre gente simples, a maioria analfabeta, e saíra da casa da família depois do concurso que o colocara neste emprego. Ainda estava bem desconfortável na cidade grande, onde todos pareciam tão mais espertos que ele. Mas o doutor parecia ter resposta para tudo:

- Claro que não sabe! E por isso nós vamos ajudar você com todos estes detalhes. Você vai agora conversar com a assistente social da empresa, a Lúcia, e ela vai explicar tudo a você, marcar as consultas, os exames, agendar a condução, porque você não vai sozinho, seria muito complicado. E a empresa quer ter certeza de que você foi bem tratado e não se perdeu pelo caminho. Hehehe... Vai ser ótimo poder comer direito e falar como toda gente, não?

Lucas, que volta e meia se engasgava, e comia cautelosamente, sem falar na vergonha que sentia em se aproximar das moças, suspirou. O médico se levantara e o encaminhava para a porta:

- A Lúcia espera você na sala dela, ali adiante, vou mostrar onde é.

Toda esta atenção estava deixando o rapaz inibido. Ele não estava habituado a tanta cordialidade. Três salas adiante, uma senhora de óculos, forte, de aparência decidida, falou-lhe longamente sobre várias coisas que o deixaram tonto. O que ele entendeu é que, só Deus sabe porquê, a empresa decidira que ele seria operado o mais rápido possível, e auxiliado em tudo o que fosse preciso.

Lucas começou a acreditar que tinha um anjo da guarda, afinal. E começou a sonhar com a cura.

Passaram-se três meses, findo os quais, um rapaz entrou com andar firme no ambulatório. A secretária olhou admirada para o rapaz:

- Lucas! Você parece ótimo, garoto!

Cinco minutos depois foi chamado pelo médico.

- E aí, rapaz? Arrebentando corações? Alto, bonito, e agora, bem falante... tem chances!

Lucas comentou:

- Posso voltar ao trabalho?. Eu sempre achei que um bom emprego mudaria a minha vida. Só não pensei que a mudança seria tão grande. Agora tenho de me esforçar para ser o melhor funcionário desta empresa!

Lucas, tímido, completou, à guisa de agradecimento:

- O senhor mudou a minha vida, doutor!



O Amor

Vanessa Batista
Adamantina/SP

Amor... O que é o amor?

Será que as pessoas sabem o que realmente quer dizer **Eu te Amo**?

É uma palavra tão pequena, mas com um siguinificado imenso. Muitas vezes em nossas vidas, enquanto crescemos, ouvimos nossos pais e familiares nos dizer: eu te amo! Mas não entendemos realmente o que isso quer dizer.

Achamos que entendemos, respondemos que também amamos aquela pessoa que acabou de nos dizer, mas se pararmos para pensar o siguinificado dessa palavra nos deparamos com uma infinidade de resultados.

Nunca nos demos conta do que o amor representa em nossas vidas, o poder do amor sobre nós é ainda maior que pensamos, ele rege tudo a nossa volta sem que percebamos, é ele que nos faz querer levantar de manha, ele que nos faz fazer planos e buscar novos caminhos, é ele que nos faz ter objetivos e sonhos.

O amor tem várias formas e jeitos, tipos infinitos, dimensões diferentes e todos esses tipos e formatos possuímos dentro de nós. Amor por nossas crenças, por nossos companheiros de vida, pelos filhos, pais e familiares, amor por nossa existência e tudo que isso implica como nosso universo, nossa terra, nosso lar, amor por nós mesmos.

Tem tanto a sem amar nesta vida, infinitas possibilidades, todos nós amamos e somos amados de algum jeito e é isso que faz com que valha a pena viver.

Muitas vezes nos deparamos com situações que nos faz duvidar sobre tudo isso, nos faz pensar e refletir se essa palavra, se esse sentimento realmente existe. No fundo, sabemos que ela existe e é por isso que dói tanto quando nos confrontamos com as dificuldades do dia a dia, é isso que nos faz sermos irracionais quando nos deparamos com os obstáculos da vida.

Mas para o nosso bem, junto com a palavra e o sentimento do amor, vem o tempo. Dizem que o tempo cura tudo, nos faz crescer, amadurecer, nos trás momentos de alegria e felicidade, momentos de tristeza e dor. A vida é cheia de altos e baixos, nossos momentos, sentimentos, aparência, crenças e opiniões mudam constantemente, assim como o tempo.

Mas uma coisa que não muda é o amor, podemos amar de várias maneiras, podemos amar as pessoas que passam e que ficam em nossas vidas de formas diferentes, mas o amor? Esse é imutável.

Ele continua firme, forte e invencível dentro de nós, nos traz uma força que nem sabíamos que possuíamos quando precisamos, nos faz lutar com unhas e dentes por algo que realmente queremos, faz com que não nos cansemos de buscar e procurar no outro algo que realmente queremos para nós mesmos.

O amor é o melhor e mais puro sentimento que nós trazemos na alma. Que possamos nunca vir a nos esquecer dele, que ele possa nos influenciar e nos transformar em nome dele, que ele sempre viva, firme e forte dentro de nós.

É esse sentimento maravilhoso que rege a minha vida, que me faz querer ser melhor a cada dia, que me faz padecer e sofrer quando algo o machuca, mas também é ele que me faz chorar de alegria, que me faz ficar horas com um sorriso no rosto ao me lembrar de algo bom, que me faz tremer por dentro quando me deparo com ele em todo o seu esplendor.

Desejo que possamos vive-lo intensamente, que possamos encontrá-lo nos pequenos detalhes, que consigamos incentivá-lo para que ele possa crescer mais a cada dia, pois a vida é assim: cheia de obstáculos difíceis e sofridos, e de momentos felizes e maravilhosos.

Amor...

Vamos vivê-lo em todo a sua grandiosidade, de todas as formas que pudermos e em todos os dias de nossas vidas.



O alguidar navegante

Luís Amorim

Oeiras, Portugal

Trabalho de campo urgia no feito com precisão e eficácia e se bem pensado foi, pelo monte acima lá se caminhou até chegada à nascente para a limpeza envolvente ficar concluída para mais uma temporada. Lá bem no alto, perspectivava-se aldeia quase toda e até montes diversos e bem dispersos mais para sul. Mas tarefas para cumprir diziam estar preparadas rumo ao começo que teria de lhes ser anunciado preferencialmente no breve e, portanto, não se poderia contemplar belas paisagens naquela ocasião. Uma vez defronte aparente límpida nascente, haveria que dar início ao propósito dessa subida ao monte e a esse natural lugar em concreto numa aproximação a revelar limpidez aparentemente não a mais desejada, ou seja, o que realmente se esperava. A tampa fechada a um forte cadeado que não se descobriu seu poiso à primeira tentativa devido ao pó e acrescentos a sugerirem o não só devidamente antecipado, revelava circular depósito cheio de água na cor vigente nada cristalina. Mas com força de braços e esfregona no preceito de limpeza que se pretendia exemplar e brilhante, rapidamente pareceu ficar asseado com recurso à água da levada ali mesmo a sorrir em grande abundância. Pois acrescente-se que não, quanto à empreitada supostamente concluída pelo sucesso, sem no antes ter sido *estiçado* o tubo vindo da nascente, esta ali mesmo a seguir em proximidade no controlo aparente da situação, com arame de metros, talvez dois, no extrair de outrora bem escondidos, admirados inúmeros raposos com ordem de saída. Retirados foram com delicadeza e saíram eles nas formas de novelos, talvez assim por instinto de própria defesa ou então pela notória surpresa feita uma quase estupefacção. Outrora raízes provenientes da terra, arrastadas eram pela corrente da água, avolumando-se na designação de raposos até essa vez descrita num fim de viagem, o seu, muito bem regado. Mas ainda havia demasiada água no fundo do depósito, a qual recolhida foi com recurso a

pequeno alguidar de cor verde alface, sendo acompanhada por incontáveis grãos de areia a fazerem lembrar prospecção de ouro que só deveria acontecer em longínquas paragens. Diversos insectos rastejantes foram encaminhados para distinta improvisada casa que apenas seria definitiva se eles assim o entendessem na vegetação abundante junto ao curso de água, incluindo duas lesmas que estariam por ali devido ao fresco que certamente as cativava mais que os trinta e muitos graus de temperatura diária. O alguidar não se cansou de tanta água encher e vazar logo de seguida, até que com pontual descuido não premeditado, escapou-se ele para a levada, com a corrente rapidamente navegando-o por um cano de um metro na sua altura, cilíndrico e passando por baixo do campo, quinze metros bem medidos uns minutos depois, até à sua extremidade na saída, uma leira por visual apreciação, apenas ligeiramente mais abaixo, contrariamente ao que era usual nos restantes campos da aldeia. Ainda se olhou para o prolongamento da levada, dentro do cano, mas lá ia ele, o alguidar sem hipóteses de ser alcançado, com segurança agarrando-o, obviamente para bem dele. Na precipitação seguinte por leira fora, abriu-se um portão, fechado para campos seguintes não receberem, supunha-se, visitas de esfomeados cavalos selvagens, os garranos, ou distintos animais de porte vistoso como bovinos, javalis ou raposas. A parte final do cano estava logo a seguir ao portão mas infelizmente o alguidar não saiu. Talvez no entretanto tivesse conseguido rapidez inimaginável, pelo que mais à frente se procurou por ele até se receber por conclusão que em determinado ponto, uma curva para campo outro uns vinte metros mais adiante, com pouca água e umas cinco pedras ele não poderia continuar, ficando ali retido. Mas não era o caso e, portanto, estaria preso algures debaixo do campo, como quem dizia ou pensava, dentro do cano. Foi-se espreitar para a saída mas pouco mais que nada se percebeu tal a escuridão existente a indicar procura urgente pela entrada onde ele desapareceu e, uma vez aí, conseguia-se avistá-lo quase na outra ponta, da claridade avistada relativamente perto, uns dois metros em cálculo de suposição. Talvez se tivesse sucesso puxando-o às escuras por intuição quanto ao seu paradeiro de improviso, esperava-se, com um pau de dois metros e aproximadamente meio

acrescentado, tal e qual foi encontrado nas imediações. Mas não, pressenti-lo não parecia acontecer, insistindo-se em remexer água circundante para ver se ele prosseguiria o caminho antes iniciado com o tal descuido. Nada feito. Deveria estar assustado o alguidar e não seria questão para menos, entrar pelo cano adentro e ficar bloqueado da saída pelo antes desejado. Até que se encontrou de mente pensante solução que poderia dar resultado, no eventual certo adiante. Bloqueou-se a entrada, aquela por onde o alguidar começou a navegar contra vontade sua, estava-se por crer, com pedras o suficiente de tal modo que a água da levada ficaria ali retida e aumentando de volume. Quando este já era o bastante talvez necessário, intencionou-se para o retirar de tais pedras em barreira «Abrindo-se a barragem da levada» dito com expressão certeira, levando a corrente em força e desbloqueando o assustado alguidar até à saída. Fora uma viagem de quinze metros, no tanto empolgante, mas o recipiente de alface verde tom não quereria, por óbvio, repetição tão cedo, percebia-se bem no semblante de susto do ofegante e descuidado alguidar navegante.

https://www.facebook.com/luisamorimeditions



O céu da Beleza

Marcos Andrade Alves dos Santos

Canaan/Trairi/CE

O povo de Canaan contavam muitos mexericos sobre a Beleza. Diziam que seu colorau continha segredos de outros além e que era por isso que quando as mulheres temperavam a panela, eram seus sorrisos que davam sabor a comida – o colorau da Beleza desabrochava sorrisos nas mulheres e era com eles que elas temperavam. Isso só podia encantar quem comia, pois antes quem cozinhava tinha sido encantado.

Mas a Beleza era mulher inventadeira. Até no Jogo do Bicho ela jogava e toda vez que apostava, era certeza que ganharia. Porém a Beleza só fazia isso quando tinha precisão, não era toda vez que o jogo lhe tirava a bacia de colorau da cabeça. O povo aproveitava para dizer que a Beleza só acertava o jogo porque fazia orações e os encantamentos lhe concediam o conhecimento dos bichos.

A Beleza mangava destas histórias e dizia que não sabia porque as pessoas diziam isso dela e um dia me explicou muito bem como ela fazia para acertar o bicho que daria:

– *Eu faço assim quando quero jogar e é a coisa mais simples do mundo. Não sei porque o povo mexerica tudo que eu faço! Toda tarde eu intento de desinventar as coisas do céu. Você sabe que as nuvens vestem o céu e também arremedam as coisas da terra? Um dia encontrei uma velha que me disse que eu entenderia as coisas da terra olhando para o céu. E ela tinha razão. Só era preciso olhar com profundidade. Pois bem, toda vez que eu quero jogar nos bichos me sento no final da tarde, bem no descampado, antes da noite abrir sua boca e fico olhando para cima. Então o céu troca de roupas bem na minha frente, sem o menor pudor de mostrar as coisas da terra, as quais gosta de vestir. E são as coisas pelas quais espero. De repente um manto de nuvens se transforma num jacaré, num gato, numa vaca e quando num dá mais nada, então entendo*

que aquele bicho vai ser sorteado no outro dia.

Eu aposto e ganho. E tudo isso é porque me sentei para observar o céu e perceber como sua nudez é vestida com os arremedos da terra. Que coisa maravilhosa! São nestes dias que o céu conversa comigo em formas verbais de nuvens. O desvestimento é a sua linguagem.

Mas o segredo destas conversas é que elas só acontecem de quando em quando, pois não se deve conversar com o Céu todos os dias, pois senão se arrisca a ficar nú. Quando não achar mais nada na terra com o que se vestir é capaz dele pegar nossos corpos e deixar as almas nuas. Aí é que o povo ira falar - e a Beleza deu uma risada - *dizendo que estamos fazendo sem vergonhice.*

Por isso, nos outros dias, faço meu colorau e ganho a Canaan vendendo ele como desculpa para contar as histórias que me inventaram nos caminhos. O colorau é a coisa que me desterra das apostas, me aproximando dos caminhos que o céu gosta de vestir. Quem sabe um dia alguém olha pro céu e me ver caminhando lá!

Ela falava isso com a certeza de que um dia seu colorau lhe traria outros caminhos e dizia essas estórias para desconversar o povo das orações que fazia em mistério para conhecer os segredos das apostas nos bichos. O certo é que ninguém podia com a Beleza e era melhor apostar com ela nos bichos, pois era certo que eles seriam sorteados, assim como era certo seu sorriso ao oferecer o colorau...



O Fim Chegou!

Vadô Cabrera
Jacareí/SP

De repente aquele céu tão azul, cinza ficou.
A noite desceu e toda a cidade escureceu.
No horizonte surge o encontro sexual do Sol e da Lua.
Os sábios, os cientistas o chamam de Eclipse.
Quem sabe não seja o prenúncio do Apocalipse?

O Terra caminha a passos velozes para o Fim.
Dia após dia morremos pouco a pouco.
A qualquer momento a Morte levará nossos corpos.
Fugir pra onde? Fazer o quê?
Não há mais lugar para vencidos ou vencedores.

Vejo corpos que se arrastam pelo chão.
Quase os piso, pulo, desvio; vou seguindo.
Sinto a Vida se esvaindo, feito retirante partindo,
Da miséria e da fome fugindo.
Desistindo de viver, sucumbindo sem razão.

Dissemos que vivemos, brincamos de viver.
Fazemos que sofremos, pagamos pra sofrer.
A cada dia ficamos mais loucos.
Sobre um planeta cheio de epidemias, protestamos;
Contratempos, controvérsias, contestamos.

Somos o que comemos, mas comemos e não somos.
Usufruímos uma Saúde contaminada, poluída.
Microssomos, cromossomos, células cancerosas.
Prazeres proibidos, sonhos absortos, perdidos.
Veneno até nas palavras que saem da boca do Profeta

Santos e tarados convivendo sob o mesmo teto.
Dinheiro gerando a miséria,
Operário bancando o Arquiteto...





Drogas por toda parte, ceifando vidas...
Felicidade existe? Ser feliz é coisa séria?

Frutos apodrecendo e mendigos esfomeados
Crianças inocentes sorrindo ignoram,
Que a Esperança é a utopia dos desesperados.
Você quer viver? Sim, sua voz quer gritar!
Você quer morrer? Sim, sua voz quer calar!

Traçamos nossos próprios caminhos, cheios de dores.
Inventamos as máquinas que hoje nos dominam.
Somos escravos dos nossos heróis salvadores.
Homens adormecidos, verdadeiros idiotas vencidos,
Se matam por um pedaço de terra, que um dia irá cobri-los.

Não te queixes dos peixes...
Os peixes passam junto às águas do Rio Doce,
Que seguem em cortejo fúnebre, a caminho do mar,
Levando sua manta de lama pra tudo contaminar.
E assim, próximo do fim, só nos resta chorar... ou rezar?



O Grande Troféu

Micheli Biek

Vera Cruz/RS

A mulher se divorciara e tudo que restava eram duas filhas para criar. Embora ainda fosse jovem, parecia mais velha do que realmente era por causa da palidez, das imensas olheiras e da magreza, herança de seu fracassado casamento. Quando da separação, o ex-marido prometera uma pensão miserável. Nunca pagou. A rejeição e o medo do fracasso e da miséria abriram uma profunda cratera no coração daquela mulher, que tentava, a sua maneira, manter as coisas em ordem, especialmente as finanças.

Sempre que ia ao supermercado fazia-o acompanhada de uma das filhas. A menina observava com olhar atento a mãe comparando os preços de cada item antes de colocá-lo no carrinho de compras. Precisavam de quase uma tarde para essa tarefa, pois nada passava despercebido pela mãe. Cada centavo a mais era rigorosamente analisado e só compravam aquilo que era indispensável.

Em casa, na hora do almoço, eram as filhas que arrumavam a mesa. Os antigos talheres de inox eram a herança mais valiosa deixada pelos avós maternos. Os pratos decorados eram presente de casamento da mãe. Os copos eram de plástico. A mãe servia à mesa. Arroz, feijão, salada de alface e três coxas de frango, uma para cada integrante da família. Agradeciam pela comida e então almoçavam em absoluto silêncio.

Naquele dia, porém, o hábito foi quebrado. A filha mais nova conversava animadamente sobre acontecimentos da escola. A inocente atitude tornava o clima mais leve, a mãe até sorria ouvindo os comentários da pequena. Tudo ia bem, até que, quase sem querer, a menina deixou escapar que gostaria de ter uma boneca de certo tipo, igual à de sua coleguinha.

Sobressaltada, a mãe largou os talheres, que tilintaram ameaçadoramente. Seu olhar severo atingiu a pequena. Por que trazer tamanho sofrimento pedindo por algo que sabia que a mãe não podia comprar? Além do que, não era um item de primeira necessidade. Com lágrimas nos olhos ainda pediu à filha que jamais repetisse tamanha tortura com sua mãe! Culpada, a menina baixou a cabeça e assim todos esqueceram o assunto.

Com o passar dos anos a mãe, pouco a pouco, melhorava a sua condição financeira. No entanto, continuava negando-se os menores prazeres e fazia questão de comentar, para que as filhas seguissem seu exemplo. *"Eu vi aquele iogurte, eu tinha dois reais pra comprar. Mas aí pensei... Eu não preciso disso. E o coloquei de volta na prateleira."* Prazeres eram para ela pecados de ganância.





Nada que não fosse um item de sobrevivência era considerado digno de ser adquirido.
Quando a filha mais velha casou-se foram morar, ela e o marido, na propriedade ao lado da casa da mãe. A filha trabalhava em seu próprio escritório e quando cumpria todos os seus afazeres permitia-se lidar na manutenção de seu imenso jardim, um de seus prazeres favoritos. Numa tarde ensolarada podava a fileira de roseiras que plantara na divisa da propriedade. Justamente naquele dia a mãe chegava em casa mais cedo do trabalho.
Quando viu o que a filha fazia pensou em como era inútil alguém desperdiçar tempo e dinheiro com plantas. Então decidiu se achegar como quem faz o favor de dar um sábio conselho. A jovem escolhia um galho que possuía um belo botão vermelho para adornar sua mesa de jantar quando a mãe sibilou sua máxima *"eu não posso fazer isso, ficar em casa, eu tenho que trabalhar".* A filha, em silêncio, cortou o galho e começou a raspar os espinhos, que caíam aos pés da mãe.
Tentar argumentar era inútil. A mãe não aprovava um trabalho que não fosse duro e penoso. E manter qualquer espécie de hobby era, para ela, coisa de desocupado. Nada lhe trazia mais alegria que poder afirmar categoricamente que apenas conseguiu algo na vida porque "se matou de tanto trabalhar" e "nunca gastou com trivialidades". O trauma que o ex-marido lhe imputara se tornou seu grande troféu.
Também gostava muito de comentar as escolhas alheias. *"Fulano comprou uma mochila caríssima para o filho. Na minha época usávamos sacos de açúcar*!" Se flagrasse a filha saindo de casa com uma blusa nova, já questionava do outro lado da cerca *"quanto custou"?* E apavorava-se da quantia gasta, mesmo que irrisória. Para manter o costume, complementava com outra de suas máximas *"eu não posso comprar isso, eu não tenho dinheiro".*
Com a idade a mulher sentia os efeitos do excesso desesperado de trabalho e da ansiedade com o dinheiro. Mas carregava firmemente seu glorioso troféu. Um dia, pediu à filha que lhe ajudasse a mover um grande e pesado armário. A jovem pediu que ela aguardasse apenas cinco minutos. Quando lá chegou o armário já estava movido e a mulher, sentada ao fundo da sala pondo gelo sobre o braço afirmava sorrindo, *"quase me matei, mas consegui"*.

https://medium.com/@michelibiek



O meu eu proibida

Carmem Aparecida Gomes
Ipameri/GO

Você foi só uma ilusão rápida que desapareceu na escuridão...
Fiquei sozinha com o meu talento de ser sozinha e triste como o vento lento.
Eu preciso de você!
Eu quero ser sua...
Mistura de desejos e desespero.
Vício que eu não quero curar.
Minhas lembranças...
Estou lhe procurando no meu inconsciente decadente.
Consciente doente onde eu deixei o meu estilo de menina
E me tornei mulher com o meu eu proibida.
Eu devassa como uma taça nobre de uma vulgar cachaça
Com o meu corpo cheio de apelos...
De desejos... De ensejos...
Eu beijava ansiosa ao mesmo tempo em que desdenhava as horas.
Vulgar... O meu eu proibida perdida nos seus beijos.
Lamento!
Tudo agora nesse instante distante... Não passa de uma história...
E tantas carícias arquivadas na memória.
Eu aqui fiquei...
Na eterna e inútil espera.
De você desejei tudo e só fiquei com os sussurros e uma dor profunda.
Amor equivocado...
Sinto o meu coração sangrado... Para você fui como o vento que passou rápido despetalando todas as flores.
Não fiquei... E nem signifiquei nada!



O Minotauro

Erick Bernardes

São Gonçalo/RJ

Monstros, esses seres fabulosos estiveram sempre presentes nos clássicos gregos e inegavelmente nutriram a nossa cultura. Na linguagem mitológica, tais figuras imaginárias "eram seres de partes ou proporções sobrenaturais, em via de regra encarados com horror, como possuindo imensa força e ferocidade, que empregavam para perseguir e prejudicar os homens" (BULFINCH, 2006, p. 126). O Minotauro é uma dessas criações híbridas, meio homem meio bicho, cabeça de touro e corpo humano, ele vem percorrendo o imaginário da literatura ocidental por séculos.

Assim, ao compor uma obra cujo eixo temático gira em torno do prisioneiro do labirinto de Dédalo e seus personagens próximos, quem se aventure a escrever algo que tenha a ver com a poética clássica, incorrerá, consequentemente, no risco de reproduzir os moldes já cansados das narrativas ditas tradicionais. Ora, se por um lado, o escritor insiste em tal empreitada, consciente do perigo da repetição estética, por outro lado, ao fazê-lo ele tem a chance de transgredir esses mesmos padrões compreendidos como "originais".

Nesse viés desconstrutor, Júlio Cortázar compõe o livro *Os reis* (2001), uma tragédia cuja estratégia composicional aponta justamente para as diferenças possíveis no que concerne ao texto ficcional. Não é ocasional que a monstruosidade que caracteriza o "ser" híbrido evocará o olhar crítico de Cortázar acerca daquilo que se compreende em literatura por estética contemporânea. Se parafrasearmos Luiggi Pirandello, certificaremos que o Minotauro é ao mesmo tempo ideia e forma, conforme:

> [...] personalidade de cada um vista em sua multiplicidade, conforme as diferentes possibilidades do ser presentes em cada um de nós; e

> finalmente, o trágico e imanente conflito entre a vida que continuamente se move e muda e a forma que, ao contrário, procura torná-la imutável. (PIRANDELLO, 1978, p. 331)

Sendo assim, a poética de Cortázar (sua primeira obra aliás) se mostra um experimento, uma ideia (ab)erração da tradição, uma metáfora do hibridismo cultural e das misturas de gêneros tão presentes no panorama literário compreendido como pós-moderno. A linguagem de *Os reis* (2001) é clássica, sua forma dramática está repleta da musicalidade e lirismo, jogos semióticos, que fazem da obra uma narrativa prenhe de significados. Nas palavras do prefaciador da edição brasileira Ari Roitman (2001, p. 6), a escrita de Cortázar "dá a impressão de constituir uma espécie de 'ensaio geral' para tudo que brotaria a seguir da sua pena e criatividade fervilhantes".

A aludida amálgama entre sentido e forma do texto cortaziano evoca no tecido discursivo proporções de metalinguagem, porém, estas se revelam estruturadas em discurso direto livre, tipicamente nos moldes de uma peça teatral. Ademais, no quesito peripécia, ao confrontar-se com a criatura horrenda, Teseu travará um diálogo com o Minotauro, mais próximo de um torneio linguístico do que de uma narrativa épica: "Pergunta em vão. Nada sei de ti: isto dá força à minha mão" (CORTÁZAR, 2001, p. 63). Tal procedimento composicional combina então duas variáveis semânticas; uma, herdeira de modelos clássicos dos "grandes feitos" heroicos, e outra, contrariamente, híbrida, desconhecida e disforme: "Fala-se tanto de ti que és como uma vasta nuvem de palavras, um jogo de espelhos, uma reiteração de fábula inapreensível. Tal é ao menos a linguagem dos meus retóricos" (CORTÁZAR, 2001, p. 63-64).

Segundo Luiz Costa Lima (1993), essa dupla articulação significativa apresenta-se como aqueles dois "limites da voz", tratados em seu livro homônimo — sobre as implicações da concepção moderna de literatura, a qual, adaptada à nossa abordagem teórico-analítica, decerto reforçará um diálogo tecido sobre a bifurcação do eu: a) um narrador circular "constituído pela legitimação" da épica clássica, b) outro narrador provocador, cuja voz reflete o "questionamento da construção intelectual proveniente do primado da subjetividade" (p. 16).

Sucintamente, o duplo quadro esquemático se nos apresenta, por vezes, orientado por uma "lei" antiga da cultura ocidental, por outras, mais próximo de um poema metalinguístico, em que pesa o diálogo ressaltado, sobretudo, por seu viés metaficcional. Assim, em resposta à fala do herói assassino, o Minotauro replicará: "Deverias golpear com uma fórmula, uma oração: com outra fábula" (CORTÁZAR, 2001, p. 64). Não seria este mesmo artifício ou "fórmula" o jogo estratégico de Cortázar? Em outras palavras, com a fábula clássica não teria o escritor belgo-argentino "enfabulado" uma poética nova, ou o tal experimento

híbrido mencionado por seu prefaciador Roitman? A resposta seria um paradigma oracional simples e sucinto proferido por Ariadne, famosa por sua linha: “Falar é falar-se” (CORTÁZAR, 2001, p. 21).

Tendo, contudo, abordado o Minotauro e o seu labirinto, pensamos a experiência da escrita alegórica do mito antropomórfico como fuga dos modelos de repetição estética e reprodução inerte, mas uma atenção à palavra que fala de si mesma, conforme Roland Barthes, “a demonstração prática da subversão do discurso, por um trabalho de sapa levado a efeito em seu interior.” (2007, p. 56). Sob a dramatização limite entre o clássico e o moderno do monstro em questão, o texto “experimento” relaciona uma concepção polissêmica da figura mitológica da Antiguidade com o hibridismo cultural característico do mundo contemporâneo.

Enfim, esse é “o labirinto” reinventado por Júlio Cortázar, a língua pela língua, linguagem acerca da linguagem, literatura por ela mesma. Ou, dito de outro modo, conforme Costa Lima (1993, p.16), o “reconhecimento do eu” por si próprio, embora, simultaneamente “acompanhado por um (eu) segundo” (o narrador de Cortázar), evidenciando, enfim, uma voz transgressora, no que tange às estâncias legitimadoras que lhe emprestaram orientação e sentido, em reconhecimento da mistura de gêneros do pequeno volume *Os reis* (lançado em 1949), mas que lida hoje mostra-se muitíssimo atual.

Referências:

BULFINCH, Thomas. *O livro da mitologia*: história de deuses e heróis. 4ª ed. Tradução de Luciano Alves Meira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CORTÁZAR, Júlio. *Os reis*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wach. Rio de Janeiro: Civilização Brasilieira, 2001.

LIMA, Luiz Costa. *Limites da voz.* Montaigne, Schlegel. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BARTHES, Roland. Aula. São Paulo: Cultrix, 2007.

PIRANDELLO, Luiggi. O falecido Mattia Pascal; Seis personagens à procura de um autor. Prefácio do autor. Tradução Maria da Silva et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Os Monstros

Iris Franco
São Paulo/SP

— Não quero ir! Não quero! Tem um monstro lá!

Apesar dos protestos do menino cabelo tigela com leves ondinhas, cujas lágrimas competiam entre si no cume do nariz adunco para saber qual delas vencia a gravidade, aquele papel dizia que deveria ir. Uma palavra a qual jamais procurou no dicionário, mas oscilava os ossos de tanto pavor: obedeça. Esse era o som principal que os ouvidos da criança cujo nome tornara-se *"filho de uma mãe solteira"* captava. Não adiantavam os berros, choros e portas batidas na cara das pessoas, o desespero que desgastava sua existência era simplesmente descartado por adultos com problemas importantes demais para serem entendidos por ele.

A burocracia iniciada antes da ideia de haver um feto faz-se mais asfixiante a medida que crescemos, ela se infiltra sem nenhuma vergonha em todos os cantos, até nos mais íntimos.

Tinha o rosto magro, olhos castanhos os quais revelavam que a imensidão dos seus desejos e sonhos era um monte de nada, um corpo o qual se fosse chamado de esquelético receberia um grande elogio e uma voz que, aparentemente, bradava para a solidão.

Todo sábado de manhã o leite corroía as entranhas e ninguém do núcleo familiar primordial entendia o porquê daquele pão comido pela metade. Aquela mistura de leite com pão meio corroído pelo desgosto revirava o estômago até se transformar em um vômito forçosamente barrado pela cavidade bucal. Sempre havia uma explicação advinda de um único motivo: manha.

E, notoriamente, tias e primos com a bola de cristal da obviedade já davam o prognóstico: *"quando crescer, vai melhorar"*. Pessoas com a profundidade de um pires e ideias tão consistentes quanto um dente de leão branco.

Apesar da pouca idade, ele sentia dor. Uma dor que de tanto doer, já não doía mais. A dor era parte do menino, em algum ponto da vida dele ocorreu uma fusão. E por mais que dissesse que passaria, era mentira. A Fluoxetina jamais apaga o rasgo de um espírito. Sabia que por mais que tentasse se livrar, ela sempre estaria lá, falando no ouvido dele e sempre a consolá-lo, de uma maneira que os outros não faziam. Até que a dor construiu um muro, depois um castelo

que o fez ficar distante de tudo e de todos, mesmo que, forçosamente, com um sorriso amarelado, fingisse ouvir o interlocutor. Todavia, sempre estava resmungando com a dor, afinal, chegou em um ponto que só ela o entendia.

Talvez, devido a altura do castelo construído, ninguém conseguia ouvir que havia um monstro perseguindo ele. Era um monstro grande, forte e peludo, com garras asquerosas e uma língua que parecia feita por várias ventosas. Uma vez, ele o desenhou para a mãe que apenas disse:

— Tá bom menino, tá bom….depois a gente conversa.— Após a frase de pouca complexidade, se reclinou no sofá e foi ver o celular.

O filho esperou por um depois que nunca chegou.

E lá estava ele, novamente, encarando o sábado matinal, dia em que o tal papel dizia que deveria ir com o pai. Com a voz rouca de tanto berrar sobre o monstro, só restava abaixar a cabeça e esperar o fatídico momento em que o pai chegaria.

Quando a campainha tocou, o garoto sentiu o sangue coagulado pelo medo. A mãe, obviamente, oferecia o famoso café com leite paulistano para o ex-marido, mesmo com vontade de mandar tomar outras coisas em outros lugares. Entretanto, entre os olhares de raiva e saudades das intimidades na cama, contou ao ex sobre o que o menino falava, do tal monstro na casa do pai. Após uma breve risada de descrédito de ambos, o pai zeloso agachou e perguntou ao filho:

— Filho, que história é esta de monstro?- O pai colocava as mãos no ombro do menino e olhava firmemente nos olhos dele, demonstrando preocupação.

— Nada não pai. — respondia a criança com desânimo aterrador enquanto rabiscava o chão com os pés.

O menino já tinha certeza, não adiantava falar, ninguém acreditaria.

Mais uma vez, seria um desperdício de ptialina.

Pra quê?

— Tá vendo — a mãe batia as mãos nas coxas roliças — este menino não sabe o quê diz!

O menino cabisbaixo deu bênção para a mãe e saiu pelo mundo de mãos dadas com o pai.

Chegando na casa paterna, o ar cheirava a avós e todo mundo sabe qual o perfume desse ar: de carinho. O menino foi recepcionado com abraços sufocantes demais para caberem na palavra sufoco, tantas balas e pirulitos que, se a fortuna de Stevie Jobs fosse convertida para a medida em questão, este sairia perdendo. Os avós brincaram de pega-pega, esconde-esconde, cobra cega, momentos intercalados por fotos felizes no Facebook e Instagram.





Quando o excesso de felicidade virou cansaço, o garoto pediu licença para dormir.

Com um beijo na testa da avó, do vô e do pai, o garoto foi para o quarto dos finais de semana.

Repentinamente, naquele estágio do sono em que não lembramos mais como somos, o menino sentiu o monstro agarrar seu pé. O medo era maior que o ar nos pulmões, não conseguia respirar. Lentamente, a língua do monstro foi percorrendo todo o frágil corpo, as ventosas do músculo molenga faziam barulho enquanto desgrudavam lentamente do tecido epitelial. Lágrimas silenciosas escorriam do rosto da criança. O menino sentia os pelos do monstro peludo roçarem pra frente e pra trás, enquanto as garras fincavam os braços pueris na cama que rangia conforme a sofreguidão da angustia.

Mentalmente pedia para aquilo parar, mas o tempo e espaço haviam se comprimido a tal ponto naquele quarto que quase não existia diferença entre o começo e o fim.

Até que o monstro vira a criança meio de lado e diz:

— Boa noite filho, durma bem. — o pai se despedia com um beijo testa.

— Boa noite, te amo papai.

Limpando a mão, o pai desliga o interruptor e a infância do filho.



O Sonho Secreto

Gerson Machado de Avillez

Rio de Janeiro/RJ

Há muito se ouvia um rumor distante que como murmúrio repercutiam palavras temerárias de que a silenciosa mansão dos Figueira guardava segredos angustiantes dos pós-vida. Os relatos são sempre genéricos em concordar com visões tenebrosas de vultos e ruídos malditos, assim como de terríveis pesadelos que tomavam de sobressalto seus visitantes. Os maldizentes lábios dos incautos que se aventuravam na mansão abandonada dizem se tratar dos ecos da existência do dono da residência que lá fora assassinado há quatro anos, porém, não param por aí. No torpor da letargia onírica os relatos mostram não somente o dono Augusto Figueira desatinar em prantos como clama para que supostamente um crime similar não ocorra novamente. Os padrões perturbadores em todos esses sonhos vão além, mostram um garoto lendo um misterioso livro, pouco antes de ser morto por um psicopata qualquer que sendo boçal acreditava cumprir uma profecia diabólica.

O livro outrora era conhecido apesar de nunca visto, se tratada do *Libro Ad Somnium* ou segundo alguns com a alcunha em alemão de *Das Buch der Träume* que nunca tradução livre significa "O Livro dos Sonhos". Sendo esse livro real ou não acreditando ele se tratar da chave para desvelar o mistério funesto parti ao encalço do mesmo a fim de que cortasse de vez do véu que encobria de modo profano a verdade.

Todavia pesquisas na internet não surtiram satisfatório efeito a não ser pistas que indicavam fóruns da *deep web* conhecido como os esgotos da internet onde toda sorte de males, depravações e crimes eram ocultos da grande maioria. Naturalmente não tinha muito tempo até minha mãe chegar e pegar-me navegando naquela torrente de lama digital.

Com labor consegui adentrar as vísceras daquele submundo quando um misterioso homem sob o nickname de Anil me abordou quando questionava sobre o livro. Fora a partir dali que as respostas surgidas me levaram ainda mais questionamentos. Segundo Anil o livro era de autoria de um homem chamado Heidi Ofir que afirmava que os sonhos existiam independente do ser humano ou animais, mas por si só tinha vida como se fosse uma dimensão, ou dimensões próprias, independente do nosso universo. O relato de Ofir ocorria após suas desventuras num futuro distópico ao adentrar um turbilhão onírico onde teria se perdido nas brumas da incógnita. Aqueles sonhos aparentavam ser mais longos





que o tempo do sono por isso, pois aquela dimensão independia do tempo cronológico de nosso universo, possuindo um tempo próprio, um universo o qual somente a combinação de memórias seriam a chave para acessar esses sonhos durante a noite, sonhos em que algumas vezes são compartilhados não somente num dado momento, mas em todos os tempos. Todavia dentre esses sonhos havia um sonho secreto o qual a porta oculta nenhuma memória conhecida levaria pois é o sonho dos mortos num tempo próprio, sejam dos mortos do futuro que ainda nem nasceram ou mortos do passado distante. Como um limbo embebido na letargia almas vagavam num único tempo, independente do tempo em que vieram.

Aquilo me deixou perplexo por compreender possibilidades imprevisíveis caso fosse verdade, mas ainda que questionasse concepções esotéricas aquilo nunca havia antes ouvido falar na minha vida me levando a crer que não se tratava de nenhum culto conhecido. Assim senti-me compelido a desbravar esse enigma ao partir a procura do *Libro Ad Somnium* que segundo Anil nunca conseguiram digitalizar e por isso apenas poderia ter o livro físico. Ao pedir a Anil por isto ele a contragosto cedeu me oferecendo coordenadas onde poderia encontrar uma réplica copiada a mão como no tempo dos copistas e escribas de séculos atrás antes da invenção da impressa.

Durante o percurso recordei-me das lendas de um hotel de quinta o qual haviam ocorrido desparecimentos na costa do Rio de Janeiro. Desaparecimentos sob alegações similares de ocorrências e sonhos como precursores. O “Hotel Esperança” encerrou as atividades após a última vítima lá desparecer ao procurar um outro desaparecido, um garotinho. Doravante, durante o percurso pesquisei sobre o suposto autor do livro chamado Heidi Ofir não encontrando informações satisfatórias novamente como se o sujeito não existisse em nosso mundo. Quando chego ao ponto em que tinha de soltar me dirigi seguindo as coordenadas dadas por 'Anil' até um lugar onde outrora havia uma boate, mas agora abandonada. Passei por entre mendigos daquele lugar degradado por uma gestão governamental que havia provocado apenas crises e desigualdades. Fora nesse momento em que uma mulher ao me fitar gargalhou e disse olhando em meus olhos.

— Você está perseguindo suas próprias sombras vindouras!

Ignorei aquilo ainda que temerário e segui a diante passando por entre cracudos que se esgueiravam como mortos-vivos esquálidos num estado de torpor quase permanente como se estivessem em algum lugar entre a realidade e os sonhos como escapismo das dores daquele mundo moralmente senil e doentio. Ao adentrar ao segundo andar conforme informava o bilhete, temi por minha vida achando se tratar de uma emboscada, mas intuído pela curiosidade

segui bravamente ao ponto sem nada encontrar quando então uma voz irrompeu o sinistro silêncio que impregnava de medo aquele lugar angustiante.

— Você! O livro, veio encontrar o livro?

Ao virar-me fitei um velho com longas barbas brancas a me indagar assustado e ao ver-me assentir com o rosto ficou perplexo.

— Havia adormecido e no sonho vi um homem entregar-me este livro dizendo ser para você. — Repercutiu o homem e prosseguiu. —Acordei e achei que era apenas isso, um sonho, mas percebi que estava com o livro nas mãos. Sabe, dormimos para fugir dessa realidade cruel, mas de repente não vi diferenças entre sonhos e a realidade.

O homem desembrulhou o livro quando vi a capa com o título em latim *'Libro Ad Somnium'*. Então, tomado pela expectação nada consegui pronunciar ante as afirmações daquele homem, me levando apenas a me abaixar a pegar o livro de suas mãos com os lábios selados.

Luzes trêmulas de uma fogueira me levaram a contemplar as letras do livro como se tivessem dançando de um lado a outro quando com certo esforço li as primeiras palavras daquele mítico livro o qual afirmava que veio de uma dimensão onde a barreira entre realidades e sonhos teria caído.

Segundo o autor Ofir as vezes os sonhos ligam mundos diferentes ao nosso o qual a separação entre um e outro é apenas uma ilusão persistente assim como a ilusão entre passado, presente e futuro. Ao me retirar do lugar caminhei ansioso para desfolhar por completo o livro que detinha desenhos inóspitos e afirmava mesmo que o *Manuscrito Voynich* compilava a fauna desse mundo que era um sonho coletivo que existia há séculos. O acesso ao mítico sonho de séculos era por palavras cuja semântica não era capaz de revelar a origem, palavras que reverberavam memórias de algo nunca visto e assim por isso nunca lembrado, pois era algo inerente a uma dimensão adormecida como variação das coisas que nunca aconteceram em nosso universo.

Durante todo percurso palavras daquele profano livro tomavam minha mente de modo que me senti tentado a ir até a famigerada mansão tentar proferi-las a fim de testar a veracidade delas como se palavras fossem capazes de alterar as vibrações entre mundos fazendo-os se tocarem.

Ainda que não acreditassem em mágica a curiosidade era o que me movia e por ainda não estar saciada assim fiz quando a noite caíra sobre a cidade. Ao passar por um buraco na grade da propriedade notei que todos os sons que prenunciavam a noite cessaram, dos grilos aos sons de corujas como se o silêncio sepulcral fosse precursor de um luto da natureza ante a morte ou a passagem por entre mundos, caso fosse real. Mas o que era a morte senão o sonho definitivo, sonho para os bons e pesadelo para os maus como o psicopata que lá ceifava vidas inocentes.

Adentrei a residência arrepiado, a bexiga pressionou-me a esvaziar os joelhos enquanto um frio subia a espinha. Liguei uma lanterna a fitei o livro que reverberavam aquelas palavras penetrantes como uma agulha e então me sobreveio um repentino sono como se a vida estivesse desvaindo de mim. Adormeci recostando-me na parede repleta de bolor daquele lugar. Dos ladrilhos quebrados escoavam um filete de água que vinha do teto por uma infiltração por anos de acaso a fomentar o único ruído, ao lado de minha respiração, que cortasse o silêncio tenebroso do lugar. Tão logo as imagens se tornaram embaçadas não sabendo ver coisas ou se tratasse de um sonho quando ouvi passos dentro do lugar.

Tentei remexer-me sem sucesso quando então veio um garoto correndo em minha direção. Inicialmente achei se tratar de um fantasma, mas suas feições suaves e serenas pareciam conter o temor que prenunciava ao dizer-me.

— Venha! Levante-se, não quero ser um fantasma nesse lugar!

— O que está acontecendo? — Indaguei perplexo ao garoto que me puxava pelo braço.

— O vaso da morte, o homem mal que vive apenas para a morte quer acabar contigo!

— Como assim? Não fiz nada!

— Você é o garoto do sonho, você é a próxima vítima daquele o qual obra é apenas a destruição. O embaixador do inferno!

Como assim? Me indaguei, como poderia eu ao buscar respostas acabar compelido pelo destino a concretizar profecias profanas dos que lá adormeceram? E se o destino controla nossa vontade? A contragosto me remexi ao contemplar aquele garoto que me fitava agora nervoso. Ao levantar-me fitei o corretor que se estendia tenebroso até a escada que descia ao primeiro andar, caminhei como embriagado pelo torpor de uma sonolência que me fazia presa quando por uma janela vi um homem de camisa branca com listras azuis marinho pegando um facão e com um sorriso sádico adentrar o recinto lá embaixo. Corri para o sentido oposto na tentativa de sair daquele lugar pelo telhado, mas tropecei numa cadeira que não havia visto o que deu tempo do homem com traços mongóis me alcançar. O homem estava com olhos vidrados e riu de prazer em ver-me vulnerável como uma gazela na savana, me pegou pelo pescoço apertando-o e empunhou a faca desferindo-a entre meu peito, no coração.

— Consegui acabar contigo como eu queria! Essa é minha grande obra!

Ao ouvir aquelas palavras acordei subitamente no lugar em que havia dormido. Perplexo ao perceber se tratar de um sonho levantei-me tonto e segui para o corredor tentando retirar-me quando pela janela vi o mesmo homem com a mesma roupa exatamente como no sonho. A estranha sensação de Déjà vu que me tomou em perplexidade não me deu chance para refletir, mas apenas tomar o

mesmo rumo que tomei no sonho, mas desviando-me da cadeira o que impediu que caísse. Corri até uma janela e sai pelo telhado que por estar molhado me levou a escorregar caindo sobre uma moita de plantas quando ouvi gritos de uma casa vizinha de uma mulher que vociferou "o assassino!"

Tudo se apagou novamente diante das minhas vistas, quando abri os olhos fitei diretamente aquele mesmo garoto sobre mim que agora sorria aliviado. O menino com semblante sereno ficou apenas calado me observando quando irrompi o silêncio dizendo.

— Quem é você? O que foi isso afinal?

— Sou seu filho.

— Nunca tive filhos, não lembro! Tenho apenas 14 anos!

— Assim como o sonho secreto não pode ser acessado pelo que não se lembra dele o senhor não pode se lembrar do que ainda não existe no seu mundo.

— Não me chame de senhor... Você está morto?

— Todos um dia morrem, todos inclusive os mortos do futuro passam aqui. Mas te salvar ao menos me valeu viver, agora acorde.

O menino então me narrou como ele viria a morrer como um pedido para que ciente da possibilidade vindoura houve também a possibilidade de evita-lo. Ao ouvir aquilo despertei subitamente ainda que pensasse naquele sonho estar desperto. Ao abrir os olhos novamente fitei o lugar na esperança de ver aquele garoto que nunca havia visto antes, mas ao invés disto vislumbrei luzes oscilantes de azul e vermelho. Era a polícia. A senhora que havia gritado estava do lado dele relatando o ocorrido enquanto um outro policial me observava e ao ver-me despertar vociferou ao parceiro.

— Ele está bem! Vamos garoto o que aconteceu aqui?

— Um homem tentou me matar, eu acho.

— Sim a senhora da casa ao lado reconheceu ele do assassinato anterior aqui ocorrido, por pura coincidência.

Pus a mão na cabeça e percebi que o livro havia desaparecido, fitei o policial e me indaguei: como assim coincidência?



O Velho

Waldir Capucci

Jacareí/SP

Eu o avistei logo nos primeiros sinais de luz, início do amanhecer. Fazia muito frio e notei que suas vestimentas estavam puídas, inclusive as luvas e o cachecol. Tratava-se de um senhor com idade próxima dos setenta anos; portanto, um velho, como apregoa a sociedade de forma geral.

Observando seu fardamento deduzi que devia ser vigia de alguma obra ou prédio comercial, e tinha deixado seu trabalho após a jornada noturna, possivelmente cumprida ao relento. Contemplei seu rosto por poucos segundos e constatei que já o conhecia. Eu nunca estivera naquela cidade antes, mas já o tinha visto diversas vezes e em vários lugares diferentes. E continuo vendo o mesmo rosto, não que ele me persiga; apenas, é impossível não enxergá-lo.

Eu o vejo no semblante dos vendedores de bilhetes, sorvetes ou doces, que vivem desses subempregos simplórios, amealhando míseros reais a cada dia labutado, e que mal servem para cobrir o custo de uma parca refeição.

Também é marcante nos aposentados que fazem parte da paisagem das esquinas e praças públicas. Passam horas nos jogos de dominó, damas ou xadrez, ou então, conversando e relembrando o passado, tempo saudoso que não volta mais.

Presente também nos senhores debruçados nos parapeitos das janelas ou sentados nas soleiras das portas, enquanto aguardam passar mais um dos últimos dias que lhes restam de vida.

Mais latente e perceptível ainda na feição daqueles homens desditosos jogados à míngua, sentados em velhos bancos de madeira ou surradas cadeiras plásticas, aguardando por atendimento em condições humilhantes nas repartições públicas. Observá-los assim, em especial nas unidades de saúde, recebendo tratamento como se indigentes fossem, causa-me profunda dor pela total incapacidade de mudar a situação.

Hoje,estes coitados são estorvos para a sociedade e até para as suas famílias.

Triste paradoxo! Quando mais precisam de ajuda é que são mais abandonados.

No momento da vida em que o corpo físico se encontra cambaleante, a perspectiva de emprego decente não existe, os lapsos de memória são frequentes, o sorriso é escondido por vergonha de mostrar a falta de dentes, o simples ato de caminhar se torna cada vez mais lento pelo peso da idade, a maioria dos amigos já não está mais presente e a família não os acalenta como merecem, são atirados no calabouço social, abatidos como gado no matadouro da insensibilidade humana.

Na falácia das autoridades tornam-se apenas personagens de discursos, parte de estatísticas reais e de promessas irreais que jamais serão cumpridas. Servem apenas para alimentar bravatas flamejantes daqueles que têm o poder e oportunidades de melhorar a situação, mas falta-lhes interesse para fazer.

Vemos crescer diariamente a fila de miseráveis, injustiçados e abandonados clamando por caridade, direitos, remédios, emprego e comida. Clamor inútil, pois nada terão ou, se conseguirem, o será em quantidade exígua, muito aquém da real necessidade.

Lamentável! É por demais lamentável e triste essa situação. Quanto mais observamos, mais longe ficamos de enxergar alguma mudança. Resta-nos o sentimento de tristeza por estes velhos. Incapazes que somos, assistimos impassíveis a humanidade caminhar cada vez mais em busca de altas tecnologias, enquanto desaprende de caminhar em direção ao próximo.

Sigo a minha vida, e encontro o mesmo rosto todos os dias, em todos os cantos, em todas as direções, em todos os velhos. E um fator preocupante me assola. . . Quando olho no espelho sinto que meu rosto está ficando cada vez mais parecido com o velho que enxerguei naquela madrugada fria.



O vírus do negrume

Maroel Bispo
Feira de Santana/BA

Sua pele escura ditava o compasso.
Sim. O negrume dele era um sobrepeso.
Tal qual um vírus com face de um revólver.
Ninguém sabe bem o que é isso. Só ele.

A caminhada árdua, enfim, acabou.
Nele perduraram estranhas sensações.
Por qual razão o discriminaram?
Qual crime [de fato], ele cometeu?

A arma exalou fumaça. Muita fumaça.
O estampido dos tiros zumbindo ainda.
A cena insólita a todos espantou.
E o corpo inerte jazia no mármore.



Outra Canção Para Desiderata

Raimundo de Moraes

Oh carne, carne mía, mujer que amé y perdí,
a ti en esta hora húmeda, evoco y hago canto.

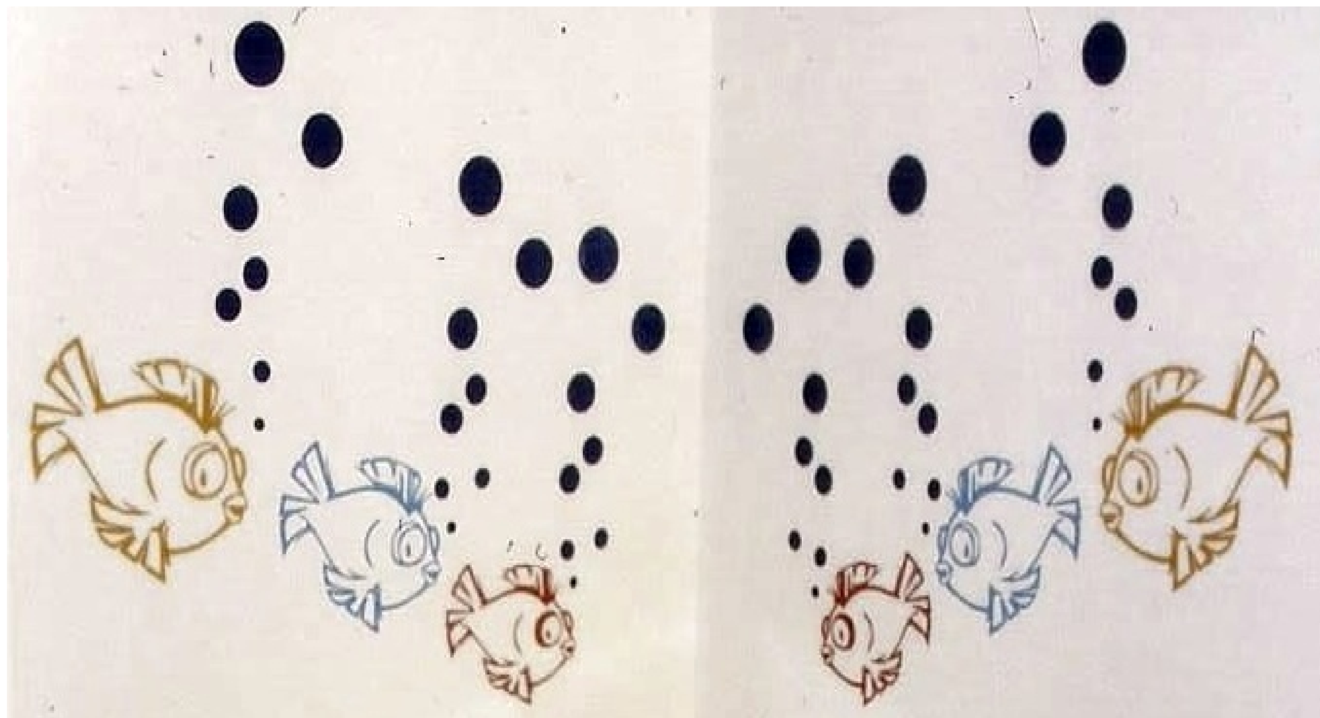
Neruda

Desiderata
abençoaram teu corpo no domingo
As abóbadas de pedra
imitavam a renda
do vestido azul
Agora, querida
és íntima de todas as ocultas sapiências
Desiderata
os campos estão lavrados em nome da fome
e há essa romaria
de brotos inertes
zumbindo afônicos sob a terra
Nada permanecerá
- o mundo corroendo-se de novíssimas vidas
e os homens correndo para vesti-las
Eu pensei que também tu fosses eterna
Lembro que nada exigias
e calculavas com a alegria sem risos
os passos lentos da Velha Senhora
Dizias: sou tão fraca... !
Eu falava: és tão forte!
E fingias ouvir
trancada no cimo
de torres inatingíveis
Miosótis cresciam em teu caminho, Desiderata
e quando colhidos por tuas mãos tornavam-se
"não-te-esqueças-de-de-mim"
Ah como esquecer esse profundo abandono
de não querer amar
porque o futuro já passou?
Desiderata
que bordava à tarde

e morria à noite, com o sol
"Sou tão triste... !". "És tão calma!"
Ou quando cansada
erguia os olhos impacientes e pressagiava
nas asas de uma borboleta preta:
"vê: é a minha vida que se vai"
(Nem plenilúnios nem meus lábios coravam teu rosto
E o linho que bordavas era extenso
já marcado pelas estações)
Desiderata
eu que pensava que tu fosses eterna
Até que te vestiram de renda e azul
e foste calma para o chão
Estavas verde
como se circulasse musgo nas veias de vidro
Eras sem destino desde o início
O presságio do fim absoluto acontece em surdina:
músculos desabrochando no ninho de pedras e vermes
O Retorno
O mofo tecendo nos cabelos
a velhice que não houve
Desiderata
és uma lembrança. Mas nada permanecerá
Minha fraqueza a negar tua força
teu nome a desafiar o Tempo
a suavidade das tardes
a revelar a solene tristeza do teu rosto

Poema integrante do livro *Tríade* (ISBN 978-85-98896-43-4) e Menção Honrosa no Concurso Helena Kolody 2007 – Secretaria de Cultura Governo do Paraná.





Peixinho amarelo

Daniela Genaro
São Paulo/SP

Podia ser azul, vermelho
ou de um amarelo dourado.

Mas é de um amarelo desbotado,
de lado a lado um pouco riscado.

É de um amarelo adorado
porque é dele que cuido todos os dias
para que não se apague.



Poema

Quando olho esses pezinhos
Fico imaginando seus primeiros passos
Aonde você minha pequena
Trilhara o seu caminho
Espero sempre poder acompanhar
Cada passo percorrido.
Vamos juntas caminhar
Nesse mundão desconhecido.

Simone Kodama
São Paulo/SP

Poesia

Leandra Diniz

cada ser que um dia fui
se decompôs e recompôs num momento agora
árvore cria raiz.
expansão,
gera frutos de episódios que transformaram-me em mim.
o que antes doía, hoje não mais
como tatuagem que um dia parou de coçar e agora faz parte de quem eu sou.
não me importam mais teus abraços e beijos
árvore é solitária.
meu corpo consome arte e pede, por favor, produza,
isso é o que me importa agora.



Poesia MAR - (va) GINAL

Maya Pires

Suspensão
O estômago é a grande calma entre coração e cérebro.
Quanto mais lúcido, maior a inabilidade.
Um rosto só de tapas,
Que já não ousa cogitar viver entre tapas e beijos.
A saída da caverna, entrada na taberna.
Resistir a grande calma,
Aceitar a crise.



Poesia Marginal

Luiz Roberto da Costa Júnior

Campinas/SP

Vários poetas, como Chacal,
estavam fora do meio habitual,
não escreviam no molde estrutural
estabelecido pelo padrão universal.

Procuravam uma poesia autoral,
ao não escrever da maneira usual.
Buscavam a linguagem coloquial
e mostravam uma inovação vital.

Produção poética com criativo visual,
durante metamorfose comportamental,
resultado de ruptura estética e cultural.

Faziam só divulgação manual,
neste difícil período editorial,
refletindo uma pressão social.

http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr



Prelúdio

Regina Ruth Rincon Caires
Araçatuba/SP

Pela escuridão do quarto, imagina ser noite. Ou madrugada...

Perdera a noção do tempo. Foram muitas mortes, muitos renascimentos. Tanta aflição, tantas dores, tanta luta! Mas, agora, vindo não se sabe de onde, é invadido por um deleitoso sossego.

No silêncio, entrecortado pelo gotejar do soro no equipo, os pensamentos, de maneira incansável, se avolumam, se atropelam como se disputassem uma corrida derradeira. E no peito, o retumbe do coração mais parece o bater das asas inexperientes do menino passarinho. Sabe que está longe disso.

A inércia do corpo não lhe permite observar aquilo que não esteja na direção dos olhos. Vê o teto, apenas o teto. Ainda lhe restaram os ouvidos. Ouve perfeitamente. E sente o toque. Incomoda-se quando percebe os olhos mendicantes de Leninha. Sabe que ela procura uma certeza. Quer saber se ele está ali, se a escuta, se a reconhece. Mas, infelizmente, não tem o controle da resposta.

Leninha deve estar por ali, em algum lugar do quarto. Há um ressonar leve espalhado na penumbra, tão leve quanto ela. Companheira de vida, cumplicidade velada. Filhos não brotaram. Apesar da expectativa levada por toda vida, percebeu que a esperança escorreu pelos cantos dos olhos quando Leninha sentiu que as regras haviam cessado. Neste dia, chorou. Foi a única vez que se mostrou derrotada. Aconchegada nos braços ternos de Nestor, extravasou a dor da frustração. Alisava a barriga com desdém, com raiva, dizendo-se seca, estéril. Menosprezava-se.

E sabe que deveria ter amenizado a dor da companheira. O problema poderia não estar com ela! Nunca avaliaram, nunca procuraram orientação médica. Poderia ter dito isso a ela. Mas não disse. Talvez por orgulho, talvez por culpa. E ela nunca aventou tal possibilidade. Talvez por respeito, talvez por amor.

Para ele, a vida era um querer sem freios. Eram metas, metas e metas. Alcançada a primeira, nem a degustava e já era sugado pela engrenagem da próxima, da próxima e da próxima. A vida era uma moenga de momentos, de sonhos. Para Leninha, não. Passava, plena, pelos minutos, pelas horas, pelos dias, pela vida. Talvez o constante brilho do olhar e a perene ternura do seu trato tenham norteado e protegido a caminhada confiante de Nestor. Para ele, isso era absoluta convicção. Pena nunca ter dito a ela.

Há um ressoar de passos no corredor. Deve ser a enfermeira. Cerra os olhos. A voz suave, sussurrada, avisa que vai substituir o soro e ministrar um medicamento. O líquido queima e dá a sensação que vai rasgando a veia quando injetado na canícula. Certamente deve ser sonífero. Ou analgésico. Interessante que, hoje, as feridas das costas não latejam. O colchão d'água está mais suportável, refrescante.

A enfermeira sai e Nestor reabre os olhos. Ainda bem que Leninha não acordou. Continua ressonando, mansamente. Sempre foi assim, sono profundo, restaurador. Talvez seja pela ausência de remorsos.

De volta à penumbra, os pensamentos voam para as palavras irreverentes da mãe, lá atrás. Ela dizia que todo moribundo, antes de morrer, apresentava uma melhora assustadora. Mas que isso não a enganava. Sabia que a morte era matreira e que só queria abocanhar a vítima com mais vigor. Nestor sente vontade de rir, de gargalhar… A alma gargalha.

Leninha acorda. Busca, com os pés, os chinelos no chão. Aproxima-se da cama. Agora ele a vê. Está colocada bem de frente, na mesma direção dos olhos dele. Bonita. Mesmo com os cabelos grisalhos totalmente desgrenhados, continua formosa. Serena. Mas os olhos embaciaram. Olha fixamente no rosto do amado, bem de perto. É possível sentir o respirar pelas narinas. Tão perto, tão longe... Nestor sente a carícia das mãos que passam pelos cabelos, pela testa, pelo rosto... Leninha fala com os olhos, abraça com o cuidado. E ele se abandona no abraço. Quer matar a saudade. Quer tocar aquele rosto, agradecer, gritar o seu amor. Impossível. Mas ela sente, ela sabe. Sempre soube.

Nestor fecha os olhos. Quer emoldurar, na memória, aquele rosto. Quando os reabre, ela não está mais ali. Silenciosa, voltou ao descanso. E ele, num turbilhão de pensamentos. Continua mais forte que a droga que lhe foi injetada.

De repente, o peito inicia um repique. Batidas aceleradas do coração provocam certa confusão nas ideias, parece que o corpo todo estremece, uma onda de calor insuportável percorre as veias, queima. Depois, abranda. Chega um frio abominável, insano.

Ele sabe que são as asas na constante luta pelo voo. Devem carregar o cansaço acumulado por tantos anos. Puxa vida, tem ainda tanta coisa para pensar! Mas está confuso. Não consegue conectar o fio do pensamento que estava por ali, com ele, ainda há pouco. E sente um cansaço incontrolável, os olhos pesam, as ideias fogem. Nem ouve mais o ressonar de Leninha. O gotejar cessa.

O dia ainda nem clareou e o soro foi retirado. Leninha tem a certeza da qual tanto se esquivara.

Ele não está mais ali.

O velho pássaro pousou.





Proeza da natureza

Leandro Emanuel Pereira
Portugal

Dentro do arco-íris;
Paira um mundo idílico;
Sem males e pensamentos vis;
Onde a felicidade é um destino fatídico...

Aqui moram criaturas;
Como tu meu amor;
Doces encantos e boas feituras;
Propósitos de um cerne encantador...

As epopeias;
Que nos fazem sonhar;
Mantém-nos firmes nas ideias;
Preparados para amar…

Os monstros vencidos por espadas;
Castelos em pedra reluzente;

Todas as histórias de fadas;
São um tónico para a nossa mente...

Ser criança;
Em corpo de adulto;
Atenua a fiança;
Da responsabilidade ao minuto...

E assim me permito ser feliz;
Contigo proeza da natureza;
Linda mulher de intenso cariz;
A vida será eterna e plena de pureza…

PS: Poema dedicado à minha bela mulher, essa proeza da natureza.



Prolixo Pro lixo

Leonardo Cardeal da Costa

Osasco/SP

Para cada explicação metida a elaborada, a hermenêutica
Nós escrevemos o imaginado com visão poética
Para cada aprovação fajuta, se faz um beneplácito
Nós apontamos o autêntico e o cito
Para cada enrolação em fazer o correto a ética, encontra-se o cuntatorio
Nós construímos o justo para o projeto civilizatório
Para cada falta de comoção aos pares, surge o emperdenido
Nós abraçamos a emoção ao meu próximo unido
Para cada presunção rotineira que nada é contente, aparece o filaucioso
Nós julgamos o festivo cotidiano gracioso
Para cada pensamento perverso sobre a felicidade, concretiza-se o horrípilo
Nós sonhamos a maravilha no melhor estilo
Para cada alusão inofensiva a vida, nos evidência o inócuo
Nós enfrentamos o perecer e não recuo
Para cada fala demasiada e sem necessidade, remete-se o loquaz
Nós desenhamos o simples e o belo no cartaz
Para cada mentira por causa própria, vem o mendacioso
Nós nos mostramos o genuíno para ser atencioso
Para cada ódio guardado contra a alegria, rompe-se o odiento
Nós sorrimos a euforia para o encantamento
Para cada podridão em relação ao fraterno, cheira-se o putrefato
Nós exalamos a paixão para ser grato
Para cada descrédito nos sonhos possíveis, sobra-se as quimeras
Nós exclamamos os quereres que há primaveras
Para cada esconderijo do bem, ilumina-se o recôndito
Nós olhamos o certo para o lado inédito
Para cada erudição falsa a paz, traz a sumidade
Nós propomos a harmonia de prosperidade
Para cada comportamento ofensivo contra o amor, chama-se o vitupério
Nós beijamos o afeto por meus critérios
Para cada rodeio de palavras tristes, depara-se o tergiversar
Nós gritamos o prazer animado a versar.

Putoesia - Girafa Gafanhoto

Alvrez

Nuvem vermelha

Nariz romano dos Lanças Curvas

Faca embotada

Velho-Medroso-de-Seus-Cavalos

Chaleira Preta

Corvo Pequeno

Antílope Branco

Touro Sentado

Urso Negro

Urso Forte

Lobo Solitário

Pássaro Saltador

Mulher Amarela

Cavalo Pequeno

Lua Preta

Urso Veloz

Folha Vermelha

Olha-Para-Trás

Alce-em-pé

Cauda pintada

Pé ligeiro

Foram assassinadxs

Pela

Ajuda humanitária!

(Alvituus – "Viver é um risco constante. Naturalizamos a palavra droga sem nos darmos conta de que o seu conteúdo tornou-se melequento, difuso, bocó, sem sentido… Se olhamos de frente o problema e nos permitimos pensar a palavra – desconectando-a da ração discursiva distribuída em generosas porções tanto ao mais laureado doutor quanto ao mais simples popular – damo-nos conta de que ela se refere a algumas substâncias consideradas perigosas por determinadas instâncias morais. Perigosas a ponto de justificar sua proibição a partir do argumento de que matam. O que não mata?")

Quando eu Morri...

Rosângela Maluf

Nova Petrópolis/RS

Ontem, quando eu morri, era quarta feira, 19 de abril, dois dias depois do meu aniversário de 50 anos. Não pensei que uma cirurgia tão simples pudesse terminar numa parada cardíaca. Estou achando que me vou cedo demais, mas não teve mesmo jeito. A moça de azul entrou na sala do CTI, verificou os fios, suspirou profundamente, me olhou e apertou uma campainha que, imagino, deve ter tocado na sala da enfermagem. Entraram, logo depois, três pessoas vestidas de branco, um homem e duas mulheres. Apenas resmungavam. Quis ouvir o que diziam mas só conseguia ouvir barulho de água, muita água, cachoeira, cascatas, cataratas, ondas do mar, algo assim...

Pessoas começaram a chegar. Há muito entra e sai nesta sala de tratamento intensivo. Muita gente, muito barulho. Estou quieta, não consigo me mover. Ouço ao longe um rádio, uma partida de futebol talvez; na sala da enfermagem? A esta hora? Pode ser. E agora? Por onde devo começar? Não respiro mais e nem posso mais controlar minha ansiedade. Teoricamente, não posso me sentir ansiosa. Sinto-me estranha, muito estranha e tenho tanto para resolver ainda hoje! Quero sair daqui. Vou sair daqui.

O barulho das águas que ouvi ainda há pouco, era o mar. E é sobre ele que me vejo agora. Já é dia claro. O céu está azul e faz um sol bonito. As ondas são enormes, azuis ou verdes, não consigo definir muito bem. Estou acima delas, como a bordo de um aeroplano, voo rasante. A praia está deserta. Flutuo sobre a areia clara. Não vejo ninguém. Alguns pensamentos me assustam mas logo me livro deles. Preciso aproveitar a sensação de ser água, eu sou o mar. Amplidão, liberdade, calma e serenidade, isto é o que sinto. Agrada-me esta sensação embrionária. Sim, estou no ventre da mãe. Amniótico.

Não consigo saber que horas são. O que eu deveria fazer agora? Árvores imensas me impedem de continuar voando. Mergulho em uma mata densa,

fechada. Raios de sol atravessam as copas das árvores e me fazem pensar em fotografias. Linda luminosidade. Tantos tons de verde que me confundem. Tenho a impressão de que o céu aqui é verde também. Não ouço nenhum som. Imagens, apenas imagens. Vem-me a certeza de que sou árvore também. Abro gostosamente os braços; sou galhos imensos, troncos fortes, ramos, muitas folhas. Sou vegetação. Sim, isto mesmo, vegetação. Clorofila, muito verde, luzes, me sinto uma planta. Natureza, mãe terra, gaia, fertilidade, grandeza, isto é o que sou agora.

Vejo uma casa bem no meio da floresta. É a minha casa. Em uma clareira. A garagem vazia. O jardim. Entro pela porta lateral, subo ao segundo andar e vou até a biblioteca. Minha escrivaninha, meio desarrumada. Procuro mas não consigo encontrar minha agenda. O que está acontecendo comigo? Estranho, não vejo ninguém, tudo muito calmo: os livros na estante, os porta-retratos com fotos da família, a antiga cômoda da minha avó.

Abro as duas últimas gavetas; lá guardei caixas com fotos antigas, reveladas em papel fosco. Todas elas em cores e separadas em grandes envelopes pardos. Etiquetados por ocasiões especiais e/ou rotineiras. Abro os envelopes do meu casamento, o barrigão de grávida, aniversários dos filhos, natais, festinhas de escola; revejo a grande família feliz, reunida nas bodas dos meus pais, o beijo dos dois; vários envelopes com as viagens, os bailes de formatura, encontros de amigas, casamento dos filhos, foto com os netinhos e uns retratinhos 3x4 escondidos em um envelope menor – namoradinhos do tempo de colégio. Sorrio saudosa daqueles amores perdidos no tempo. Coloco as fotos, uma por uma em sequência e fico pensando em tudo que estou deixando ficar! Tudo que me fora tão caro, tão importante e que agora permanecerá naquela mesma gaveta. Longe de mim.

Invade-me um sentimento de imensa gratidão. Reconheço a plenitude que me guiou os passos. No balanço das horas tive momentos bons, outros nem tão bons e alguns odiosos. Fui muito amada e amei muito também. Sinto-me orgulhosa por tudo que consegui em minha vida profissional. Procurei dividir, com os próximos a mim, tudo que poderia ser distribuído, repartido, compartilhado.

Olhando pra trás não levo comigo nenhum remorso, nenhum arrependimento, nada de ódio ou rancor. Algumas coisas poderiam ser feitas de outra maneira. Poderia ter me chateado menos, esperado menos das pessoas, criado pouca ou nenhuma expectativa, mas não deu... Devo ter comentado inverdades, contado mentirinhas, nem sempre um comportamento exemplar mas tive uma vida normal, com defeitos, com planos mal sucedidos e de tristezas também...muitas tristezas!

Sobre a escrivaninha encontram-se os livros ainda por ler; caderninho de anotações, folhas soltas com recados, números de telefone. Olho tudo sem saudades. Sem apego. Não sinto medo. Não temo o depois. E a transferência de consciência será uma realidade ou não? Lembro-me do *powa* tibetano - tudo para voltar à terra pura, livre do sofrimento, das doenças dos problemas, das dores. Pergunto-me se serei merecedora de uma passagem leve e apaziguadora. Passagem para onde? Estarei mesmo saindo daqui? Estou mesmo indo embora? Para onde irei? Não sei ainda...

O que sou eu agora? O que serei de hoje em diante? A impermanência, experimentada em muitas vidas, me diz que nada permanecerá igual por muito tempo. Tudo muda. Eu também estou mudando, passando de uma vida para outra vida? Levarei de mim tudo que vivenciei, vivi, experimentei? O que irá sobrar no final de tudo? Não posso acreditar que serei nada, nada! Vejo um filme em câmera lenta. Uma quantidade imensa de recordações, de saudades dos tempos passados, das pessoas, dos locais, dos acontecimentos, um turbilhão de sensações muito vivas, muito fortes porém efêmeras. A isto chamamos memória? Ou consciência? O que sobrará de mim quando desprovida do corpo físico, serei apenas a memória? Ou apenas o quê? Daqui onde estou, posso ser tudo que quero, posso me deslocar para onde desejo, tenho vontades e as realizo - só não sei se isto é real! Sinto-me flutuar e me vejo muito além do tempo e do espaço. Agora sou nuvem.

Continuo vagando pela casa, entro no meu quarto. Olho tudo com muita calma. Ainda penso que tudo aqui me pertenceu um dia mas sei que nada disto é meu. Fui feliz aqui. Sorri muitas vezes. Chorei tantas outras. Sofri pelos mais diversos motivos. Comemorei muitas vitórias. Celebrei a vida, o amor, a alegria e a felicidade. Lamentei perdas, me arrependi de erros cometidos, revi muitas cenas da minha vida. Abraçada ao travesseiro fiz julgamentos equivocados e outros ponderados e justos. Chorei lágrimas infinitas. Planejei dias melhores para minha vida, adiei muitos projetos, reprogramei outros. Propus mudanças que me poderiam fazer mais feliz. Sempre a felicidade. Sempre. Para mim e para as pessoas queridas. Poucas coisas desejei mas persegui, incansavelmente, a alegria e uma vida plena. Sem ambições desmedidas, consegui (quase) tudo que quis.

Sinto uma gratidão imensa por aqueles que cruzaram o meu caminho. Pelo bem ou pelo mal foram grandes mestres, grandes escolas, fontes de aprendizagem e sabedoria, mesmo quando eu não conseguia entender muito bem a situação vivida. Sinto profunda gratidão por ter tido os filhos que tive. Lembro-me, com o coração apertado, de cada um deles. Nenhum amor se lhes compara, nenhum outro. Lamento deixá-los. Cada um deles preencheu os meus espaços internos e fizeram de mim um ser humano melhor. Muito melhor. No quadro de avisos, dois recados. Deslizo carinhosamente meus dedos sobre as fotos, os cartões "te amo" e as fotos das mãos em coração, I love you. Eu também amo vocês. Para sempre, amarei.

Estou cansada, muito cansada. Não sei o que faço agora. Nenhuma vontade de nada. Nenhuma expectativa. Acho que sinto sono. Olho ao redor: nada de luzes brilhantes, escadarias azuis ou pessoas brancas e translúcidas...nada de vozes chamando o meu nome, nada de cenários surreais. Ainda sou eu. Aqui. Com muito sono. Muito cansaço. Não respiro mais e volto do profundo mergulho, das águas calmas onde me encontro. Chego à superfície mas superfície não há...

E mesmo assim eu vou!

Quando o corpo fala o espírito ouve ?

Ricardo Ryo Goto
São Paulo/SP

“Se, pois, a tua mão ou o teu pé te faz tropeçar, corta-o e lança-o para longe de ti; é melhor para ti entrares na vida aleijado ou coxo do que seres lançado com duas mãos ou dois pés no fogo eterno.” - Mateus-8,9.

"Quando o espírito falece, o corpo padece" - provérbio popular

Os dois eram muito amigos e planejaram re-encarnar numa mesma época, decididos a resgatar dívidas contraídas ao longo de sua jornada de aperfeiçoamento.

Obtido o consentimento para tal projeto, a um deles foi destinado nascer numa família abastada, de grandes posses materiais e ao outro numa família muito humilde e pobre.

Lúcio, cercado de fartos recursos e oportunidades, pôde se dedicar tranquilamente aos estudos, à formação física e intelectual, chegando rapidamente à condição de profissional gabaritado, com garantia de bons empregos, segurança e bem-estar.

Já Eduardo, filho mais velho numa família de oito irmãos, concluiu com dificuldade o segundo grau, tendo que ajudar no sustento da casa, já que o pai era alcoólatra e nunca se estabilizava em emprego algum.

Quando ambos já passavam dos 25 anos, Eduardo se candidatou a uma vaga na empresa em que Lúcio era já um diretor.

Depois de ser contratado, Eduardo, que começara como ajudante de produção, chamou a atenção de Lúcio, como é costume ocorrer entre almas que já conviveram em outras encarnações, mesmo que um véu de esquecimento cobrisse suas experiências pregressas.

A simpatia entre ambos foi recíproca, e sempre que Lúcio podia, ia ter com seu subordinado para com ele conversar.

Interessado no progresso de Eduardo, Lúcio aconselhava-o a retomar os estudos, a não se deixar intimidar por sua origem humilde, a poupar sempre que possível, a fazer os cursos de reciclagem que a empresa oferecia, a aproveitar as chances de promoção e até mesmo oportunidades que surgissem em outras empresas. Que zelasse pela sua saúde, não cometendo excessos, ou alimentando vícios, pois era ela que garantiria que ele tivesse ânimo e disposição para o trabalho. Quanto a constituir família, que esperasse juntar um bom "pé-de-meia" antes de se casar e ter filhos.

Eduardo aceitava de bom-grado os conselhos de Lúcio, como se os recebesse de um irmão mais velho, pois assim o considerava.

Desejoso de progredir profissionalmente, Eduardo voltou aos estudos e aproveitou todas as chances disponíveis até que encontrou numa firma concorrente a oportunidade de lograr êxito em sua carreira.

Mesmo a contragosto, Lúcio se despediu do amigo desejando-lhe felicidades.

A distância física interrompeu a convivência entre os amigos.

Crescendo em sua carreira, Lúcio formou família, amealhando, cada vez mais, bens e propriedades.

Eduardo, por sua vez, usufruía de um padrão de vida inesperado, divertindo-se como nunca, chegando a abandonar seus familiares, despreocupado com o futuro, compensando a privação sofrida durante a infância e adolescência.

Os anos se passaram, e apesar de todos os cuidados, Lúcio contraiu uma doença que resultou num sério dano ao coração, exigindo um transplante o mais rápido possível.

Com todo o seu patrimônio e influência, o máximo que conseguiu foi galgar algumas posições na lista de espera de transplante. Além disso, só podia rezar para que o milagre acontecesse.

Depois de alguns meses de espera, recebeu a notícia de que poderia se submeter à cirurgia com órgão de doador compatível.

Realizada a operação, Lúcio restabeleceu-se, levando uma vida quase normal.

Quando, já idoso, Lúcio desencarnou, teve a oportunidade de reencontrar seu antigo amigo que já se achava há alguns anos no plano espiritual.

-Oi Eduardo, como vai ?

-Bem, e você, Lúcio ?

-Acho que fiz grandes avanços em minha vida corpórea. Como foi a sua ?

-Bom, levando em conta que após meu desencarne disponibilizei meus órgãos a várias pessoas, inclusive você, posso contabilizar essas boas ações a meu favor, não é ?

-Então foi você que doou o coração? O que o matou ?

-Um acidente automobilístico. Eu dirigia embriagado, pois era etílico dependente.

-Que ironia. Se tivesse seguido meus conselhos à risca, não teria morrido, e eu não teria sido transplantado...

-Não é bem assim, meu amigo. O que o levou a ter problemas no coração foi o seu apego a controlar e organizar a vida nos mínimos detalhes, a manter tudo sob "rédea curta", a evitar surpresas, contrariedades, sofrimentos e frustrações, a querer ser o "dono do seu mundo". A necessidade de um transplante fez com que a decisão mais importante de sua vida - continuar ou não vivo - dependesse de um fator externo - a existência de um doador compatível. Sua própria crença o deixou enfermo, pois a preocupação em evitar repetir erros e acertar sempre num futuro imprevisível era tamanha que,em vez de viver o presente plenamente, você apenas reproduzia o passado e antecipava o porvir.

-Quer dizer que se você trilhasse pelo mesmo caminho teria problemas semelhantes ?

-Certamente. Mas eu fui por outro lado. A convivência com meu pai alcoólatra deveria propiciar nossa reconciliação, pois era esse o objetivo de meu

retorno à Terra. Eu deveria perdoá-lo, ser mais amável e generoso com ele, não priorizar "subir na vida", e sim relacionar-me bem com a família que me acolhera, e quando estivesse trabalhando em sua empresa, eu é que o aconselharia a se desapegar dos bens materiais e da necessidade de querer controlar tudo. Você seria mais despojado, sóbrio, resignado, tranquilo e equilibrado. Não teria nenhum problema sério de saúde como reação ao seu modo inflexível e orgulhoso de pensar. Eu, se tivesse aprendido com a experiência paterna, seria abstêmio, não teria sofrido um acidente por conta de excesso de bebida. Viciei-me em represália aos familiares e abandonei-os pela arrogância de achar que os havia superado com meu aparente sucesso econômico. Tentei viver sempre o presente, mas de forma inconsequente.

-Mesmo fracassando nos seus objetivos, você ajudou muita gente - tentou consolar o amigo.

-A Espiritualidade aproveitou as novas circunstâncias provocadas pela mudança dos planos para que eu pudesse auxiliar o maior número de espíritos, entre eles alguns desafetos. Foi um mal menor - resignou-se Eduardo.

-Trocamos os pés pelas mãos ? - perguntou Lúcio timidamente.

-Sim, falhamos novamente. A última experiência nos deu ilustração mas não a iluminação.

Cientes de que havia muito o que aprender sobre si mesmos, encheram-se de humildade e rumaram em direção à escola.



Quanto deles mora em nós?

Maria Carolina Fernandes Oliveira

Pouso Alegre/MG

O que soçobra
o que decola
nossos dias?

Preparar.

Não admito
mas repito
todas as manhãs.

Apontar.

Serpente escorregadia
falso rastro de bondade.
Quanto deles mora em nós?

Fogo.

Dois lados
um jogo de
certo, errado.

Vejo,
não vejo.
Quem fez?

Tornozeleiras eletrônicas.
sardônicas, cacofônicas,
dissimuladas.

Prisão domiciliar
para a mala da propina.
Mas qual será a sina





dos que estão do outro lado?

Preparar…

É a vaga do deficiente
e continuamos livres.
É a renda indeclarada
e continuamos livres.
São as férias da empregada
e como continuamos?

Apontar...

Um jogo de tabuleiro,
em que há sempre “nós”
e “eles”.

Fogo?

E o nosso lado é o das panelas,
das camisas patriotas.
Das janelas tão remotas
levantemos a bandeira!

Fogo!

Do peito estufado
da garganta arranhada
brota o grito genuíno
- Fora, corrupção!

Fogo!

Expulsamo-nos?

Odiamo-nos?

Quanto deles há em nós?

É fila que se fura

é identidade que se burla

é imposto que se usurpa

e é a pergunta que não se faz:

Em que lado nós estamos?

(Fogo?)

Preparar

Apontar

Fogo!

Regressão

Ivanildo Antonio dos Santos Pessôa
Capanema/PA

Vez por outra a vida insiste em
me fustigar saudades.
Coisas já esmaecidas pelo rodar
dos ponteiros, brincam de voltar
no tempo, assombrando memórias
e ressuscitando histórias que viviam
nos escaninhos do esquecer.

Vez por outra, gotas afloram em
olhos d’água, aspergindo amores
de há muito sepultados em caixas
de pandora.
Como é desconcertante, esse caminhar
pelo passado. É como revolver velhas
fotografias que se colorem de repente.

Vez por outra, a alma teima em vir
rebobinar segredos, ruas, praças, risos
e lembranças, num atropelo de nomes,
beijos e juras sopradas por entre os
abraços do sonhar , do descobrir, bem
por detrás de muros e pátios guardiães
dos quereres de inocências.

https://www.facebook.com/ivanildo.pessoa





Regressão

Penelope Jones
Curitiba/PR

Sobraram poucas lembranças do que foram. Na regressão a dois se viram pescando bagres gigantes em um barco na foz do Mekong. Se amaram sob o luar vietnamita, sem se importar com os olhares dos ribeirinhos que, indignados com aqueles dois homens sobre o rio acalmado, tomaram a justiça e os arpões nas mãos e limparam a honra das águas com o sangue dos profanadores. As dores no rosto, as mãos dadas apertando-se em igual intensidade e paixão. Eram romanas adúlteras que se amavam em segredo nos dias em que os maridos partiam para os lupanários de Pompeia. No calor da paixão desenfreada, dos seios em riste roçando prazeres, dos beijos molhados, dos sexos grudados, vertendo gozo e amor, não ouviram os primeiros gritos, as primeiras explosões. Quando deram por si, se olharam, sem lágrimas, sem desespero. Se abraçaram. Morreram em um último beijo sob as lavas e as cinzas do Vesúvio em festa, viraram estátua, história, lenda, amor eternizado no terror da morte. Agora se esvaíam em lágrimas, o passado escancarava as feridas, o sangue vertia tudo que não puderam ser. Despertaram do transe, se olharam. Desta vez Carla não fugiu do beijo escorrido pela boca. Maria não precisou roubá-lo. Saíram da sala entregues a elas mesmas, a uma história renovada, longe dos mares vietnamitas, da ira vulcânica, perto demais dos dias para serem felizes.



Regresso a Tombuctu

Alberto Arecchi

Pavia, Itália

Minha memória se confunde com a areia de mil praias,
e o sabor de mil amores, de longa duração
ou talvez apenas sonhados.
Sangue da terra, sonhos das meninas
ligam-me ao pó de terras distantes.
Se jamais você quiser me ver
você poderá chegar a Tombuctu,
antiga cidade na costa do grande rio,
com torres brancas e cúpulas douradas.
Terra vermelha da África suspensa no vento,
acima do mar, de matorrais e desertos.
Terra vermelha como o sangue derramado
que a areia seca absorve.
Vidas perdidas, que não vão gerar outras vidas,
porque foram absorvidas pelo nada
de uma tragédia sem sentido.
Os monstros insones da batalha
nos olhavam das colinas.
As crianças das bandas,
armadas com metralhadoras,
tomaram de assalto as ruas da cidade.
Vento de areia vermelha como sangue
cega os olhos sufocando o hálito.
O céu noturno é sem estrelas,
um cheiro azedo reina nos lares.
Três batidas na porta, alguém chamando.

-Eles estão vindo!- Um grito assustador.
Quebra o silêncio o rugido dos motores,
gritos perturbados quebram as sombras.
Homens ferozes com bandeiras negras
vêm para tirar nossas vidas.
Vamos voltar um dia para a cidade lendária.
O ouro desvaneceu-se, mudo é o mercado,
os muros brancos sentem o peso dos anos.
Nas ondas do rio o reflexo das garças,
silhuetas negras na última luz vermelha,
imóveis, à espera de sua presa.
Há um oásis no grande deserto
que abriga aqueles que se rebelaram
e não queriam mestre nenhum.
No oásis, um grande jardim
com datas, laranjas, romãs.
Perfume de jasmim ao redor
dos antigos túmulos.
A água flui da rocha, congelada na luz ofuscante,
entre os tufos da mimósea sensitiva,
molhando uma mangueira.
Não vai ser fácil de andar
até esse oásis, no coração do nada.
Quantas caravanas foram perdidas!
As areias estão cheias dos ossos
daqueles que falharam.
Prossiga sem hesitação, com as dunas no lado esquerdo.
O curso do grande rio vai levar você para o porto
entre os barcos que deslizam suavemente.
As lagoas refletem o sol e o vôo das garças.
O cormorão irá mostrar-lhe a direção.





As mangas irão oferecer-lhe refrigério.
A miragem no horizonte
das cúpulas douradas de Tombuctu.
A partir dos terraços brancos
as mulheres olharão para ti,
entre as pérgolas de jasmim.
E depois de milhares de milhas,
Depois da sede e do sol escaldante,
encontrareis descanso na brisa da noite.
O oásis vai-te acolher, enquanto o muezim
chamar os fiéis à oração.
Em Tombuctu também o rio um dia parou,
cansado de sua corrida sem fim.
Vento de areia, no sol nascente
a partir do mato árido e seco.
Nós seremos recebidos por amigos verdadeiros,
como se tivéssemos um compromisso
por muito, muito tempo esperado.
Vamos atualizar aquele ouro, reviver todas as fontes
derramando leite e mel
e vamos plantar flores coloridas
nos túmulos brancos.
No horizonte, o sol de um novo dia
perfura a escuridão que nos rodeia.

https://www.liutprand.it



Ressurreição 3.0

Eduard Traste
Florianópolis/SC

Ele pensava consigo mesmo:
vou criar o canal,
fazer o videozinho milagroso,
upar e pah,
viral mais rápido que Usain Bolt,
trending topics já na quinta-feira,
sexta deleto o canal,
sumo com tudo enquanto
me procuram,
sábado só sangue falso
enquanto todos lamentam
seguindo os mandamentos,
e domingo conforme planejado
retorno ao vivo
no canal ressuscitado
enfim, dízimos
please?

www.estrAbismo.net



Saber Viver

Nilde Serejo
São Luís/MA

De que vale viver nesse mundo sem nada saber
Acreditar na felicidade e não a conhecer
De que vale tantas palavras se as atitudes as calam
E o vento leva embora tudo que dizes sem verdade

A vida é a melhor escola que alguém pode ter
E aprender viver a vida é uma prova de fogo
Uma hora a gente acerta e segue feliz
Ou se queima na teimosia de tentar de novo

De que vale as mãos se não podem tocar
E acreditar no amor sem ter alguém para amar
Melhor mudar enquanto é tempo
Deixar o coração viver sem ilusões

Vamos aprender a dar um passo por vez
Para não ficar preso na própria armadilha
Sem ninguém para ajudar
E sorria pra vida, abrace, cante, encante
O mundo tem mil maravilhas
Não se prenda a um lance

Não espere nada siga seu caminho
No fundo a gente é sempre sozinho.

https://www.facebook.com/NildeSerejoOficial/



Sal da Língua

Wagner Azevedo Pereira
Rio de Janeiro/RJ

Não poria em dizer escrevendo
Não provaria em outra Língua
O que só em português pretendo
Construir o meu caminho *in* sua

Boa ideia para quando ninguém
Escuta a aliteração presente,
Percebe a assonância aquém,
Suspeita ou constatada mente

Elas não estão na folha de papel,
Nem na América e nem em nada
Estão no meu verso de Babel

Crio a lei que mais te agrada
Pois só aqui também sou bedel
Mas com o sal na medida exata.



Seja você

Juliana Souza

Sorocaba/SP

Sim! Eu gosto...
Eu gosto de muitas coisas,
De pessoas,
Dos cachorros,
Da cor azul,
Da coragem.

Daquele sorriso de canto de boca,
Dos sorrisos com os olhos.
E do tempo que eu perco,
mas que na verdade eu ganho ao lado das pessoas mais importantes.

Sim! Eu gosto...
De ter fé,
De acreditar na sorte,
Do meu sorriso quanto estou feliz,
Do jeito que fico com uma simples conversa produtiva,
Eu gosto da reciprocidade.

Eu gosto de me sentir e ser feliz,
Felicidade é sentimento que contagia,
Que se manifesta na alegria de ser,
Felicidade por existir.

Sim! Eu gosto...
De ser quem eu sou,
Do orgulho que tenho por quem me tornei,
Das mudanças de pensamentos, mas não de essência,
Das minhas loucuras!

Eu gosto...
Dos dias inesperados,

Das loucuras realizadas,
Dos sonhos viajados, sonhados ou imaginados.
E quem saiba um dia eu vou gostar ainda mais de todos os sonhos concretizados.

Eu gosto e também não gosto de muitas coisas.
Mas hoje escolhi o lado positivo da vida (ou da força)

E por isso, meu conselho é: Seja feliz!
Independente do que aconteça!
Independente das lutas que você carrega,
Independente de TUDO!
Você está vivo!
E para tudo, sempre existe uma solução.
O que não pode é desistir de ser feliz e ter fé na vida!

Seja você e siga seu caminho!
A vida está com os braços abertos esperando você e suas loucuras.. Então nunca esqueça de viver a vida e sempre ser você!



Só vê o lado bom do universo

Irane Castro
São Luís/MA

“... haja mar de gente ao redor ou não, a poesia é uma ilha singular, ímpar, finita cercada das ondas de sonhos e realidade.

Ora invenção ora apreciação.

Ir coração leve, tudo de meditação.

Só inversão do querer.

Dentre tantas opções e ações.

Noite dia e dia noite, vir de pé firme.

De horas, minutos e segundos É preciso astúcia, alinhamento e inventos.

Como a seguir de viajante busca de conhecimentos em paralela viagem de livros, leituras e praticas reais e foco para decifrar a história da história de algo, alguém e alguma coisa.

Atrela essência, destreza e inspiração para a mão escrevinhar as minúcias de tempestades de choro, alegria e vice-verso.

Chova ou faça sol.

Unicamente leva aquilo que creia.

Respira, inspira e não pira.

Ac’alma_te numa ventania de felicidade, cheio de amor em si e logo, onde flor a maré de sensatez.

Apenas vê o lado bom do universo.

De tal modo, bendizer o melhor viver tempo do agora - bem aqui em hoje!”





Solar

Hilário Aires
Batatais/SP

dessa viagem
que é pura existência
tudo se explica
pelo que toca na pele

o sol é mais que um poema
enquanto ilumina e aquece
o que consola e aflige
é a vida e seu destino premente

quem me olha do espelho
sabe quais são meus segredos
o que ficou em meus dedos
senti quando toquei seus cabelos

daqui até onde se chega
independe de quais caminhos se toma
esqueça de mim e me chame de volta
deixo-te um beijo pregado na porta

http://poesiatalcoisa.blogspot.com

Soneto da Esperança

Nercy Grabellos
Rio de Janeiro/RJ

Fecho os olhos, vejo Jesus,
O que fazer? Carrego a minha cruz.
Quanto sofrimento, mas não fico com tédio,
para toda dor tem um remédio.

Olho as estrelas no céu,
quantas coisas atrás do véu.
Saio, olho as pessoas que caminham,
nas ruas apressadas, nem se olham.

Sair desta vida de loucura,
continuar na eterna procura,
por aconchego e paz.

Na órbita da terra,
onde a busca se encerra,
tudo por amor e dor.







Soneto Sáfico

Massilon Silva

Aracaju/SE

Fiz inventário do meu erro fático,
Idas e vindas do meu ser estóico:
Enquanto faço-lhe um poema sáfico,
Você me escreve um soneto heróico.

Formalizei um parecer didático,
Organizei meu pensamento lógico,
Com minha ideia de sujeito laico
Contrariei seu pensamento hóstico.

Vou conquistá-la sem causar polêmica,
Sem me afastar da prática acadêmica,
Já consultei o manual, o Códex.

Para extirpar minha loucura endêmica,
E combater sua aridez sistêmica,
Hei de alcançá-la nem que seja à fórceps.



Surpresas


Surpresas
Mundo vazio
O lado sombrio
É estrelado.
Odirlei Lopes
Valente/BA



Tão Triste

Allan Fear
Belo Horizonte/MG

Após a morte de seu filho caçula de 5 anos, Ana Lúcia jurou que iria ao cemitério visitá-lo todos os dias.

Ana Lúcia era uma mulher de 37 anos, magra, de boa aparência e com algumas rugas aparecendo nos cantos dos olhos. Era casada há pouco mais de 10 anos e agora apenas lhe restava uma filha de 12 anos.

A pobre mulher estava arrasada, passava os dias a chorar. Seu filho querido havia saído para uma excursão com a turma da escola para uma bonita cachoeira que ficava nos arredores da cidade. Porém, o pobre rapazinho acabou se afogando, vitimado pela brincadeira maldosa de seus coleguinhas que o empurraram na água.

Fazia duas semanas desde a morte do pequeno Matheus e sua triste e arrasada mãe continuava indo visitar seu túmulo, levando flores, limpando e conversando com ele como se o menino estivesse ali. Dizendo o quanto ela o amava.

Foi então que Ana Lúcia passou a observar uma jovem moça, que aparentava seus 20 anos, magra, loira e muito bonita, que passava horas em frente a uma sepultura recente, chorando e chorando. Uma cena tão triste, Ana Lúcia entendia sua dor.

Quem a jovem moça teria perdido? Um pai? Uma mãe? Quem sabe um irmão ou talvez um filho? Ou grande um amor?

Com o passar dos dias, Ana Lúcia ficou intrigada com aquela jovem moça que ficava ali, ora sentada, ora de pé, em frente a uma sepultura, envolta em prantos e dor.

Foi naquele dia sombrio, silencioso e triste de uma segunda-feira nublada,

em que havia chovido horas atrás e o cheiro de terra molhada preenchia as narinas de Ana Lúcia, que ela adentrou o cemitério levando consigo flores, um balde e produtos de limpeza para o túmulo de seu querido filho.

Ana Lúcia chegou na sepultura do filho e avistou aquela jovem mulher, novamente como das vezes passadas, a pobre coitada estava desolada em frente ao túmulo. Chorando, tão triste. As lágrimas descendo por seu rosto de pele clara, enquanto ela era incapaz de conter suas fortes emoções.

Intrigada e partilhando de muito sofrimento pela perda de um ente querido, Ana Lúcia decidiu ir até aquela mulher, talvez uma conversa amigável pudesse acalmá-la.

-Oi, me desculpe interromper seu momento de tanta dor, mas recentemente perdi meu filho e estou arrasada também – falou Ana Lúcia ao se aproximar da jovem cujas mãos estavam sobre a face, seus ombros tremiam enquanto ela chorava e soluçava. -Quem sabe podemos conversar um pouco e assim você se acalma. Meu nome é Ana Lúcia.

A jovem tirou as mãos do rosto e se voltou para Ana Lúcia, que viu aqueles lúgubres olhos verde-acinzentados e vermelhos. Havia tanta tristeza naquele olhar suplicante, seu rosto era pálido e moldado pelas linhas de angústia e dor. Muita dor.

-Você pode me ajudar? – indagou a moça, numa voz embargada, falha, quase como um sussurro. Ana Lúcia notou que a jovem usava jeans e uma blusa laranjada. Ela não sabia dizer se era a mesma roupa dos dias anteriores, mas de certo era o mesmo estilo.

-Sim, minha querida. O que eu puder fazer por você. – disse-lhe Ana Lúcia e exibiu um sorriso amarelo. -Quem você perdeu?

Os olhos da jovem moça encontraram os de Ana Lúcia enquanto as lágrimas rolavam por sua face pálida. Seus lábios estavam sem cor e grossas olheiras sombrias estavam embaixo de seus olhos. Ela era tão bonita, mas toda aquela dor e amargura a tinham empalidecido, como um lindo desenho em papel que é amassado e pisoteado.

-Preciso que você me tire daqui, eu não aguento mais esse lugar. – falou a jovem entre soluços, seus ombros tremendo, a dor indizível afligindo-a. -Já faz dias que estou aqui, sofrendo, lamentando ante este túmulo. Eu não estou suportando mais essa aflição...

Aqui jaz Lizza Dalkher, 22 anos.

Foram as palavras que Ana Lúcia pronunciou em voz alta lendo a lápide ao lado da jovem moça.

-Lizza é sua irmã? – indagou Ana Lúcia, voltando o olhar para a jovem que pareceu confusa com sua pergunta, como se a pronúncia do nome a fizesse estremecer em uma confusa noção de realidade.

-Eu não tenho irmã. – por fim a jovem falou, piscando e encarando Ana Lúcia. -Eu sou Lizza Dalkher, é meu corpo que está enterrado aí.

Um arrepio gelado invadiu o corpo de Ana Lúcia, fazendo-a estremecer e cambalear um passo para trás enquanto estudava o pálido rosto da jovem, tentando entender se ela estava fazendo uma piada ou se, de repente, estava enlouquecendo.

-Você não está fazendo qualquer sentido, eu perdi um filho, por favor, não tente me assustar, está bem? – balbuciou Ana Lúcia confusa, de repente sentindo um súbito mal-estar. -Desculpe ter me intrometido, eu preciso ir...

-Não! – gritou a jovem, havia tristeza e fúria em seus olhos que fuzilavam os de Ana Lúcia, -Você disse que me ajudaria a sair daqui e eu preciso sair deste lugar horrível. Mas sempre que tento meu corpo me puxa de volta! Mas agora tive uma ideia que pode funcionar.

Ana Lúcia estava com medo, tentou se virar e correr, mas a jovem moça pulou sobre ela e um indescritível calafrio gélido, angustiante e depressivo invadiu todo seu corpo, congelando seus ossos, enquanto que de forma sobrenatural aquela garota se desfez em pleno ar, como se ambas houvessem se fundido em uma só pessoa.

Ana Lúcia sentiu uma espécie de névoa fria, como uma fumaça espessa, áspera e com um horrível gosto de podridão invadir suas narinas e boca, sufocando-a instantaneamente.

Ana Lúcia sentiu-se tonta, seus olhos se encheram de lágrimas e toda aquela tristeza da jovem moça a invadiu, se misturando com a sua dor e trazendo consigo um horror nefasto como se sua alma estivesse sendo despedaçada. Ela queria gritar, mas não podia, pois aos poucos ela começou a cair em uma escuridão profunda que a envolvia. Uma escuridão onde ela podia ouvir choros e gritos. Tão triste. Mas não havia como lutar contra aquela escuridão que terminou por engoli-la.

-Agora sim poderei sair deste lugar maldito! - falou Ana Lúcia, mas já não era ela no controle do seu corpo e sim o fantasma melancólico de Lizza Dalkher que a havia possuído.

https://noitesdehalloween.wixsite.com/allanfear

Terra das Alterosas

Karina Caputti
São Paulo/SP

A avalanche de concreto e rejeitos
Estimulada pela ganância e lucro
Rolou montanha abaixo dizimando tanta gente
Arrastando pelo caminho os direitos desiguais.

Oh, Minas Gerais quem te ama não vai esquecer
O dia que a sua paisagem campestre saiu do lugar
E sua bandeira esquecida pelo (des) governo vendido
Fez a Terra das Alterosas devastada chorar.

Ao redor do cenário degradado de vidas abatidas
Poderosos engravatados acionam seus interesses
Definindo o valor dos sonhos destruídos e vidas perdidas
Em meio aos corpos negociatas estratégicas
Pactuam as ações pelo mundo escárnio.

Quanto vale o lucro?
Vale a vida do trabalhador
Vale os sonhos da menina
Vale o desespero da família
Vale as lembranças dos amigos
Vale as casas em ruínas
Vale os animais em desalento.
O interesse do capital sobrepôs o humano
Vidas pelo caminho foi um acidente?
Desastre esperado, irresponsável e pressagiado
A terra acolhedora conta os seus mortos
Suplicamos, a humanidade vale mais!!!





Tua música

Raissa Silva
Mãe do Rio/PA

Dos acordes que faço,
Lembro teu cheiro, teu afago.
De nota em nota me ponho a perguntar
E agora? Oque será?

Se a nossa canção foi tão bela
Como jamais se ouviu outra igual,
Teus eram melodias cegas
Que enfeitavam meu carnaval

E de repente tudo ficou em silêncio,
Sem acordes, sem música, sem cor.
Tu me levaste a alegria e o encanto
Deixando-me somente a dor.

Porém, não se engane;
Achando que a canção está perdida,
Pois me encontrei subitamente,
Onde em ti, sempre estive perdida.

Um quadro

Eni Ilis
Campinas/SP

Flores na janela,
poeira no tapete.
Dias assim,
o céu ronca
e
não se quebra em chuva.
O relógio segue nos ponteiros sua ladainha,
a noite avança.
Fosse Clarice,
já estaria dormindo.
Não sou,
a noite avança sob meu olhar.



Um semestre de ternura

Ovidiu Bocsa

Romênia

Ele se lembra dos jardineiros ... quanto eles não amavam:
Além disso, um médico não pode amar seu paciente e molas de Dove.
Ela está dançando na primavera; ele anda num verão dourado;
Esse fim do mundo, foi; mas raios de sol ainda vêm aqui;

Ele quase entrou no copo, enquanto a tristeza ia para casa.
Um patinho com guarda-chuva escrevendo 100 cartas na cúpula;
Ele escreveu um romance como resposta, mas descansou em sua gaveta;
Esta caneta parece pertencer a ela; ele nunca mais usou isso.

"Eu esqueço quando me apaixonei por você
Foi então que minha vida se tornou nova
Nós rimos, amamos ... nem um momento para suspirar
Os ombros um do outro para se apoiar, quando nossas almas choram ... "

Em um livro, todo mundo sabe que a esperança do amor avançará.
Mas as lembranças repousam na chuva de ouro da França.
Sob as estrelas, alguns estranhos se encontraram por acaso.
"Sur le Pont D'Avignon, l'on y danse, l'on y danse ..."

Tão cheio de vida são nossos castelos do Vale do Loire
E jardins onde o vento verde sopra no beco;
Flores contando o quanto os jardineiros não amavam.
Velho demais era ele; ele estava com medo de pegar na gaiola uma pomba.



Um Solfejo em Tom Menor

Maurício Régis
Camassandí/BA

Na descortinada quarta-feira
Veio solfejar um beija-flor.
Que inquiriu a queixa,
Fanfarreando-se de uma flor.

Soprou-se fraca à cortesia,
Ainda que de uma parte.
Vez por outra renderia
A versalização se sobrasse.

Forçosa ideologia arranhada
De sobre uns cabelos.
Quão desmistificada, apagada;
Uma arrumação de cinzeiros.

Tiniria a pedra envelhecida
Do monte inventado pelo solo.
Sinuosa tentação atrevida,
Alucinógeno: aliança do ópio.

Veja mais clara à avenida,
Além de algazarras dos automóveis.
Lamparina de remendos e faísca,
Pedaços de aposento de móveis.

Em cada asfalto uma pendência,
Nos sinistros dos absurdos
A temível condolência
Em corrosíveis moribundos.



Verso sobre linhas tortas

Venâncio Amaral

Sorocaba/SP

Foi sobre linhas tortas
Que escrevi os versos
Os versos sinuosos
Transpondo que a vida
Não se escreve em linhas retas
É subida...
É descida...
É curva que não se espera
Freio de sola de pé
Que vai se gastando pelo caminho
Passo a passo, por passo
O tempo passará
A morte ao lado da ribanceira
Descansando com os olhos abertos
Esperando pelo instante
Em que o poeta
Com versos rápidos
Acabará sobrando na curva.



Vidros

Ícaro Marques Estevam
Coronel Fabriciano/MG

E com o passar do tempo
Vão se diluindo no descontento
Essas saudades de outrora
São formas inflamáveis da aurora
Que nos veste e nos lembram das horas
Tão curtas que passamos juntos

Capitães errantes do mundo
Velejamos até a despedida
Diferentes de todas as outras
É que no plano etéreo profundo
Existências se quebram, ardidas
Estilhaçando lembranças tolas.

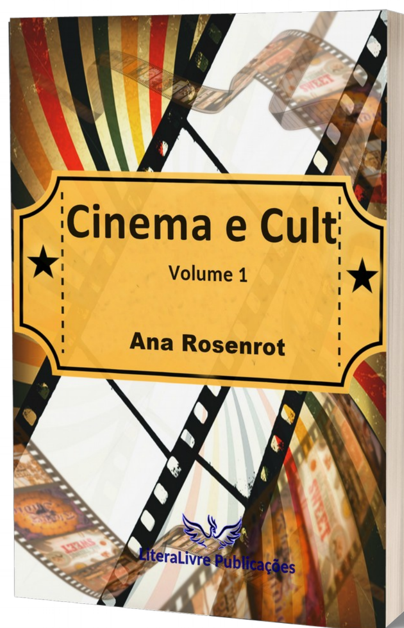
@icaromarques57



Cinema e Cult – venha se apaixonar pela sétima arte!!

Um livro sobre cinema, feito por quem ama cinema!!

Sinopse:



Para conhecer e compreender melhor o mundo mágico da sétima arte, este livro traz os textos atualizados de todas as edições da Coluna CULTíssimo, criada pela escritora e cineasta Ana Rosenrot e publicados originalmente na Revista Suíça Varal do Brasil (ISSN 1664-5243) entre 2014 e 2016.
Com linguagem acessível para o público em geral e também para estudantes de cinema, Cinema e Cult aborda a importância do cinema como ferramenta histórica e cultural e sua capacidade de transgredir, acompanhar e modificar conceitos, quebrar tabus e incentivar o livre pensamento e a reflexão.

Recanto das Letras (Versão Digital Gratuita):

https://www.recantodasletras.com.br/e-livros/6514745

Amazon Kindle(ebook):

https://www.amazon.com.br/Cinema-Cult-1-Ana-Rosenrot-ebook/dp/B07KSN5Y95

Clube de Autores (Versão Impressa):

https://www.clubedeautores.com.br/ptbr/book/267359--

Participe da Antologia Pesadelos Mórbidos

A Antologia Pesadelos Mórbidos, é organizada pela escritora Lavínia Cheyene e será lançada inicialmente na Amazon, no formato Kindle.

Todos podem participar gratuitamente! Não percam!!

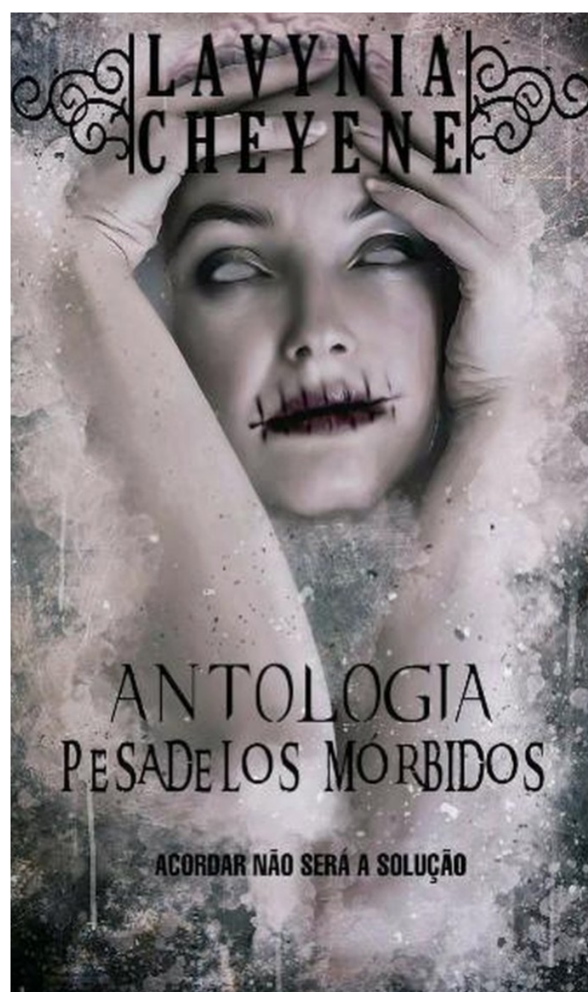
Tema: Pesadelos (Não precisa ser inédito)

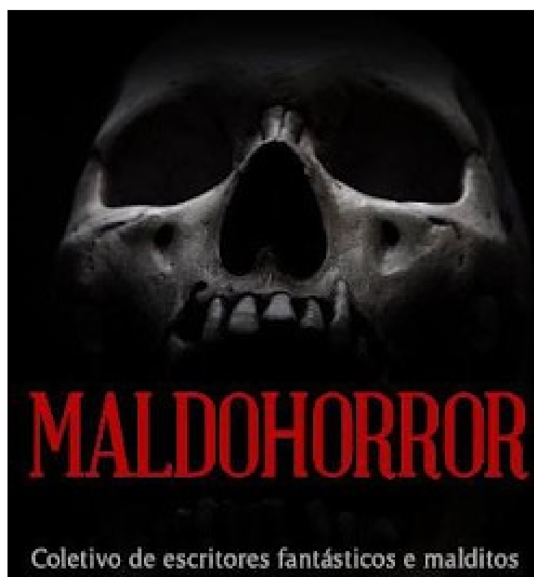
Até 12 páginas

Prazo: 5 de maio

Endereço para envio de textos ou dúvidas:

Lavyniabretas7@gmail.com





Maldohorror - Coletivo de escritores fantásticos e malditos

Aventurem-se lendo o que há de melhor na literatura de Terror/Horror. Visite o site do Coletivo Maldohorror, que reúne os melhores contos de terror, poesias malditas, crônicas ácidas e histórias imorais, escritos por autores consagrados e também por iniciantes, numa grande mistura de estilos.

Site oficial:
www.maldohorror.com.br

Página do facebook:
https://www.facebook.com/maldohorror/

Conheçam o site e o Jornal Diário da Poesia

Criado por um grupo de artistas de São Gonçalo, Rio de Janeiro, o Diário da Poesia divulga a arte em todas as suas formas.

Convido os amigos para conhecer o site e ler o jornal, que muito gentilmente publicou uma matéria sobre a LiteraLivre.

Site do Diário da Poesia:

http://diariodapoesia.com.br/

Matéria sobre a LiteraLivre:

http://diariodapoesia.com.br/2019/03/cineasta-cria-revista-de-arte-gratuita-conheca-a-revista-literalivre/



LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:

Canal "Conto um Conto" - Canal do Youtube criado pelo locutor Marcelo Fávaro, onde podemos "ouvir" clássicos da literatura mundial. O canal proporciona entretenimento inclusivo e de qualidade para todos os amantes da boa literatura; tem Guimarães Rosa, Monteiro Lobato, Stephen King, Edgar Allan Poe, Machado de Assis e muito mais.

Conheçam, se inscrevam e aproveitem.
Ouvir histórias é relaxante e instrutivo!!

https://www.youtube.com/channel/UCsqheVzvPGoI6S3pP3MBlhg

Conto um Conto
6.685 inscritos
INSCREVER-SE 6,6 MIL
INÍCIO VÍDEOS PLAYLISTS COMUNIDADE CANAIS SOBRE
Envios REPRODUZIR TODOS CLASSIFICAR POR

Grande Sertão: Veredas - Parte 21 - Audiolivro - Cont... 26:09 — 33 visualizações • 12 horas atrás
#185 - Arthur Clarke - Nove Trilhões de Nomes de Deus ... 22:59 — 351 visualizações • 2 dias atrás
#184 - Edgar Allan Poe - Pequena conversa com um... 1:01:05 — 411 visualizações • 3 dias atrás
#132 Nas Montanhas da Loucura - Vídeo 9 Final -... 1:06:33 — 326 visualizações • 4 dias atrás
#183 - Zenod - Alessandro Extro - Conto um Conto 9:53 — 228 visualizações • 1 semana atrás
#182 - Florbela Espanca - A Morta - Conto um Conto 20:44 — 320 visualizações • 1 semana atrás
#181 - Edgar Allan Poe - O Demônio da Perversidade -... 26:56 — 556 visualizações • 1 semana atrás
#180 - Rubem Fonseca - Passeio noturno - Conto um... 21:24 — 336 visualizações • 1 semana atrás

"Blog Concursos Literários" - Blog criado em 2011, com o objetivo de divulgar editais e resultados de concursos literários e prêmios literários.

É considerado por muitos autores como uma fonte completa e acessível de editais e resultados de premiações realizadas no Brasil e em todo o mundo. O projeto também é elogiado por não incluir em suas postagens os concursos que cobram quaisquer taxas de inscrição ou publicação dos autores. Além disso, muitos organizadores de concursos literários reconhecem este espaço como uma referência no apoio à divulgação.

Acessem o site e conheçam os Concursos do mês, do ano e as seleções permanentes:

https://concursos-literarios.blogspot.com.br/

CONCURSOS



LITERÁRIOS

Blog RMBS Rock

Criado pelo talentoso J. Marcos B., o blog RMBS Rock, traz um pouco de tudo: Música, Cinema, Literatura, HQs e muito, mais muito entretenimento de qualidade e bom gosto.

Com uma interface bonita e bem organizada, o blog é uma ótima alternativa para quem procura conteúdo variado e eclético.

Visitem e prestigiem o RMBS Rock!!

https://rmbsrock.blogspot.com/

RMBS Rock

Et clamor meus ad te veniat...

Página inicial | Bandas Baixada Santista | Sétima Arte | Literatura | HQs | Web | Estúdios

Sétima Arte

Documentários, Curta Metragens, Seriados, Opera Rock, Shows...

Revista SerEsta

Criada por um grupo de escritores, ilustradores e fotógrafos, a Revista SerEsta é uma publicação semestral, virtual e independente, que nos traz mais um importante espaço para divulgação da literatura e da arte.
A segunda edição traz uma entrevista com Claudia Brino e Vieira Vivo e homenageia o grande artista ZIRALDO.

https://revistaseresta.blogspot.com/p/edicoes.html









"Casa Brasil Liechtenstein" - uma organização cultural criada para promover eventos e cursos para brasileiros na Europa.

https://www.facebook.com/casabrasil.li/





"Mulheres Audiovisual" - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portfólio e participe:

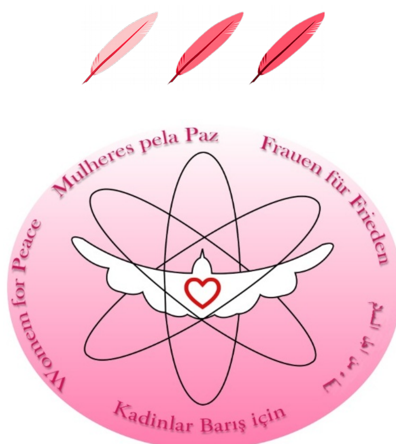
http://mulheresaudiovisual.com.br/

Elemental Editoração"



Elemental Editoração é um selo editorial independente do qual edita e publica livros nos formatos impressos e digitais sem qualquer vínculo com editoras.

https://seloee.weebly.com/



Mulheres Pela Paz - Frauen für Frieden - Ong criada na cidade da paz Augsburg, na Baviera - Alemanha, que promove ações entre cidadãs e cidadãos da Terra, criando um intercâmbio cultural de Paz através das Artes.

O projeto, que tem como curadora a escritora e Embaixadora da Paz Alexandra Magalhães Zeiner, tem realizado ações por todo o mundo, promovendo encontros, saraus e apoiando iniciativas que visam a inclusão social, a defesa do meio ambiente, a igualdade e a paz para todos os povos.

https://www.facebook.com/Mulheres-pela-Paz-Frauen-f%C3%BCr-Frieden-6642538000869/



Modelo de envio de textos para publicação na revista

No meio do caminho **(título)**

Carlos Drummond de Andrade **(nome para publicação – este nome não será trocado)**

Rio de Janeiro/RJ **(cidade e estado onde vive – país somente se for do exterior)**

(no máximo 3 textos com até 3 páginas)

(texto – utilize fonte arial ou times new roman)

No meio do caminho tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
tinha uma pedra,
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento,
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho,
tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
no meio do caminho tinha uma pedra.

https://www.pensador.com/melhores_poemas_de_carlos_drummond_de_andrade/

(site, página ou blog – pessoal ou de divulgação de obras)



Vamos mudar o mundo através das palavras!!

http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre

https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre/